



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA YNAYÊ CORDEIRO DE MEDEIROS

**O QUE DIZEM AS MÃES DO INSTAGRAM SOBRE A DUPLA MATERNIDADE
HOMOAFETIVA?**

RECIFE
2023

BÁRBARA YNAYÊ CORDEIRO DE MEDEIROS

**O QUE DIZEM AS MÃES DO INSTAGRAM SOBRE A DUPLA MATERNIDADE
HOMOAFETIVA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia.

Orientador: Profº. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.

RECIFE

2023

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

M488q Medeiros, Bárbara Ynayê Cordeiro de.
O que dizem as mães do Instagram sobre a dupla maternidade
homoafetiva? / Bárbara Ynayê Cordeiro de Medeiros. – 2023.
136 f. : il. ; tab. ; 30 cm.

Orientador : Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2023.

Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Maternidade lésbica. 3. Dupla maternidade. 4.
Maternidade homoafetiva. 5. Duas mães. I. Fonseca, Jorge Luiz Cardoso
Lyra da (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2024-041)

BÁRBARA YNAYÊ CORDEIRO DE MEDEIROS

**O QUE DIZEM AS MÃES DO INSTAGRAM SOBRE A DUPLA MATERNIDADE
HOMOAFETIVA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia. Área de concentração: PSICOLOGIA.

Aprovado em: 05/04/2023.

BANCA EXAMINADORA

Participação via Videoconferência

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (Presidente/Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof.^a. Dr.^a Ana Paula Uziel (Examinadora Externa)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Participação via Videoconferência

Prof.^a. Dr.^a Vivian Matias dos Santos (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

OBSERVAÇÃO

A defesa em epígrafe foi realizada integralmente, por videoconferência, envolvendo a Banca Examinadora e a discente, através de recursos de videoconferência, que possibilitaram realizar a discussão acadêmica sobre o objeto de estudo, com som e imagem.

À minha mãe, que me criou para o mundo.

À minha avó, que não sabia ler.

AGRADECIMENTOS

À minha querida e amada esposa, Luísa, meu porto seguro, com quem constituo nossa família de duas e nutro nosso doce desejo de vê-la crescer em um mundo mais justo, diverso e igualitário.

À minha mãe, Elione, por sempre fortificar em mim a noção de que a Educação e a Ciência são os melhores caminhos para investir nossas indignações e vontades de mudar o que incomoda. À minha irmã, Beatriz, por ser suporte ao longo de todas as minhas caminhadas.

Agradeço também aos meus sogros, Carlos e Edda, pela escuta constante e investimento afetivo tão caro à nossa família colorida.

Nesse tempo de pandemia e distanciamento, escrevi esta dissertação tão brasileira em territórios húngaros. Dessa forma, sigo agradecendo ao meu orientador, Jorge Lyra, que me acolheu em seu grupo de pesquisa e sustentou bravamente todos os entraves que fizeram parte do caminho na construção deste texto. Agradeço aos meus colegas do GEMA, pela tão solícita escuta à distância durante esses dois anos e pelas contribuições extremamente caras às reflexões aqui feitas.

À Monique Pfeifer e Pedro Rafael, meus parceiros de vida, por mais de uma vez terem lido e relido meus trabalhos ao longo deste período. Pelo suporte, atenção e amizade, muito obrigada! Agradeço também à Bárbara e Diandra, por terem topado servir de cobaia para a acessibilidade dos meus discursos.

Ao meu chefe, Robert Tripon e à minha colega, Eva Fizca-Nagy, por terem me possibilitado no trabalho condições para que eu pudesse assumir assuntos vinculados ao mestrado. Agradeço à FACEPE, pela bolsa ofertada ao longo dos primeiros meses, que me permitiu engajar no curso e me organizar no mundo concreto diante dele.

Por fim, agradeço a todas as mulheres que corajosamente se colocam nas redes sociais, expondo suas vidas enquanto entidades políticas e pautando as suas e as nossas famílias pelo mundo, por lutarem por elas e por todas nós que desejamos um Brasil mais equânime. Muito obrigada!

RESUMO

O contexto brasileiro sempre se configurou como desafiante para existências que ousam ir de encontro às normas heterocisnormativas, sendo os direitos LGBTQIA+, adquiridos nos últimos anos, o resultado de muita luta de movimentos sociais organizados e constituídos por essa parcela da população. Entretanto, os retrocessos de cunho ultraconservador vistos pelo mundo nos últimos anos, vêm atacando essas comunidades cada vez mais. Os meios digitais são, dentro desse contexto, utilizados enquanto um ambiente onde esse tipo de discurso tem um protagonismo de disseminação importante. Nesse meio, no entanto, mulheres homossexuais, que juntas exercem a parentalidade de uma criança, expõem, ao lado de diversas outras comunidades dissidentes, suas opiniões, militâncias, embates e cotidianos junto aos seus filhos. Com base nisso, este trabalho buscou identificar os sentidos produzidos a respeito da dupla maternidade homoafetiva por mulheres homossexuais na Rede Social *Instagram*. Para contemplar tal objetivo, utilizou-se as legendas de postagens encontradas nos perfis dessas mulheres. Esse conteúdo foi transcrito e organizado em três Repertórios Interpretativos, no sentido de possibilitar a análise de discurso, sendo eles: C1) Amamentação e a construção da maternidade, C2) LGBTFOBIA e C3) Tipos familiares, parentalidade e estilos parentais. Foi possível identificar a discussão da amamentação enquanto extremamente relevante nas postagens encontradas, a vivência da LGBTfobia enquanto uma constante enfrentada por essas famílias que precisam lidar com a tentativa social de enquadrá-las em modelos heteronormativos, desqualificadores de suas formas e especificidades parentais. Além disso, pôde-se observar uma abertura singular às discussões vinculadas a papéis de gênero e parentalidades atenciosas ao cuidado emocional junto às crianças. Entende-se, portanto, que a dupla maternidade homoafetiva é mais um tipo de maternidade, com especificidades que a tornam única perante outros tipos e que a diversidade parental é, na realidade, a norma entre as famílias brasileiras e não a exceção. Pretende-se com este trabalho favorecer e possibilitar a abertura de estudos dentro da Psicologia com relação aos outros tipos de família que não só a formada por pai, mãe e criança; modelo que, apesar de considerado enquanto norma não se configura enquanto hegemônico na sociedade brasileira cuja composição e atribuição do cuidado infantil é majoritariamente feminina.

Palavras-chave: maternidade lésbica; dupla maternidade; maternidade homoafetiva; duas mães.

ABSTRACT

Brazil has always been a challenge for the ones that challenge heterocisnormative and the lgbtqia+ rights acquired in recent years came with the struggle from movements organized and constituted by this part of the population. Although this reality is not new in this context, the past few years have been configured as huge step backs with the worldwide advent of ultraconservative discourses that are based on the fight against a supposed “gender ideology”. According to these groups, the lgbtqia+ communities would be using a “antifamily speech” in order to claim for rights which They should not have. Digital media are thus used as an environment where this type of discourse plays an important role in its dissemination. In this environment, however, homosexual women who together parent a child expose, alongside several other dissident communities, their opinions, militancy, clashes and daily lives with their children. With that in mind, this work sought to identify the meanings produced about dual motherhood by homosexual women on Instagram. To achieve this goal, captions of posts found in profiles of homosexual women who exposed their daily life on Instagram were used. These profiles were found from a process Where relevant profiles were mapped through the use of hashtags extracted from Instagram by its search tool. These subtitles were transcribed and organized into three Interpretive Repertoires in order to enable discourse analysis, those are: C1) Breastfeeding and motherhood meanings, C2) LGBTPHOBIA and C3) Family types and parenting styles. It was possible to identify the debate about breastfeeding as extremely relevant in the posts found, the experience of lgbtphobia as a constant reality faced by these families who are in frequent need of dealing with the social attempt to frame them in heteronormative frameworks that try to disqualify their parental forms and specificities and a unique openness to discussions linked to gender roles and parenting linked to emotional care for their children. It is understood that double motherhood is another type of motherhood with specificities that make it unique compared to other types and that parental diversity is, in fact, the norm among Brazilian families and not the exception. The aim of this work is to favor and enable openings of studies within Psychology in relation to other types of family than just the one formed by father, mother and child (a model that, although considered as a norm) is not configured as hegemonic in society. Brazilian whose composition and attribution of childcare is mostly female.

Keywords: lesbian mothers; motherhood; LGBT families; two moms; LGBT.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	13
2.1	OBJETIVO GERAL	13
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
3.1	A BUSCA	14
3.2	PANORAMA DESCRITIVO	14
3.3	MATERNIDADE	16
3.4	DEBATES ATUAIS EM TORNO DA DUPLA MATERNIDADE HOMOAFETIVA	18
3.5	O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL E OS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS	22
3.6	SOBRE A ESCOLHA DOS TERMOS E PRERROGATIVAS TEÓRICAS A ELES RELACIONADAS	25
4	CONSIDERAÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4.1	O CONSTRUCIONISMO SOCIAL	30
4.2	REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS	31
4.3	UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DE GÊNERO	32
4.4	O AMBIENTE VIRTUAL E O INSTAGRAM	33
5	PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES	36
5.1	FASE I: BUSCA DE HASHTAGS	36
5.2	FASE II: BUSCA DE PERFIS	38
5.3	FASE III: BUSCA DE PERFIS DENTRO DOS PERFIS SELECIONADOS	39
5.4	FASE IV: LEGENDAS	39
5.5	OS REPERTÓRIOS E SUAS QUALIFICAÇÕES	40
6	PERSONAS	42
6.1	LAÍSE	42
6.2	GABRIELA	43
6.3	ANA JÚLIA	45
6.4	MARIA	46
6.5	LUANA	48

7	RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
7.1	QUEM SÃO AS MÃES SOBRE AS QUAIS FALAMOS?	49
7.2	A AMAMENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DAS MATERNIDADES	52
7.3	A LGBTFOBIA NA VIVÊNCIA DAS FAMÍLIAS E O DOADOR	56
7.4	TIPOS FAMILIARES, PARENTALIDADES E ESTILOS PARENTAIS	59
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	65
	APÊNDICE A – POSTAGENS	70
	APÊNDICE B – LISTA DETALHADA DE REPERTÓRIOS	130
	APÊNDICE C – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: LISTA DE TEXTOS	131

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil e o mundo vêm sofrendo com a disseminação quase que descontrolada de uma corrente conservadora de ultradireita, pautada no moralismo e fundamentalismo religiosos com o intuito de contrariar mudanças percebidas como ameaças mortais às tradições, costumes e valores supostamente naturais (Reis, 2020). Dentre essas ameaças, as pautas de gênero são tidas como uma das principais questões sobre as quais esses grupos alegam precisar fazer frente. Assim, as chamadas pautas antigênero, ou anti “ideologia de gênero” são propostas como um de seus principais pilares ideológicos.

Tal termo – “ideologia de gênero” – surge pela primeira vez no meio político brasileiro nos anos 2000, através do deputado Elimar Damasceno. Ele foi cunhado em um cenário ultracatólico e tem como intuito desacreditar teorias heterogêneas e complexas que propõem a desnaturalização dos sexos e a discussão dos papéis de gênero (ABIA, 2021). Hoje, é amplamente utilizado por igrejas evangélicas neopentecostais e grupos ultracatólicos no Brasil, na tentativa de fomentar no imaginário dos fiéis a existência de um inimigo comum e produzir capital político.

Angariando força em prol da família tradicional (formada por homem, mulher e criança heterossexuais e cisgêneros¹), tentam reafirmar a instituição matrimonial, os moldes do sexo para fins reprodutivos, o parentesco por relações sanguíneas e a constituição natural e imutável dos sexos, maternidade e papéis atribuídos aos homens e mulheres. Colocam, dessa forma, em posição de escárnio e desacreditização as homo e transexualidades, as famílias homoparentais e todas as outras construções e estabelecimentos pragmáticos que se proponham a questionar a “ordem natural e bíblica do mundo” (Junqueira, 2018).

Assim, no sentido de angariar fiéis, não raro a estratégia de fomento ao pânico moral² é utilizada para fortalecer discursos de defesa da “família tradicional”. Ou seja, na tentativa de

¹“Cisgênero é uma palavra cunhada no final do século XX e que ganha difusão principalmente no século XXI como um operador conceitual, ou seja, por seu uso tornar possível nomear um conjunto de pessoas (cisgênero, cissexual), é ferramenta discursiva para denunciar violências que as populações travestis, transexuais, transgêneras e não binárias estão submetidas por não se adequarem à normalidade suposta, esperada e compulsória. Cis é uma preposição latina que, quando relacionada ao tempo, designa algo anterior ou interior e, quando relacionada a espaço, refere-se a um lugar próximo ou do mesmo lado (Oxford, 1968, p. 327). O termo cis, como preposição, rege o elemento posterior, assim o termo consequente (gênero/sexual/norma/sexismo) cumpre o regime estabelecido pela preposição. Se transgênero remete às pessoas que assumiram na vida adulta uma expressão de gênero (binário ou não) diferente ou complementar daquela atribuída ao nascer, cisgênero designa pessoas que se mantiveram no sexo designado”.

²Pânico moral é aqui concebido sob os termos citados por Junqueira (2018), que se utiliza de Cohen (2011) para definir o conceito enquanto “inerentemente normativos e caracterizados quando a preocupação que suscitam aumenta em desproporção ao perigo real e gera reações coletivas também desproporcionais”.

fomentar nos indivíduos a noção de uma ameaça à ordem, à segurança, ao bem-estar natural e social de seus filhos e famílias. Para seu fomento, é utilizada a estratégia do fomento de teorias conspiratórias pautadas em um dito satanismo, supostamente disseminado por “vertentes esquerdistas” que teriam como intuito destruir a existência da, em tese, “única família natural possível”, formada através do matrimônio e de uma perspectiva sexo-reprodutiva. As crianças estariam, assim, em risco constante de uma suposta contaminação moral de um grupo de mal-intencionados.

Essas prerrogativas foram extremamente importantes para a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018 e em sua quase vitória em 2022. Constituíram, também, pressupostos ideológicos importantes para a concepção das políticas públicas de seu governo, pautado no fortalecimento da família tradicional. Essas, não oferecem parâmetros para a inclusão da diversidade familiar brasileira, em defesa de uma constituição única, esvaziando de recursos ações de promoção aos direitos humanos, compreendidos como sendo de encontro a tais valores. Com isso, tiraram do horizonte a possibilidade de a família poder ser um espaço reprodutor de violência, desassistindo, assim, a população infantil que tanto diziam defender, principalmente quando consideramos que 80% (oitenta por cento) das denúncias de assédio e abuso sexual infantil demonstram serem tais crimes colocados em prática dentro das famílias nucleares ou extensas (ABIA, 2021).

Além disso, como consequência do conservadorismo supracitado, a intensificação de práticas LGBTfóbicas em sua manifestação discursiva e física e a perseguição de estudos de gênero e de direitos da população LGBT vêm aumentando ainda mais no Brasil. A pandemia veio de forma a intensificar essa realidade. Com o desmantelamento de políticas públicas e o estancamento de investimentos para esse segmento populacional, o agravamento das condições financeiras, piora da saúde mental e afastamento da rede de apoio se agravou nesse período dado à quarentena, isolamento social, fechamento de escolas etc. (Vota LGBT, 2021).

Ao mesmo tempo, essas narrativas são constantemente veiculadas em meio digital, ambiente no qual o bolsonarismo se construiu e se estabeleceu ao longo dos anos com o uso, inclusive, de *fakenews*, ou notícias falsas, que tentam associar aos grupos anteriormente citados atividades consideradas como perversas pela sociedade geral, como a pedofilia, por exemplo. Assim, o *WhatsApp* e o *Telegram* (aplicativos de mensagens instantâneas), o *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e o *TikTok* (dentre outros meios de comunicação virtual) acabam por se transformar em cenários de disseminação e fortalecimento de militâncias fundamentalistas.

Paralelamente, grupos considerados nesse contexto como contra hegemônicos, também se utilizam desse ambiente para disseminar suas ideias, cotidianos, formas de vida, pautas de luta e questionamentos no sentido de ampliar a discussão e agir de forma crítica com relação a pautas conservadoras. Dentre eles, estão as mulheres que juntas exercem a maternidade, em famílias constituídas por duas mães, ou seja, mulheres que exercem dupla maternidade homoafetiva. A partir do compartilhamento escrito de seu cotidiano³, disseminam discursos com base em seu próprio conjunto de valores e ideologias associadas ao que seria a dupla maternidade homoafetiva e ao que seria ser uma mulher (Souza, 2020).

Esse cenário vira, assim, uma arena de disputas de discursos que refletem a vida material concreta. Sendo eu uma mulher *cisgênera*, bissexual, casada com outra mulher, acompanho perfis com os quais me identifico nas redes sociais, inclusive a respeito da maternidade em si. Ao longo da minha carreira enquanto psicóloga, tive a oportunidade de trabalhar em um hospital maternidade da rede pública, na condição de Residente. Essa experiência despertou em mim uma curiosidade singular a respeito da temática que, desde então, vem se tornando um objeto de estudo para mim. Pude, assim, ter acesso e acompanhar a evolução dessas histórias de perto, em um contexto em que a invisibilização e discriminação intensificadas pelas ações antigênero, sistematicamente implantadas através de frentes educacionais e socioassistenciais, colocam o cotidiano LGBTQIA+ sob prerrogativas dramáticas. Em um território de trocas, essas mulheres redemarcam possibilidades e criam redes de debate e suporte em torno de suas próprias realidades.

Assim, mães que exercem maternidades contra hegemônicas, sendo elas lésbicas, bis e trans, casadas, unidas civilmente ou mães solo, compartilham sua realidade cotidiana junto aos seus filhos e repercutem suas histórias nas redes sociais. Também compartilham outras possibilidades de família, novas formas de enxergar a parentalidade e visibilizam outros moldes de maternidade, ao mesmo tempo em que, às vezes, reproduzem antigos modelos maternos. Dessa forma, considerando ser a dupla maternidade homoafetiva, assim como a maternidade de forma geral, um fenômeno construído social, cultural e historicamente, vivenciado singularmente por cada sujeita, detendo uma perspectiva política importante que aponta para questões de gênero e das sexualidades (Scavone, 2001), este trabalho buscou investigar quais são os sentidos produzidos na rede social *Instagram* a respeito da dupla maternidade homoafetiva por mulheres que se relacionam com mulheres.

³Faz-se importante aqui esclarecer que este trabalho faz um recorte populacional e leva em consideração especificamente pessoas digital e letradamente alfabetizadas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Identificar os sentidos produzidos a respeito da dupla maternidade homoafetiva na rede social *Instagram* por mulheres que se relacionam com mulheres.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar perfis de mulheres que se relacionam com mulheres, exercem dupla maternidade homoafetiva e possuem engajamento relevante na rede social *Instagram*;
- Mapear *hashtags* que concatenam postagens relacionadas à dupla maternidade homoafetiva no *Instagram*;
- Selecionar postagens que discorram sobre o cotidiano dessas famílias em sua vivência parental.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 A BUSCA

Para realização do trabalho investigativo sobre o que está sendo dito a respeito da dupla maternidade homoafetiva⁴, foi feita uma pesquisa bibliográfica através do Google Acadêmico, com o objetivo de estabelecer um panorama geral sobre tal temática. Essa base de dados foi utilizada por concatenar diversas outras em uma só. Utilizou-se os termos “maternidade lésbica”, “dupla maternidade e “homoparentalidade” para a busca, afinando os resultados por textos que contivessem essas expressões apenas em seus títulos. Esse procedimento resultou em um total de 32 textos.

A partir disso, as referências desses textos foram consultadas e aquelas que se repetiam com mais frequência ou que pareciam pertinentes ao objetivo foram selecionadas. Desse modo, 20 textos foram somados ao total, resultando agora em 54 textos (Apêndice C). O material foi lido e fichado de forma a possibilitar uma organização das ideias e facilitar o processo de escrita aqui presente.

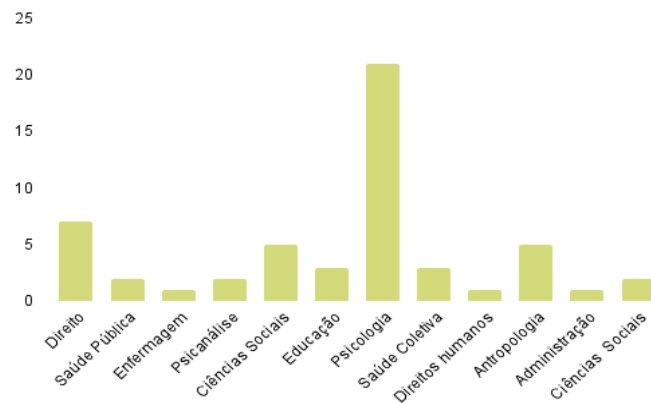
Com base nisso, as informações obtidas serão dispostas da seguinte forma: primeiro, faz-se um panorama descritivo geral sobre os achados; em seguida, uma breve discussão em torno dos termos utilizados para nomear a dupla maternidade. Após, uma breve contextualização a respeito dos debates em torno da maternidade como fenômeno e, por fim, contextualiza-se quais foram as principais discussões encontradas na literatura acadêmica acerca especificamente da dupla maternidade em si e das formas nas quais essa pode ser concretizada.

3.2 PANORAMA DESCRITIVO

Dos 54 textos encontrados para a realização desta pesquisa preliminar, 18 foram dissertações, 34 artigos científicos e duas teses de doutorado. As principais grandes áreas de discussão foram 12, sendo as quatro mais relevantes numericamente as seguintes: Psicologia, Direito, Ciências Sociais e Antropologia, como explicitado no gráfico a seguir.

⁴Composição familiar estabelecida por duas mulheres que juntas maternam uma criança.

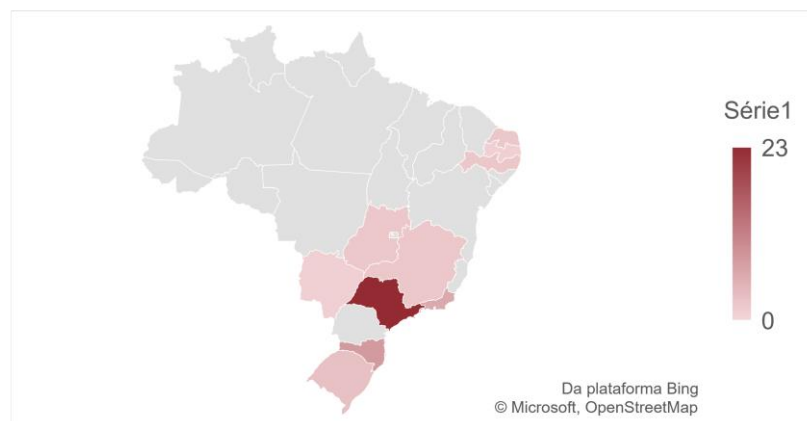
Gráfico 1 - Grandes áreas



Fonte: A Autora (2023).

A maioria das autoras foram mulheres (85%) e a região onde mais foram encontradas produções a esse respeito foi a Sudeste, com destaque nas capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo e da região Sul, onde se destacou Florianópolis e Santa Catarina, sobre mulheres também moradoras de tais regiões⁵. Interessante enaltecer que essas cidades alojam centros de estudo sobre gênero e sexualidade, o que pode ter influência no número de publicações nelas desenvolvidas.

Figura 1 - Mapa de produções por Estado

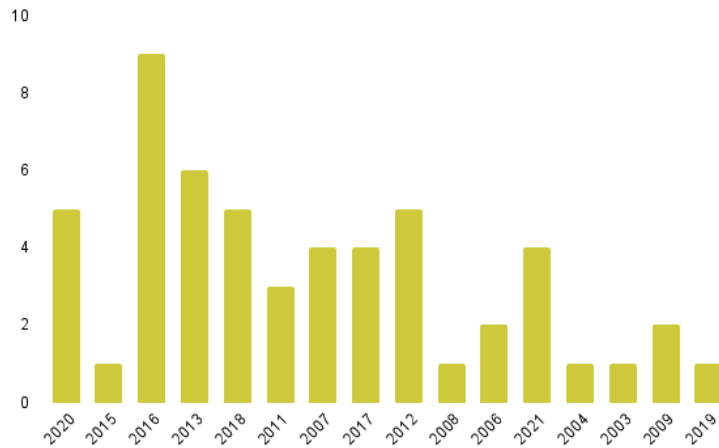


Fonte: A Autora (2023).

⁵Destaca-se também que grande parte dos perfis encontrados para a realização desta pesquisa são de moradoras dessas regiões específicas, não estando as regiões Norte e Nordeste representadas nos dados, o que consiste em uma limitação do presente estudo.

Grande parte das publicações ocorreram na última década, sendo o destaque em 2016, seguido de 2013, apontando para um desenvolvimento da discussão ao longo desse período.

Gráfico 2 - Produções ao longo dos anos



Fonte: A Autora (2023).

Em sua maioria as produções possuem uma perspectiva crítica a respeito da dupla maternidade homoafetiva, expondo a realidade das mães, seus pontos de vista com relação a própria vivência e apontando para possibilidades de reflexão a respeito dos novos (mas não tão novos) arranjos familiares. A seguir, será feita uma explanação qualitativa a respeito desses achados.

3.3 MATERNIDADE

Muitos dos achados apontam para a maternidade como elemento singular da constituição histórica do que seria ser uma mulher. As mulheres estariam, assim, independentemente de sua orientação sexual, imersas em noções construídas sobre o que seria a maternidade. Essas noções influenciam na forma com a qual elas a experienciam. Franco Basaglia (2017) aponta que a escolha de ser ou não mãe é um fenômeno consolidado ao longo do século XX e fundamentou o processo de transformações que possibilitaram às mulheres sua luta por igualdade, as famílias a serem enxergadas como sujeitas e às mulheres homossexuais a terem direitos.

A partir dos anos 1990 os feminismos passaram a ter um interesse maior nas particularidades de cada grupo de mulheres, de acordo com especificidades raciais, étnicas, de orientação sexual, identidade de gênero, idade/ geração, econômicas e sociais. A terceira onda

feminista se inicia e ganha força o feminismo negro e a teoria *queer*, embasada por escritos de autoras como Lelia Gonzalez, Angela Davis e Judith Butler. A última, amparada em Bakhtin, defende ser gênero uma forma de performar determinados comportamentos socialmente designados como masculinos e femininos, os quais seriam performamos a partir dos nossos corpos. São, assim, campo de disputa onde as normas generificadas são reiteradas ou desqualificadas.

De acordo com Lucila Scavone (2001), com a introdução do conceito de gênero empreendida pelas feministas contemporâneas, passa-se a compreender a maternidade de uma forma relacional, evidenciando-a como símbolo construído histórica, cultural e politicamente, a ser interpretado de inúmeras formas, tanto como opressão, quanto como poder entre as mulheres.

Ao mesmo tempo, Ana Luiza Souza (2018) argumenta que o raciocínio da performance hoje faz parte da realidade materna. Ninguém atinge o nível de otimização exigido, mesmo ao tentar conciliar inúmeros papéis, os ideais de perfeição materna afetam a autoestima e instigam o sentimento de culpa. A partir dos anos 1960, os modelos de maternagem em torno dos excessos e do consumo vão se tornando mais populares. Ainda segundo a autora, como em meados do século XX a culpa era advinda do espaço público condenador, hoje, o estímulo ocupa esse lugar, gerando vontades e produzindo desejos paradoxais.

Sobre isso, Orna Donath (2017) defende ser ilusória a escolha no que diz respeito à maternidade. Segundo ela, as mulheres são obrigadas socialmente a serem mães, à medida que culturalmente o corpo feminino é associado à natureza e a fertilidade através de um processo, muitas vezes, configurado como uma “tirania biológica”, mesmo quando há a crença de uma escolha livre por parte das mães.

Por outro lado, Paula Gonzaga e Claudia Mayorga (2019) consideram ser a maternidade atualmente um aparato colonial, patriarcal, capitalista e racista pelos moldes a partir dos quais o modelo de “boa mãe” foi constituído historicamente no Brasil. As autoras trazem um comparativo entre o “modelo mariano” (“santa mãezinha”) e as orações de Oxum, orixá protetora da fertilidade e das mulheres grávidas. Segundo as autoras, a maternidade é endeusada enquanto uma entidade que oferece às mulheres uma suposta qualidade de “tudo suportar”. Essa, ofertar-lhes-ia uma felicidade plena que, na realidade, não se concretiza e seria uma fonte de culpa para as mulheres. Com outros atributos e sendo sujeitos únicos, as mulheres deveriam ser consideradas para além desse fenômeno.

Assim, o campo de discussão sobre a maternidade se institui como um ambiente profícuo de debates e considerações que tentam dar conta da complexidade da condição desse grupo heterogêneo na sociedade pós-moderna. Independentemente de onde seja amparada, uma voz soa uníssona: a tentativa de ampliação das possibilidades do ser mulher e uma desassociação das determinações biológicas estabelecidas anteriormente pela medicina a essa instituição. Entretanto, para as mulheres que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, imersas nessa vivência, são citadas na literatura especificidades, como elencado a seguir.

3.4 DEBATES ATUAIS EM TORNO DA DUPLA MATERNIDADE HOMOAFETIVA

A sociedade contemporânea Ocidental considera a família como a mais “natural” das instituições, incontestável, o núcleo organizador a partir do qual se transfere valores, em que o modelo familiar nuclear, formado por “mãe, pai e filhos” aparece como um ideal amparado pela biologicidade procriativa. Entretanto, quando se pensa nas diferentes formas de expressão familiar, pode-se identificar uma variação temporal, espacial, e mesmo de época e local (Zambrano, 2006).

Seguindo essa linha de raciocínio, os estudos sobre as famílias homoparentais levantam questões que trazem consigo várias implicações para estruturas sociais antes consideradas incontestáveis. Isso se dá pelas implicações das especificidades das populações lésbica, gay, transexual e travesti e possui repercussões jurídicas (casamento, adoção, guarda, entre outras), sociais (preconceito, gestão cotidiana da parentalidade), tecnológica (reprodução assistida, barriga de aluguel) e econômica (acesso a procedimentos tecnológicos e procedimentos judiciais) (M.E.C., 2012).

Ao mesmo tempo, Elizabeth Zambrano (2006) afirma que há várias formas de um adulto exercer vínculo familiar junto a uma criança, que se combinam de maneiras diversas, tendo diferentes pesos e variando culturalmente em uma determinada época, seriam eles: 1) o vínculo biológico; 2) o parentesco, relação genealógica determinada através de um pertencimento grupal; 3) a filiação através de reconhecimento jurídico; e 4) o exercício da função parental, os cuidados, educação, alimentação etc. Dessa forma, parentesco e filiação são sempre sociais e não derivados de procriação.

Põe também em questão a necessidade muito amparada pela Psicanálise de que seria necessário a existência de uma família formada por um pai e uma mãe necessariamente para se criar uma criança saudável, o que outras configurações familiares (mãe solo, avó e mãe, pai

solo etc.) há muito já fazem. O lugar antes ocupado pelas mulheres divorciadas nos anos 1980 é, assim, ocupado pelas famílias homoafetivas.

Sobre isso, Renata Azeredo (2018) em sua dissertação, na qual analisa a produção acadêmica brasileira sobre a dupla maternidade, aponta a maternidade homoafetiva como um local de tripla vulnerabilidade: há, em um contexto heteronormativo, uma desigualdade com relação a homens e mulheres, com relação a orientação sexual e há, também, o desafio de tornar-se mãe, considerando a condição da maternidade compulsória. Os silenciamentos, discriminações e exclusões são, assim, constantes.

Nesse sentido, a maternidade seria uma instituição historicamente posta para as mulheres como sinônimo de autorrealização feminina e constituinte inerente da própria feminilidade. No entanto, são deslegitimadas aquelas alheias a um padrão heteronormativo, qual seja, um padrão advindo de um ideal de família composto por mãe, pai e filhos. Ao mesmo tempo, algumas mulheres homossexuais explicam que o fato de terem se tornado mães influenciou fortemente na reconciliação entre elas e suas famílias, cuja sexualidade serviu de fator de rompimento em épocas anteriores. Como se tivessem cumprido seu papel social, “apesar” de performarem uma sexualidade considerada como desajustada, segundo Daniele Silva (2012).

Nesse sentido, Renata Azeredo (2018) enaltece a discussão proeminente na literatura sobre a forma como a orientação sexual das mães influenciaria em suas concepções de maternidade ou na forma em que executam os cuidados com seus filhos. Além da maneira que elas encaram junto a eles um determinado tipo de cotidiano, embasado em pressupostos do que seria a maternidade e a vida em família (Azeredo, 2018).

De um lado há a afirmação da orientação sexual das mães enquanto influência direta na forma com a qual as famílias se desenvolvem, sendo a homofobia uma questão central (Aires, 2012); de outro, há mais ênfase nas próprias concepções da maternidade em si e a forma com a qual essa vem sendo construída ao longo dos séculos. Sobre isso, Zambrano (2006) coloca que estudos sobre famílias homoparentais tentam afirmar justamente o fato de que pais e mães homossexuais podem ser bons ou maus pais e mães assim como pais e mães heterossexuais, dependendo dos cuidados que prestam aos seus filhos e do relacionamento que estabelecem com eles, o que determina a boa ou má parentalidade, e não sua orientação sexual.

Isso é fortalecido pelos estudos com relação ao desenvolvimento infantil, que começaram a ser realizados dentro de um contexto onde a homossexualidade era patologizada e a guarda de crianças retirada de mães pelo simples fato destas serem lésbicas. Esses,

ênfatisam unanimemente a não existência de diferenças significativas entre os filhos criados por famílias homoparentais e heteroparentais em seu desenvolvimento psíquico (Golombok, Spencer e Rutter *apud* Pontes, 2019).

Ao mesmo tempo, as mulheres que se relacionam com mulheres não são isentas de uma socialização generificada que coloca o ser mãe como um objetivo constituinte do que seria ser uma mulher. Estão, pelo contrário, imersas nessa realidade, sendo fundamentalmente constituídas por ela. Assim, a dupla maternidade não se diferenciaria de uma maternidade performada por mulheres heterossexuais, ao menos no que diz respeito aos cuidados com a prole e no próprio desenvolvimento do desejo (ou não desejo) pela maternidade (Silva, 2013). Sob essa perspectiva, a questão da orientação sexual e da homofobia estão presentes como uma realidade cotidiana, um problema a mais a ser encarado. Ao refletir sobre isso, Mariana Silva (2017) levanta uma terceira via reflexiva: seriam as formas de maternar de mulheres que se relacionam com mulheres similares às de mulheres heterossexuais com as tonalidades do que seria “ser mãe” distintas? Seria a subjetivação para o cuidar, visto que este é compreendido como uma atribuição feminina, uma questão inerente para mulheres que parentam uma criança independentemente de sua orientação sexual? Mais à frente, encontraremos pistas que corroboram positivamente nesse sentido.

A esse respeito, Lídia Aires (2012) afirma que as mulheres em relacionamentos permanecem tendo o desejo de ser mãe como um componente importante para a construção da identidade feminina. No entanto, a orientação sexual atribui algumas questões a essa vivência, que não são postas para pessoas heterossexuais. A autora afirma que a chamada “maternidade lésbica” não é a mesma daquela vivenciada por mulheres heterossexuais. Assim como as mulheres heterossexuais não vivem a maternidade de forma homogênea, dado a imersão de seus corpos em instâncias de faixa etária, cor, religião, classe social etc. Apesar de existirem semelhanças no sentido da atribuição de instâncias de cuidado aos corpos femininos.

A respeito dos meios com os quais as mulheres atualmente passam a constituir essa tipificação familiar, segundo Pontes (2019), é impossível considerar o exercício da dupla maternidade sem considerar mudanças tecnológicas e legais, no sentido de que esses aspectos limitam ou possibilitam a própria existência do fenômeno. Levando-se essa questão em consideração, são listadas na literatura: a adoção, a reprodução assistida feita através de fertilização *in vitro* ou inseminação artificial por meio de material genético masculino obtido de um doador em uma clínica especializada ou por meio de fertilização caseira, em que uma das mães recebe material genético de um amigo, doador ou até mesmo chega a naturalmente

fazer sexo com ele, com o intuito de engravidar. Além disso, situações nas quais uma das mães tem uma criança de um relacionamento anterior e em um novo relacionamento sua companheira passa a ser mãe socioafetiva de seu filho também são comuns (Azeredo, 2018).

Sobre isso, o lugar da mãe que não gesta, chamada também de “mãe social”, “mãe socioafetiva” ou até “outra mãe” (Silva, 2012) também é posto em questão. Essa delimitação é problematizada por autoras como Côrrea (2012). A autora questiona tais termos, enfatizando o já apontado por autoras como Elizabeth Badinder (1985) ao afirmar que todas as mães são mães sociais e que qualquer pessoa (pai, avó, tia, pais adotivos, padrasto) pode maternar uma criança. Dessa forma, posiciona-se ao afirmar que o termo “mãe social” delimita uma distinção entre as mães que atribui à última um local de inferioridade materna diante da que gestou.

Luciana Gerent (2016), ao pesquisar as experiências da dupla maternidade na escola, explicita a heteronormatividade e a anulação da mãe não-biológica da criança em situações nas quais ela não é reconhecida como igualmente responsável pelo filho das duas. Ademais, autoras como Stephany Ril (2020) apontam situações de constrangimento por essas mulheres que têm sua relação com a criança questionada por profissionais de saúde, familiares e pela sociedade em geral. Nesse sentido, como o lugar da mãe que gesta aparenta estar dado pelo vínculo biológico estabelecido, dado que a maternidade é historicamente associada a gravidez, o da mãe que não engravida aparenta ter a necessidade de ser construído e justificado (Carvalho, 2020).

Essa justificativa se dá, muitas vezes, sob as vias da afetividade. Esta é vista como algo que influencia no quanto essas mulheres se consideram mães de uma criança. Aspectos que visam enaltecer e fortalecer esse vínculo aparecem nos resultados das pesquisas de forma proeminente. Um exemplo disso é o uso de material genético de doador que possui vínculo de parentesco com essa mãe e a fertilização *in vitro* feita com o uso de material genético da mãe não-gestante são citadas como estratégias utilizadas para driblar possíveis dificuldades oriundas no registro civil, o que visibiliza ainda mais o quanto essa população é desassistida, principalmente aquelas sem condições para realização de métodos de reprodução assistida em clínicas privadas. Nesse viés, Ril (2020) aponta que o acesso ao direito reprodutivo⁶ ainda encontra muitas barreiras, situação muito provavelmente sustentada pela matriz heterossexual que gerencia as relações societárias.

⁶Este conceito será melhor trabalhado na seção abaixo.

A partir de um diálogo interdisciplinar entre as Ciências Sociais e o Direito, uma gama de estudos tenta responder quais as implicações jurídicas do reconhecimento do casamento civil homossexual e como a formação da família constituída por gays e lésbicas é influenciada pelas transformações ocorridas especialmente no Ocidente (Lira; Moraes; Boris, 2016).

Reflexões trazidas por Anna Carolina Amorim (2013) enfatizam a importância de repensar a categoria “parentesco”, profundamente trabalhada dentro desse eixo disciplinar, devido as complexificações das instituições familiares. Os estudos sobre famílias formadas por pais e mães LGBTQIA+ ampliam, assim, o conceito de parentalidade. Judith Butler (2003) aponta ser a noção de parentesco para além das noções biológicas ou não biológicas, por poderem funcionar sob prerrogativas não formalizáveis e intangíveis ao meio jurídico.

Jorge Lyra (2008), por outro lado, apresenta a situação das famílias homoparentais como, na prática, uma recriação das ideologias de parentesco sob o uso das atuais tecnologias reprodutivas e possibilidades legislativas. O autor questiona, dessa forma, a noção de escolha individual, pensando a homoparentalidade, assim como outras formas de construção familiar na contemporaneidade, como coproduções que envolvem valores culturais, dinheiro, lei e tecnologia.

Assim, discussões sobre a dupla maternidade homoafetiva se desenrolam enfatizando suas especificidades, semelhanças, dificuldades e realizações. Esse cenário, no entanto, só é possível devido as conquistas dos movimentos sociais de liberdade sexual e parental, os quais muito surgiram nos achados aqui citados e sobre os quais falaremos no próximo tópico.

3.5 O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL E OS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

A heterossexualidade como norma foi o esteio para um modelo de sexualidade baseado em sexo-procriação e meios repressivos foram instaurados para a manutenção desse comportamento hegemônico ao longo da história (Ávila, 2003). Pautando discursos que vão de encontro a esse pensamento, o movimento LGBTQIA+ atua contribuindo e recebendo contribuições do movimento feminista contra a repressão sexual.

Para que isso ocorra de maneira eficaz, a partir disso, a perspectiva feminista aponta ser crucial delimitar a separação entre as instâncias dos direitos sexuais e a dos direitos reprodutivos, de forma a assegurar a autonomia em duas esferas diferentes da vida, o que permite relacioná-las entre si e com várias instâncias da vida social (Ávila, 2003).

Assim, discutir a dupla maternidade homoafetiva parte de uma pauta dos direitos reprodutivos, mas que conversa intimamente com a dos direitos sexuais, pois o simples fato de existir a possibilidade desse tipo de constituição familiar é afirmar que existem outras formas de família que não somente a heterossexual, pautada na relação sexo-procriação. Além disso, as políticas públicas especificamente expressam a forma como a população é vista pelo Estado e consequentemente a assistência que lhes é prestada pela entidade pública. Dessa forma, é importante considerar o contexto sócio-histórico, político e ideológicos nos quais essas políticas são implementadas. Após tais adendos, podemos historicizar a origem da discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, de forma a contextualizar a atual situação brasileira no que tange a temática.

O movimento LGBT ganha visibilidade no Brasil nos anos 1970, no auge da segunda onda feminista na qual feministas lésbicas começavam a se articular no sentido de abarcar as especificidades de suas pautas. Jornais como *Lampião da Esquina* e *Chanacomchana* (organizado por mulheres lésbicas) marcaram a entrada dessas movimentações no Brasil. Em 1983, mulheres que tentavam distribuir o *Chanacomchana* foram expulsas de um bar em São Paulo, onde se articularam e fizeram um ato político que resultou no fim da proibição da venda do jornal, em 19 de agosto, considerado hoje como dia nacional do orgulho lésbico no Brasil.

No final da década de 1990, o reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil, o surgimento de novas técnicas de reprodução e a possibilidade de adoção de crianças por casais homoafetivos assinala uma etapa significativa para o início das reformulações dos modelos de parentesco tradicionais formado pelo casal heterossexual e sua prole. Em 2000, a ação civil pública impetrada pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul contra o Instituto Nacional de Seguridade Social estendeu a casais do mesmo gênero do país o direito a pensão e auxílio reclusão.

Em julho de 2011, o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas adotou a resolução 17/19, que trata de direitos humanos, orientação sexual e gênero. Segundo Silva (2017), o relatório apresentou evidências sobre discriminações ocorridas em termos de saúde, educação, emprego, exposição a violência física e assassinatos, além de um conjunto de recomendações aos Estados para o combate à violência contra populações lésbicas, gays bissexuais e transexuais. No mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que uniões entre pessoas do mesmo sexo tinham os mesmos direitos e deveres decorrentes de uniões entre homens e mulheres. Até esse momento, para que uma união estável fosse reconhecida como casamento, uma ação judicial era necessária, o que só foi alterado em 2013,

com decisão do Conselho Nacional de Justiça que determinou que nenhum cartório poderia negar a realização de um casamento homoafetivo (Adjuto, 2021).

Com relação aos direitos parentais, em 2002, o caso da cantora Cassia Eller, cujo falecimento resultou na luta pela guarda de seu filho entre sua companheira e seu pai, resultou em forte discussão no meio midiático, o que impulsionou o debate a respeito da dupla paternidade e maternidade.

O primeiro caso de adoção por casais do mesmo sexo no Brasil ocorreu em 2005, em Bagé, com pedido realizado pela companheira da mãe biológica da criança, que já exercia coparentalidade na prática. Em 2006, foi a vez de um casal de homens ineditamente adotar uma criança, em Catanduva. Ainda, em 2008, a 8ª Vara de Família do Rio Grande do Sul permitiu de forma histórica que duas mulheres alterassem o registro de nascimento de gêmeos gerados por inseminação artificial (Silva, 2017).

Em 2016, o CNJ publicou o provimento 52, que dá ao casal homoafetivo com relação estável o direito a conceber seus filhos e registrá-los, a partir de inseminação artificial *in vitro*, com doador anônimo. Já em 2017, por pressão do movimento LGBTQIA+, o CNJ publicou o provimento 83, que flexibiliza o registro de filhos concebidos a partir de inseminação caseira diretamente em cartório, sem a necessidade de ação judicial.

No entanto, em 2019, esse mesmo provimento retirou todas as possibilidades de essas mães conseguirem registrar seus filhos diretamente no cartório. Assim, o processo foi novamente burocratizado, voltando a ser necessária a ação judicial para a adoção da criança ou pedido de reconhecimento de maternidade socioafetiva pela mãe-não-biológica. Esclarece-se aqui que o processo de inseminação artificial por métodos clínicos acaba por ser extremamente oneroso por vias privadas e o Sistema Único de Saúde oferece apenas o serviço de inseminação e estímulo a fertilidade, por não ter um banco de gametas próprio, o que muitas vezes exclui esse público. Esse fato nos leva a perceber o quanto os direitos LGBTQIA+, no Brasil, são instáveis.

Silva (2017) cita o magistrado Luís Roberto Barroso quando este aponta o descaso do Estado em relação aos direitos de pessoas LGBTQIA+ como um “juízo de desvalor”. Sem políticas públicas efetivas para o combate de violências e restrições em termos de direito, os direitos das mulheres e da população LGBTQIA+ como um todo e todas as discussões a esse respeito não passam de letra morta em documentos de conferências. Determinados por Resoluções e sem legislações específicas para a sua proteção, essa população beira a invisibilidade e desproteção estatal.

Com base nisso, a mobilização civil como forma de produção de discursos de visibilidade para tais pautas se faz extremamente necessária e, considerando serem as redes sociais um importante ambiente sociocomunicativo de produção de discurso, as narrativas produzidas nesse espaço passam a ser elementos importantes para o alcance de tal objetivo.

3.6 SOBRE A ESCOLHA DOS TERMOS E PRERROGATIVAS TEÓRICAS A ELES RELACIONADAS

Segundo os achados, muitos são os termos adotados para se referir ao mesmo fenômeno: maternidade homoafetiva, homomaternidade, homoparentalidade, maternidade lésbica, parentalidade homoafetiva e dupla maternidade homoafetiva são alguns deles. Entendendo que a nomeação é um processo importante para a compreensão das delimitações de um objeto, algumas considerações são feitas com relação a tais termos.

Primeiramente, faz-se importante esclarecer que os estudos se desenvolvem, obviamente, dentro de contextos históricos a partir dos quais sofrem influência e influenciam mutuamente. Assim, os estudos sobre a dupla maternidade homoafetiva e exatamente dentro do nicho do desenvolvimento infantil em um contexto no qual essas orientações eram tidas como patológicas. Fazia-se necessário produzir evidências científicas que comprovassem a capacidade de lésbicas prestarem cuidado aos seus filhos sem que este causasse danos às crianças.

Nos anos 1970, em um contexto inglês e norte americano, essas mulheres perdiam a guarda de seus filhos após se divorciarem de seus maridos. A justificativa alegada residia no melhor interesse da criança, que não coincidiria com ser cuidada por mães lésbicas. Segundo os *experts* da época, mesmo com a falta de estudos até o momento, o cuidado dessas crianças por parte dessas mães as traria prejuízos psicológicos e desenvolvimentais. Os três principais argumentos residiam na afirmação de que essas mães seriam menos acolhedoras, na possibilidade de rejeição das crianças por parte de colegas da mesma idade e na crença do desenvolvimento “atípico” de gênero, qual seja, os meninos seriam menos masculinos e as meninas menos femininas com relação aqueles criados em lares heteroparentais (Pontes, 2019). Acreditava-se na “hipótese do contágio”, qual seja, essas crianças seriam gays ou lésbicas como seus pais, o que seria extremamente indesejável (Golombok *apud* Pontes, 2019). Nesse sentido, estudos pioneiros a esse respeito, realizados por pesquisadores ingleses, visavam a comparação entre filhos oriundos de famílias homossexuais e filhos oriundos de famílias heterossexuais, chegando à conclusão da não existência de diferenças significativas

entre os filhos criados por famílias homoparentais e heteroparentais em seu desenvolvimento psíquico (Golombok, Spencer e Rutter *apud* Pontes, 2019).

Posteriormente, esses estudos, sofreram críticas no sentido de ser afirmado que essas crianças sofreriam quando mais velhos. Dessa forma, Golombok e Tasker, citados por Pontes (2019), buscaram realizar pesquisas mais de 10 anos depois com esses mesmos filhos que haviam participado do estudo acima e, embora não tenham encontrado diferença significativa com relação ao número de adultos que se sentiam atraídos por pessoas do mesmo sexo entre pessoas criadas em famílias homoafetivas e pessoas criadas em famílias homossexuais, a propensão a abertura para a consideração da possibilidade era maior entre filhos de famílias homoparentais. Com relação à identificação, entretanto, não existiram diferenças significativas. A maioria das crianças (agora adultos) se identificaram como heterossexuais em tal estudo. Muitos outros estudos a partir desse passaram a realizar pesquisas análogas a essa em questão reiteradamente sendo unânimes em apontar a não diferenciação entre esses dois grupos.

É, nesse sentido, evidente a não existência de influência da orientação sexual dos pais no que tange a qualidade do cuidado ou ao “sucesso” ou “insucesso” desenvolvimental de uma criança. Entretanto, isso significa necessariamente a não existência de especificidades? Ou melhor, declarar essas particularidades familiares seria o mesmo que colocar essas famílias em um local de deslegitimação perante outras? Nesse sentido, na produção acadêmica, existem basicamente dois nichos de discussão.

De um lado, existe o grupo que considera termos como homoparentalidade e maternidade lésbica, como algo proporcionador de uma visibilização de moldes familiares outros, que não embasados nos moldes heteronormativos de família. De um outro, grupos que tecem críticas a esse tipo de nomeação, considerando existir uma ênfase desnecessária na orientação sexual das mães. É dito que tais termos podem reforçar a ideia de haver algo específico no exercício da parentalidade por pessoas homossexuais relacionado a sua orientação sexual, tendo nessa diferença um possível lugar de respaldo para deliberações conservadoras no sentido de tecer críticas preconceituosas sobre essas famílias. Esse grupo considera ser o exercício da parentalidade e a orientação sexual instâncias completamente separadas, e não identifica diferenças entre esta e outras parentalidades (Pontes, 2011).

Visto isso, considera-se essa pesquisa localizada no nicho que abarca as especificidades como significativas para o tratamento analítico dessa constituição familiar de fato, entendendo que apontar diferenças, não significa apontar insuficiências de um determinado tipo de configuração familiar. Muito pelo contrário, pode acontecer de forma a se

propor potente a enaltecer a diversidade como configuração familiar predominante, e não a da família dita como tradicional, que nunca foi maioria hegemônica na sociedade brasileira. Além disso, pensar essas singularidades aponta para a discussão sobre gênero e sexualidade dentro desse contexto. Ao conversar sobre, por exemplo, famílias homoparentais como impróprias pela possibilidade da “contaminação homossexual” que poderia haver entre os pais ou mães e seus filhos, isso nos indica à reflexão do porquê isso seria um problema. E além, estariam famílias homoparentais sujeitas a criação de seus filhos de uma forma mais aberta a essas questões? Ou, na tentativa de enaltecer o argumento da igualdade entre as famílias, estariam elas também sujeitas a enquadrarem o padrão de criação ao heterossexista? Segundo Pontes (2019, p. 133):

Quando pesquisadores minimizam diferenças, perdem a oportunidade única de explorar os efeitos de gênero, identidade sexual, ideologia e comportamento na investigação de como as diferenças da orientação sexual adulta podem levar a distinções na forma como as crianças se desenvolvem. Estas se produzem nos encontros entre as pessoas, nos olhares que recebem mães e filhos/ as, nas formas com que elaboram e vivenciam seu cotidiano marcado pelo heterocentrismo.

Nesse sentido, Elixabete Martínez (2015) questiona o quanto maternidades lésbicas podem incorporar novas formas de compreensão da instituição familiar ao recriar vínculos e possibilitarem mudanças normativas e novas formas de exercício da maternidade. Mas provocam mesmo mudanças normativas? Seriam essas formas de exercício da maternidade tão diferente assim? Se sim, de que modo? E se as especificidades de fato, como em qualquer grupo específico, qualquer maternidade, qualquer particularidade de configuração familiar, existirem? Como olhar para essas singularidades sem que os grupos de mulheres que maternam (ou famílias homoparentais de outras configurações) sejam postos em uma situação de vulnerabilidade que deslegitima a prática de suas parentalidades? Pontes (2019) aponta que pesquisas nesse sentido poderiam ter uma interpretação enviesada que corroborassem negativamente para a conquista de direitos no sentido de que esses foram conquistados a partir da prerrogativa de que famílias homo e heterossexuais seriam iguais.

Há, entretanto, especificidades particulares desse tipo de composição familiar que precisam ser levadas em conta, como a possibilidade da escolha de quem vai gestar, a amamentação, que pode ser compartilhada ou não, a própria pressuposição a partir de questões de gênero sobre a divisão de tarefas atribuídas a questão do que é ser mãe (pergunta frequentemente colocada pelas mães não gestantes, como veremos mais a frente) etc. Acredita-se que essas considerações têm mais a acrescentar na discussão sobre a dupla

maternidade homoafetiva do que sua negação por receio a má interpretação. Faz-se importante, entretanto, ressaltar uma questão: considerar as especificidades familiares do qualificador “homoafetivo”, componente da “dupla maternidade” aqui, não se propõe como algo que dá um caráter de “extraordinário” a tais famílias. Afirmar, entretanto, a normalização da diversidade familiar e não o apontamento desse tipo de família como fora da curva do normal, como em muitos textos encontrados a esse respeito, os quais, na tentativa de minar preconceitos, reproduzem o discurso heteronormativo na análise dessas famílias, colocadas dentro de um patamar “excêntrico” (Azeredo, 2018; Martinez, 2011).

As famílias homoafetivas – como todas as outras – estão inseridas dentro de um contexto heteronormativo e generificado do qual sofrem extrema influência em seus modos de constituição. Sobre isso, Louro (2008) afirma que a matriz heterossexual delimita o modelo a ser reproduzido, ao mesmo tempo que proporciona diretrizes de transgressão. Segundo Pontes (2019, p. 142),

A parentalidade realizada ao lado de uma pessoa do mesmo sexo, ao mesmo tempo que origina um tipo familiar controverso e perturbador, reitera modelos tradicionais. A homoparentalidade, de qualquer tipo, subverte noções prontas de parentesco e, quando atravessada pelas novas tecnologias de reprodução, constitui-se como algo inovador devido à multiplicidade de combinações possíveis a partir dessas técnicas e do que a inexistência de corpos distintos exige.

Entendendo que não cabe a comunidade LGBTQIA+ o papel de revolucionar completamente os modos de parentagem, ao mesmo tempo que essas comunidades, simplesmente por existirem, colocam em pauta questões importantes vinculadas ao desenvolvimento de vínculos, cuidados infantis, perspectivas de infância, gênero, sexualidade etc. e que as diferenças e particularidades nas quais e a partir das quais essas famílias se desenvolvem e estão envoltas são importantes para a discussão de tais temáticas, essa pesquisa será realizada.

Ao mesmo tempo, acredita-se que termos como “maternidade lésbica” excluem mulheres que se relacionam com mulheres e que se identificam como orientadas sexualmente como bissexuais, pansexuais, assexuais, além de excluir também mulheres transexuais. Dessa forma, escolheu-se o termo dupla maternidade por esse ser ao mesmo tempo um termo vastamente utilizado nas redes sociais para designar esse tipo de constituição familiar e por focar na parentalidade duplamente feminina e no arranjo familiar em si.

Ademais, levando em consideração também o fato de que duas mulheres podem maternar uma criança enquanto não estão em um relacionamento entre si, vê-se aqui a

necessidade de uma qualificação a essa categoria que as atribua um vínculo de parceria amorosa. Dessa forma, o termo homoafetividade⁷ foi escolhido. Assim, neste trabalho utilizaremos o termo dupla maternidade homoafetiva.

⁷Há uma vasta discussão na literatura a respeito do termo “homoafetividade”. De um lado, critica-se o termo, afirmando ter um caráter higienista que hierarquiza a comunidade LGBTQIA+ entre, como colocado por Ricardo Andrade Coitinho Filho (2015), uma “diferenciação entre gays e lésbicas tidos como ‘afetivos’ em relação aos que são julgados ‘promíscuos’ e/ou desviantes” e correndo o risco de estar apontando neste conceito “o caráter reforçador da discriminação e invisibilização de sujeitos que estão mais distantes da fronteira do familismo e da moralidade social”. Por outro, atribui-se ao termo a necessidade uma forte conotação de adquirimento de direitos e ênfase nas novas formações familiares focadas nos vínculos afetivos. Aqui, reconhecendo a contraditoriedade do termo, entende-se que ele atribui ainda mais complexidade a vivência de relacionamentos LGBTQIA+, camadas afetivas que são importantes de serem reconhecidas principalmente no contexto de discussão no qual esse trabalho se propõe, além de incluir sujeitos que não estão dentro da categoria “homossexual” pura e simplesmente, como os bi e os pansexuais que frequentemente têm sua legitimidade e existência excluída da literatura acadêmica. Sendo assim, esse termo foi considerado o mais adequado para qualificar o fenômeno.

4 CONSIDERAÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 O CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar os princípios metodológicos com base nos quais esta pesquisa foi realizada. Segundo Mary Jane Spink e Rose Mary Frezza (2003), a perspectiva construcionista é resultante de um movimento filosófico que advém de uma reação contrária ao representacionismo, do movimento da Sociologia do Conhecimento de desconstrução da retórica da verdade. Essa perspectiva, com reflexões críticas sobre o conhecimento e sobre a Ciência, problematiza verdades sacralizadas, na tentativa de contextualizá-las historicamente, dando posição de destaque a grupos marginalizados (idem). Lenise Borges e Mary Jane Spink (2009) afirmam ser uma das preocupações da postura construcionista, a influência da produção científica na vida das pessoas. Há uma constatação de uma legitimação ou desvalorização de um determinado tipo de conhecimento com relação ao mundo, de acordo com o lugar e posição daqueles que produzem esse conjunto de ideias.

Dessa forma, as palavras que utilizamos para significar o mundo não são escolhidas pelo acaso, tem um contexto, uma história e sentidos construídos pelo encontro das pessoas, grupos e instituições. A dupla maternidade homoafetiva, como modalidade de exercer parentalidade, seria construída socialmente a partir de um jogo de disputas entre esses discursos. No mundo contemporâneo, os espaços virtuais vêm se configurado como um importante cenário de compartilhamento, disputas, concatenações e produções de discurso. Especialmente em um contexto no qual a ultradireita se utiliza desse espaço para disseminar suas concepções morais sobre a regulação de corpos, como exposto acima.

Essa perspectiva é, assim, uma ferramenta poderosa para questionar definições concebidas como naturais (Borges; Spink, 2009). Neste caso, a dupla maternidade homoafetiva só poderia ser compreendida em uma leitura alinhada com os processos históricos e sociais que possibilitam a sua noção. Assim, a construção de discursos feita por mulheres mães que se relacionam com outras mulheres e cuidam juntas de uma determinada criança pode ter múltiplos sentidos de acordo com o momento histórico e contexto, variando de acordo com tais cenários.

A linguagem, dessa forma, não seria um mero instrumento de comunicação, uma ferramenta com a qual se expõe ideias internamente construídas, e sim, o próprio modo de construção dessas ideias equivaleria a construção do mundo, de nossas experiências, noções, de verdades e emoções. Falar sobre a maternidade exercida por duas mulheres, sobre a dupla

maternidade homoafetiva, é, nesse sentido, construir a dupla maternidade homoafetiva, atribuir sentido a esse termo.

Assim, esse tipo de abordagem considera o cotidiano em uma posição de destaque, pois leva em consideração a linguagem em uso e as práticas sociais presentes nessas relações. A internet é, dessa forma, um importante ambiente de diálogo e construção de sentidos. Por isso, ela é aqui considerada como ambiente de profusão de informações. Sendo assim, uma forma de analisar os discursos produzidos seria através da análise dos repertórios interpretativos ou repertórios linguísticos (Spink; Medrado, 2004), sobre os quais trataremos a seguir.

4.2 REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS

Os repertórios interpretativos seriam um conjunto de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem agrupadas em torno de metáforas ou imagens, usados na linguagem cotidiana. Seriam unidades demarcadoras de um rol de possibilidades de construções discursivas e têm origem no ambiente linguístico no qual um sujeito é socializado, sendo transmitidos em interanimação dialógica. Os repertórios são utilizados para construir versões sobre as ações, eventos e outros fenômenos (Borges; Spink, 2009).

Nesse viés, eles precisam ser considerados de acordo com uma matriz histórica temporal em três tempos: o longo, o vivido e o curto. Sendo o longo o domínio das construções sociais dos conteúdos culturais de uma dada época, o vivido como produto dos processos de socialização e o curto o que se produz na conversação.

Assim, em termos de consideração de uma matriz histórica temporal longa, faz-se importante considerar que as mulheres que se relacionam com mulheres foram, nesse contexto, socializadas, independentemente de sua orientação sexual, e que a maternidade e a questão reprodutiva são centrais na construção de sentidos sobre a feminilidade. Essa questão é aqui compreendida sob uma perspectiva feminista de gênero sobre o assunto que será elaborado um pouco mais a frente.

Ao mesmo tempo, a matriz histórica temporal do vivido como produto dos processos de socialização, ao mesmo tempo do curto, o que se produz na conversação, são trabalhadas a partir da análise de discurso das legendas encontradas nos posts de perfis públicos de mulheres que se relacionam com outras mulheres e exercem juntas dupla maternidade homoafetiva.

4.3 UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DE GÊNERO

Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), ao proporem uma perspectiva feminista a respeito das discussões de gênero, estruturam o marco em 4 eixos: o sistema sexo/gênero, a dimensão relacional, as relações de poder e a ruptura do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais.

Assim, definem o sistema sexo/gênero como um conjunto de atributos prescritos e práticas sociais atribuídas a homens e a mulheres, não naturais, mas sim incorporados e naturalizados por um determinado grupo de pessoas como marcações masculinas e femininas. Colocam sexo, dessa forma, como uma instância histórica, situada, não-definitiva e construída pelas ciências naturais.

Em segundo lugar, consideram ser necessário compreender a dinâmica social de forma a levar em conta as hierarquias das relações entre o masculino e o feminino, não apenas entre homens e mulheres, mas nos homens e nas mulheres. Assim, enfatizam a importância das variáveis de raça, idade, sexualidade e condição econômica, complexificando o olhar sob essas questões que estabelecem hierarquizações dentro desses grupos e entre esses grupos.

Já o terceiro elemento dessa matriz atribui ao poder uma relevância central. Essas relações são quaisquer relações humanas institucionais, amorosas, econômicas etc. As relações de poder que inscrevem a masculinidade e a feminilidade culturalmente são, assim, fundamentais. O quarto e último elemento seria a ruptura do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais. Os autores citam a historiadora Joan Scott quando esta afirma que gênero se constrói de forma não-binária, na multiplicidade das instituições que envolvem não só as famílias e as relações de parentesco, mas na economia e nas relações políticas.

Dessa maneira, alinhados com essa compreensão, entende-se que a construção de feminilidade em mulheres que se relacionam com mulheres deve ser pensada em uma instância relacional e não-dicotômica, entendendo-se não existir uma única masculinidade ou uma única feminilidade, estando essas hierarquias, no entanto, presentes entre as mulheres, atravessadas por marcadores sociais de etnia, condição socioeconômica e idade, impossíveis de serem ignorados no estudo da dupla maternidade homoafetiva.

Nesse contexto, a dupla maternidade homoafetiva possui um caráter especial, pois é um fenômeno que constitui profundamente os sentidos dos comportamentos considerados como femininos, como descreve a revisão da literatura exposta anteriormente. Contribui, assim, em um importante atributo para a constituição da identidade feminina. Apesar de se

considerar que diferentes mulheres levaram a questão da maternidade de diferentes formas, os comportamentos e modos de subjetivação aos quais estão expostas são vistos como um fator determinante na constituição de seus desejos e vontades individuais. Sendo assim, uma construção social estabelecida a partir de discursos.

Esses discursos são formados por um sistema de sentidos, formas com as quais as sociedades significam o próprio gênero como instância construída e o utilizam para atribuir regras de construção de sentido e relações sociais (Scott, 1995). Elas são influenciadas pelos acontecimentos históricos, os sistemas de industrialização, acúmulo material de conhecimento, distribuição de poder e pelo próprio desenvolvimento do conhecimento feminista, tendo um impacto na forma com a qual as maneiras que se constituem as parentalidades e por consequência a dupla maternidade homoafetiva é pensada em um determinado contexto social. Neste estudo, estamos adotando particularmente o conceito de gênero na acepção de Joan Scott, como categoria analítica em intersecção com outros marcadores sociais (Scott, 1995).

4.4 O AMBIENTE VIRTUAL E O *INSTAGRAM*

Os ambientes virtuais ocupam um importante espaço na construção da realidade, pois mais do que um meio de comunicação, são um espaço de sociabilidade, onde discursos são construídos e compartilhados. Nesse sentido, o *Instagram* ocupa atualmente um ambiente de destaque nas relações interpessoais. Este, é um espaço que tem um total de 500 milhões de usuários ativos diários e 2 bilhões de usuários ativos mensais (Ahlgren; Equipe WSR, 2022), 30% a mais do que o *Facebook*, outra importante ferramenta de trocas do mundo contemporâneo.

Essa rede social é um aplicativo focado em compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários móveis, de apelo instantâneo e funcionamento com lógica voltada a *timeline* dos seguidores de um determinado usuário. Esse, pode curtir, comentar e salvar posts de outras contas as quais segue, além de também compartilhar suas próprias postagens que ficam salvas em seu perfil pessoal, cronologicamente.

Há ainda a possibilidade de postar *stories*: fotos ou pequenos vídeos temporários, disponíveis para os seguidores por um tempo delimitado, bem como, realizar pesquisas de posts através de *hashtags* presentes na publicação permanente. Essas, por sua vez, são

palavras sem espaçamento, acompanhadas pelo símbolo “#” (jogo da velha), que tem como objetivo unir um conjunto de postagens a respeito de uma só temática.

Assim, se um usuário deseja ter sua postagem encontrada por outros através da ferramenta de busca, precisa inserir a *hashtag* correspondente à pesquisa mais coerente com o conteúdo de sua publicação. Dessa forma, essas publicações passam a fazer parte de um agrupamento em um coletivo de postagens correlacionadas, já que essas fotos ou postagens se interrelacionam a um marcador de posicionamento e luta por espaço de uma determinada narrativa em um meio político dentro do ambiente virtual.

Com base nisso, Adriana Braga (2020) considera serem as perspectivas pessoais compartilhadas nas redes através de discursos, compondo as legendas das fotos e vídeos compartilhados, acolhidos ou não pelos seus seguidores que, por sua vez, emitem opiniões a respeito, reiterando, fortalecendo ou enfraquecendo um certo ponto de vista. Estabelece-se nesse espaço uma espécie de julgamento das questões em conflito, sendo a posição vencedora aquela capitalizadora de maior apoio.

Dessa forma, torna-se um ambiente profícuo de construção e compartilhamento de sentidos. Uma arena de debates onde várias forças discursivas disputam hegemonia. Braga (2020) aponta o ambiente digital como um espaço onde há uma revitalização da cultura de gênero, uma troca de saberes entre as mulheres que instrumentaliza novas gerações para o enfrentamento do cotidiano, das demandas sexuais, maternais e profissionais.

Dentre essas mulheres, estão as mulheres imersas na dupla maternidade homoafetiva. Através do compartilhamento de postagens pessoais, visibilizam assuntos e debates sociais ainda à margem nas discussões do senso comum, como é o caso das famílias e conjugalidades de pessoas lésbicas, bissexuais, gays e trans no Brasil (Amorim, 2019). Essas postagens buscam visibilidade e tiram do silêncio famílias constituídas fora do padrão pré-estabelecido de famílias heteronormativas. A internet, assim, viabiliza a possibilidade de qualquer cidadão disputar a atenção para o conteúdo que produz (Silveira, 2010), sendo afetada pelos algoritmos do ambiente virtual que frequenta, o qual lhe outorga o conteúdo consumido a partir de regras de interação.

Dessa forma, esse ambiente não deve ser considerado como uma oposição ao real, mas como um complemento que transforma a realidade ao subvertê-la em seus limites de tempo-espaço, sendo uma dimensão singular da realidade. Assim, a realidade física influencia a virtual e vice e versa, pois o cyberspaço não existe descolado de uma realidade material (Silveira, 2010).

Com base nisso, Donna Haraway (2000) usa a metáfora do ciborgue para colocar em pauta a questão da construção humana diante de um mundo onde a virtualidade se fortalece cada vez mais. Os corpos seriam uma fusão entre o organismo e as tecnologias eletrônicas, ou seja, um ciborgue. Os corpos falantes são, assim, inscritos de códigos tecnológicos, capazes de decodificar as linguagens inscritas no virtual.

Assim, a internet não pode ser mais ignorada como produtora de realidade social, sendo a sua possibilidade um campo expressivo para possíveis transformações através do compartilhamento de narrativas que disputam entre si no campo político da construção social. Ela é, dessa forma, o ambiente escolhido para a execução desta pesquisa, na qual o *Instagram*, pela relevância de seu uso no presente momento, faz palco para a nossa produção de informações.

5 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

O *Instagram* tem em sua plataforma uma ferramenta de busca na qual se pode pesquisar por palavras, perfis e *hashtags*. Por entender ser uma ferramenta de busca útil para alcançar perfis de maior alcance dentro da rede social *Instagram*, decidiu-se utilizar essa ferramenta específica como ponto de partida.

Assim, a coleta de dados foi dividida em 4 fases. Na primeira, foi realizada uma busca de *hashtags* mais usadas pelas usuárias que discutem a temática no *Instagram*. Na segunda, buscou-se através dessas *hashtags*, os perfis mais relevantes, de acordo com a maior frequência de aparição por meio dessa ferramenta. A terceira, por outro lado, consistiu na busca ativa, dentro desses perfis, de outros que se mostrassem proeminentes e ativos com relação a temática. Por fim, na quarta, fez-se uma seleção de postagens nas quais em suas legendas fossem encontradas especificidades a respeito da vivência da dupla maternidade homoafetiva e a posterior transcrição dessas legendas para análise.

Faz-se importante enfatizar que, devido a característica da rede social em filtrar o conteúdo mostrado aos usuários de maneira personalizada, de acordo com suas interações através de Inteligência Artificial, todas as buscas realizadas nesta pesquisa foram feitas a partir de um perfil virgem, ou seja, um perfil no qual não houve interações anteriores com qualquer tipo de conteúdo.

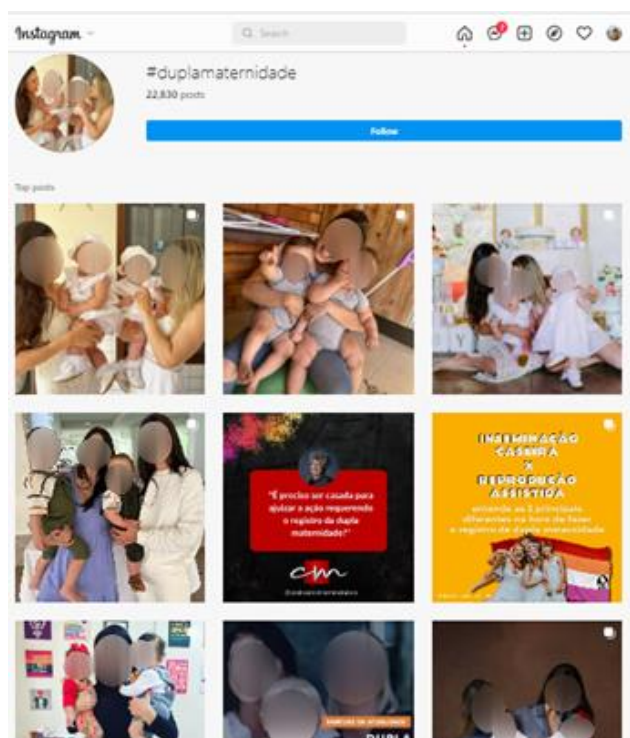
5.1 FASE I: BUSCA DE HASHTAGS

Como dito anteriormente, a busca de *hashtags* foi feita no sentido de mapear quais os principais perfis no *Instagram* que conversam sobre a temática da dupla maternidade homoafetiva, em português do Brasil. Para tal, inicialmente foi necessário identificar quais eram as *hashtags* mais utilizadas pelo público. Utilizou-se, dessa forma, a *hashtag* “#duplamaternidade”, que a partir de uma inserção anterior no campo por outro perfil, mostrou-se como relevante, com 22.830 postagens vinculadas a ela, no dia 26 de agosto de 2022, quando ocorreu a busca.

O processo de busca foi feito iterativamente, sendo que um processo iterativo nada mais é do que a repetição de um determinado ciclo até que uma determinada condição desejada seja satisfeita, inspirada na metodologia Scrum: Metodologia de desenvolvimento de *software* que busca o aperfeiçoamento contínuo de uma ferramenta a partir da repetição de um ciclo (Schwaber; Sutherland, 2020).

Ao buscar por uma *hashtag* no *Instagram*, nove postagens principais são exibidas para o usuário, como apresentado na figura 4. Assim, ao pesquisar pela *hashtag* *#duplamaternidade*, as nove principais postagens atreladas a ela foram selecionadas junto as *hashtags* nelas contidas. Essas *hashtags* foram posteriormente transpostas em uma tabela do Excel, para que se pudesse excluir as irrelevantes. Foram consideradas irrelevantes aquelas nas quais se falasse sobre a temática de forma muito geral (*#familiarlgbt*, *#maternidade*, *#maesdedois* etc.), as que se encontravam em outros idiomas que não o português e as que possuíam menos de 1000 postagens a elas vinculadas dentro da rede social.

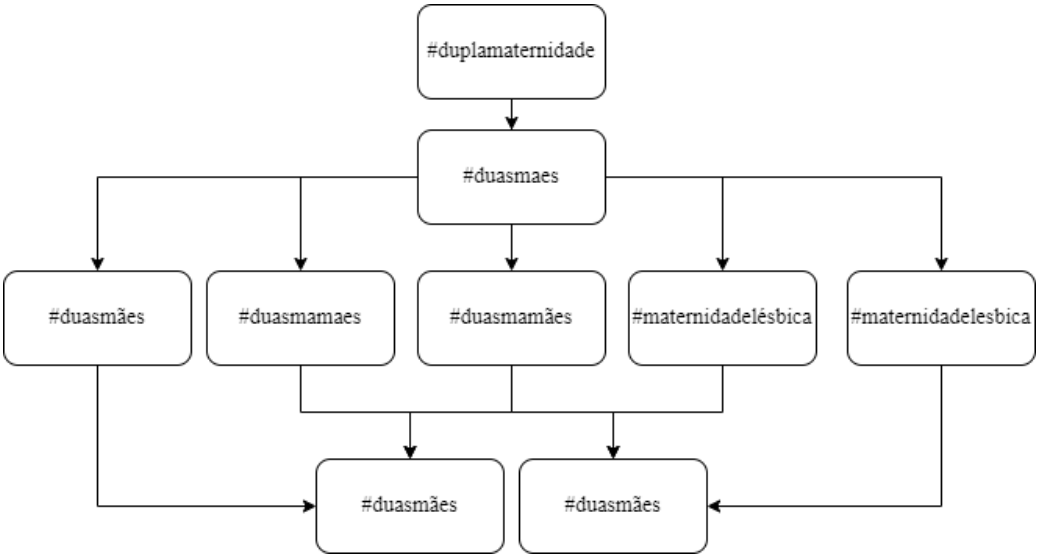
Figura 2 - Principais postagens



Fonte: *Instagram* (2023).

A partir disso, uma nova *hashtag* foi encontrada: *#duasmaes*. Ela foi, assim, posteriormente pesquisada, e o mesmo processo citado anteriormente se repetiu, o que resultou em cinco outras: *#duasmães*, *#duasmamaes*, *#duasmamães*, *#maternidadelésbica* e *#maternidadelesbica*. Após a repetição do ciclo com as últimas, duas novas foram encontradas: *#maternidadedupla* e *#maternidadehomoafetiva*. Por fim, o ciclo foi fechado dado a saturação dos dados encontrados e a não aparição de novas *hashtags* com a última pesquisa. A figura 5 mapeia as *hashtags* encontradas em cada um dos ciclos.

Figura 3 - Fluxograma da busca



Fonte: A Autora (2023).

Assim, foram encontradas 9 *hashtags* para busca de perfis relevantes: #duasmães, #duasmaes, #duasmamães, #duasmamaes, #maternidadelesbica, #maternidadelesbica, #duplamaternidade, #maternidadehomoafetiva e #materniadadedupla (a lista completa de achados pode ser encontrada no Apêndice deste documento). O que nos levou para a Fase II dessa coleta.

5.2 FASE II: BUSCA DE PERFIS

A partir da identificação das principais *hashtags*, o propósito agora foi encontrar quais os principais perfis. Com isso em mente, realizou-se nova busca de cada um desses 9 termos, com nova elencagem: dessa vez dos perfis aos quais as 9 principais postagens estavam vinculadas. Foram encontrados, dessa forma, 81 postagens e identificados 57 perfis. Desses 57, os 5 que se destacaram por frequência de aparição foram selecionados. Foram eles: “duasmaeseummundo”, “duasmamaesdotheoebe”, “mamaesdojoaquim” e “marcelatiboni”.

Tabela 1- Contagem de perfis

PERFIS	CONTAGEM
@Duasmaeseummundo	10
@Duasmamaesdotheoebe	3
@Mamaesdojoaquim	3
@Marcelatiboni	3

Fonte: A Autora (2023).

5.3 FASE III: BUSCA DE PERFIS DENTRO DOS PERFIS SELECIONADOS

Desses 4 perfis, buscou-se, ainda, dentro deles, com o intuito de encontrar outros que demonstrassem relevância para a discussão na rede social *Instagram* fora do sistema das *hashtags*. Dessa forma, foram encontrados os seguintes perfis: “@nandacosta”, “@lanlanhoficial”, “@maternidadesapatao”, “@duasmaesaqui”, “@xododasmaes”, “@gael.t21”, “@duasmaesdorhael”, “@wtflau” e “@thewinteriscami”. Assim, formou-se um total de 13 perfis para análise.

Tabela 2 - Perfis adicionados para análise

PERFIS
@nandacosta
@lanlanhoficial
@maternidadesapatao
@duasmaesaqui
@xododasmaes
@gael.t21
@duasmaesdorhael
@wtflau

Fonte: A Autora (2023).

Nesses, buscou-se as postagens nas quais fossem expostos conteúdos sobre o cotidiano. As legendas dessas postagens específicas foram posteriormente transpostas em uma tabela na qual foram listados o perfil, a moderadora, a data da postagem, o número de likes, o número de seguidores de cada perfil, número de comentários e a forma na qual se deu a maternidade.

5.4 FASE IV: LEGENDAS

Por fim, nesses 14 perfis, foram buscadas legendas que expusessem especificidades vinculadas à vivência da dupla maternidade homoafetiva, dentro de um intervalo de tempo de

1 ano ou, na classificação do *Instagram*, 54 semanas anteriores, contando da data de 20 de outubro de 2022. Foram encontradas, dessa forma, 119 postagens (Apêndice C)⁸.

Essas postagens tiveram suas legendas transcritas em uma tabela do Excel (APÊNDICE A)⁹ e classificadas de acordo com 3 repertórios: a amamentação e a construção da maternidade, a LGBTFOBIA na vivência das famílias e os tipos familiares, parentalidades e estilos parentais. Esses serão descritos a seguir.

5.5 OS REPERTÓRIOS E SUAS QUALIFICAÇÕES

As postagens foram classificadas de acordo com três repertórios interpretativos principais: A amamentação e a construção da maternidade, A LGBTFOBIA na vivência das famílias e os tipos familiares, parentalidades e estilos parentais. Cada um desses repertórios foi classificado em sub-repertórios que se desdobram em temáticas secundárias dentro da temática chave primária. De acordo com a tabela abaixo:

Tabela 3 - Repertórios interpretativos

C1 Amamentação e a construção da maternidade
C1.1 Amamentação da mãe que não gestou
C1.2 Amamentação da mãe que gestou
C1.3 Dificuldade da amamentação
C1.4 O lugar da mãe não gestante
C1.5 Angústias da mãe não-gestante
C1.6 Deslegitimação da maternidade
C1.7 Dificuldades Gerais com a maternidade
C1.8 Dificuldades gerais vinculadas ao divórcio
C1.9 Dificuldades gerais da dupla maternidade homoafetiva
C1.10 Encaixe aos moldes heteronormativos
C1.11 Relatos sobre a construção da maternidade
C2 LGBTFOBIA
C2.1 Lesbofobia
C2.2 Ataque LGBTfóbico
C2.3 Lesbianismo e gênero
C2.4 Preconceito vivenciado pelos filhos
C2.5 E o doador?
C2.6 Deslegitimação do relacionamento
C2.7 Violências sofridas na maternidade
C2.8 LGBTfobia (inespecífica)

⁸Nem todos os perfis estão listados nessa tabela, pois não houveram postagens relevantes em determinados perfis.

⁹Entendendo que, mesmo quando as imagens são postadas em âmbito público, o *Instagram* ainda dá aos usuários a possibilidade de excluir os perfis a qualquer momento, para proteção de imagem pessoal e das crianças expostas nas postagens e dado o estabelecimento contínuo de uma imagem, caso essa fosse publicada em modo de dissertação, evitou-se o registro imagético das postagens aqui estudadas.

C3 Tipos familiares, parentalidade e estilos parentais

C3.1 O lugar do pai na família de duas mães

C3.2 Exercício da parentalidade conjunta

C3.3 As Vantagens de uma maternidade homoafetiva

C3.4 Atitude com relação a homofobia e os filhos

C3.5 Reconhecimento institucional

C3.6 Diversidade familiar

C3.7 Casamento LGBT

C3.8 Estilo parental

C3.9 Atitude com relação a gênero

C3.10 Atitude com relação a própria família

C3.10.1 Criação com apego

C3.11 Postura com relação à Religiões

Fonte: A Autora (2023).

O primeiro repertório foi pensado no sentido de concatenar postagens que falem tanto dos processos de construção da dupla maternidade homoafetiva, expressos através das postagens selecionadas, quanto da importância do processo de amamentação nessa questão, quando presente. Foram também inseridas nessa classificação específica, postagens que diziam sobre os obstáculos enfrentados para o exercício da maternidade e deslegitimações que possam vir a surgir como entraves para o exercício do cuidado e do próprio reconhecimento dessas mulheres como mães.

Já o segundo repertório foi pensado no sentido de concatenar postagens que tenham em sua linha de discurso questões vinculadas a lgbtfobia, ou seja, a situações de agressão, preconceito e discriminação vividas pelas mulheres, seus filhos e sua família de uma maneira geral, especificamente pela composição familiar a qual fazem parte.

Por fim, o terceiro e último repertório buscou concatenar postagens cuja temática esteja vinculada aos estilos parentais, a própria parentalidade em si e aos tipos familiares. Desse modo, procurou-se agregar através dessas postagens desde as que dizem do tratamento dado pelas mães a determinadas temáticas, como as de gênero, por exemplo, no exercício da parentalidade junto aos seus filhos ou até mesmo o reconhecimento da diversidade familiar pelo Estado e como essa temática exerce impacto no cotidiano dessas famílias.

Com base nesses repertórios, na tentativa de democratizar um pouco mais os resultados aqui obtidos, em uma linguagem mais acessível para o ambiente externo da academia, foram desenvolvidas, também, pequenas histórias que concatenam as informações obtidas nessas postagens, na tentativa de descrever diversas situações e questões cotidianas vivenciadas pelas mulheres em questão. Essas foram denominadas personas e podem ser encontradas a seguir.

6 PERSONAS

6.1 LAÍSE

Laíse tinha passado a noite na casa dos pais. Acordou meio de ressaca, buscou Carolina do lado, como que reflexo e ficou confusa por um instante ao não a encontrar. Franziu o cenho, dando-se conta da dor de cabeça que lhe afligia de imediato. Meu deus, nunca mais bebo desse jeito! SABIA, obviamente, que não era verdade. Começava a vir em sua cabeça os flashes do dia anterior.

Os irmãos vieram de cidades vizinhas, também para passar o final de semana com os pais. Achava que era uma boa oportunidade para contar a todos que ela e Carol tinham realizado cadastro para adoção. Elas haviam conversado a respeito anteriormente. Acho melhor ir sozinha, realmente não sei como eles vão reagir (...). Ah, mas eles me tratam bem (...) te tratarem bem é uma coisa, aceitarem a gente com um bebê (...) eu não sei, Carol (...). Vim o caminho inteiro pensando a esse respeito, quatro horas de viagem. Pensava também sobre o quanto a placa de acesso a João Pessoa nunca tinha chegado tão rápido (...) e depois Camurupim e depois Parnamirim (...) e, de repente, Bem-vinda a Natal!.

Subiu o elevador, bateu na porta, ouviu o velho *poodle* latir. E quando viu, lá estavam eles, de mesa já posta, prontos para o jantar. Vou tomar um banho e já volto! Avisou. Tomou uma taça de vinho, em seguida a seguinte (...). Como que para tomar coragem e, de repente, como que de supetão, disse: Eu e a Carol vamos tentar adotar uma criança! Fez-se silêncio. Ela complementou: Não colocaremos limite de idade (...). Mais silêncio. Também não teremos problemas caso a criança tenha irmãos! Poderia se cortar o ar do ambiente com uma faca. Alguns segundos que pareceram horas se passaram, os irmãos olhavam para os pais de olhos baixos, discretamente, dando conta das próprias bebidas. O *poodle* largou o brinquedo no chão, surpreso com a tensão que se formou. Garfos nas mãos sob os pratos. Até que Dona Cida olhou para a frente, pensou, e disse meio que com um tom desesperado: Meu Deus, eu realmente espero que dê tempo de providenciar protetores para as janelas!

Que alívio! Seu Adolfo, seu pai, se largou no choro. A irmã disse que estava nova demais para ser tia, e o irmão já não estava muito interessado nas conversas que se sucederam. Do nada a mesa se encheu de conversas paralelas, o barulho se fez novamente, o caos se reimplantou na casa cheia. E o *poodle* passou a pedir restos de comida à beira da mesa.

Achava que, na verdade, de todas as revelações que tinha feito para sua família ao longo dos anos, essa tinha sido a mais tranquila. Depois que disse ser lésbica, nunca acharam que viria a se tornar mãe. Esse era um papel esperado, alguma expectativa que poderia finalmente fazer jus, mas simplesmente não queria pensar muito a respeito disso. Estava feliz. Beberam a noite toda, conversaram a noite toda, e agora ela se levantava com uma tremenda dor de cabeça, com a Carol no telefone, provavelmente querendo notícias, mas, no fim das contas, havia mais. “Amor, ligaram da Vara! Eles têm uma menininha para gente!” e a dor de cabeça passou.

6.2 GABRIELA

Gabriela acordou animada. No dia anterior, tinha decidido recuperar seu próprio corpo para si. Desde que seu filho Lucas nasceu, sempre achava que seu corpo não era mais seu. O bebê tinha agora 1 ano e para ela esse período de amamentação à livre demanda tinha lhe sugado tudo e mais um pouco. Era já época do desmame. Apesar das recomendações da Organização Mundial da Saúde lhe dizerem que se deveria seguir até os dois, não achava que isso faria sentido para sua família. Sentia falta de si mesma. Sentia falta de sexo também. Sentia que desde que pariu, essa questão tinha sido um pouco colocada de lado, tanto por não terem muito tempo depois que o bebê nasceu, quanto por ela não se sentir muito confortável com as marcas deixadas pelo nascimento.

Ela e Amanda, sua esposa, planejaram tudo desde o início. Como seria a inseminação, quem gestaria, de quem seriam os óvulos. No entanto, nada foi como planejado. Queria ter uma inseminação artificial, foi necessária uma Fertilização *in vitro*. Duas perdas no caminho, muita dor. Soube de início que abortos nos três primeiros meses normalmente eram causados por inviabilidade genética do embrião. Pensava que se soubessem que seria assim, teriam pagado mais para ter testes nos embriões que lhes comprovasse a viabilidade genética de sobreviver às decisivas semanas. Mas, isso teria mudado algo?

No final das contas é uma loteria mesmo (...), pensava. Tinham que vir os dois para o Lucas ter vindo como veio. E o Lucas não veio de forma fácil (...). Ela e Amanda planejaram um parto natural, em casa. Para além do que está na moda atualmente, Amanda não concordava muito com toda essa noção de desmedicalização. Achava que se Gabriela pudesse sofrer menos, ela deveria sofrer menos. Ter o mínimo de dor possível, ser medicamente assistida ao máximo. Gabriela não pensava assim. Se sentiria pouco acolhida no hospital, tinha medo de um parto interventivo, tinha medo de sofrer violência obstétrica por ser lésbica,

tinha medo, medo e medo. Assim, Amanda deu o braço a torcer. Planejaram tudo em casa. O bebê, no entanto, não quis que assim fosse. Na 36ª semana de gestação, dava sinais de que queria nascer. E o corpo de Gabriela dava sinais de que não iria suportar um parto natural. Foram ao hospital de imediato, sob recomendações da doula e da enfermeira obstétrica que haviam contratado. O bebê entrou em sofrimento, tiveram de ser encaminhados para a sala de cirurgia. Lembra de ter dormido, um vulto preto, a voz de Amanda dizendo “nasceu”, um bebê ensanguentado e de mais nada.

Amanda lembra de mais (...). Na verdade, segundo ela, ela lembra demais. Lembra de ter que acompanhar sua esposa ao longo do tempo que permaneceram no hospital, lembra do filho sendo encaminhado para Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, como procuravam a mãe para prosseguir com os procedimentos médicos: onde está a mãe? Ela está acordada? Precisamos conversar sobre os próximos passos com relação a internação do bebê. Mas eu sou mãe dele também! dizia, desesperada, sob olhares presunçosos e julgadores dos médicos de plantão, que até a intervenção do serviço social local não lhe quiseram prestar mais satisfações. Lembra de olhar para a pulseira do hospital, na qual havia escrito: “Parabéns, papai!” em uma fita azul e uma pequena cegonha, pensando: “Mas o que custava imprimirem outra pulseira como a da Gabriela para mim?” Aparentemente custava muito.

O Lucas saiu do hospital quatro semanas depois. Decidiram que somente Gabriela ia amamentar, apesar de Amanda ter passado pela relactação¹⁰, uma pessoa precisava ficar responsável por resolver as questões fora do hospital. A vida andava, o bebê não podia ficar sozinho, mas elas tinham uma casa, um negócio, um cachorro. E no frígir dos ovos, Amanda não conseguiu a licença maternidade, que só seria cedida meses depois, após decisão para outro casal de mulheres que abriu um precedente para as seguintes. Um período difícil, mas superado. Lucas hoje anda, fala, e tem um nome para cada mãe: Mamãe Ga e Mamãe Ma.

No final das contas, Gabriela achava que o filho tinha vindo para lhes ensinar que não se tem controle de nada, até mesmo quando se acha que tem. Mas, pelo menos de si mesma, ela gostaria de manter a ilusão de que tinha. Gabriela queria o próprio corpo de volta. “Ei, *mamá*, bora *pra* academia?”.

¹⁰Processo de estímulo à produção de leite materno.

6.3 ANA JÚLIA

Ana Júlia tem 32 anos. É casada com Flávia há três. Nunca tinha tido em sua perspectiva de futuro casar e muito menos ter filhos. Como mulher lésbica masculinizada, essa opção sempre lhe foi muito distante. Quando encontrou Flávia, porém, desde o início o assunto parecia surgir de forma natural. Flávia sempre quis ser mãe. Ela, mulher lésbica feminilizada, nunca havia posto esse desejo de lado. Via na adoção ou até na gravidez por acidente com um rapaz qualquer um modo de satisfazer o anseio tranquilamente. Não sabia desde quando, ou de que forma, mas isso sempre havia sido posto para ela como fato, não tinha certeza sobre muita coisa, mas sobre isso tinha.

Assim, quando se conheceram tratou de demonstrar a Ana Júlia o que para ela fazia sentido. Esta, que nunca tinha se visto na posição de uma possível mãe, passou a se questionar a respeito, quem sabe isso seria uma possibilidade mesmo? Pesquisando, conheceram a possibilidade da fertilização *in vitro*. Assustaram-se com o valor. Insistindo, encontraram uma clínica de reprodução assistida que oferecia uma espécie de programa de cotas para casais com dificuldades em engravidar e sem condições financeiras para arcar com os custos de um tratamento como esse. Para elas, um *mano* preto como doador, fazia muito sentido. Queria que seus filhos pertencessem a mesma ancestralidade, para elas, mulheres do candomblé como eram, elas mesmas pretas e de baixada, isso tinha um sentido especial. E assim foi.

Flávia engravidaria. Júlia, entretanto, queria ter algum vínculo biológico com os bebês. Sentia que faria mais sentido para ela, seria mais fácil a vinculação. Seria mais fácil, também, justificar para o social sua maternidade, seu vínculo com as crianças, além do socioafetivo, seria naturalmente dado. Decidiram que os óvulos, assim, seriam seus. Quatro embriões implantados. Dois embriões resistentes. Dois bebês assim se formaram: Gêmeos. Como tantas na mesma situação, a gravidez gemelar de risco tinha várias dificuldades. Sem falar nas preocupações vinculadas aos cuidados posteriores. Dois bebês. O dobro de gastos e atividades.

Um alívio, entretanto. Em uma das consultas médicas, a Dra. Juliana, que havia as acompanhado desde o início, faz a pergunta, que mais soa como uma abertura de possibilidades: Júlia, você vai amamentar? Até aquele momento, não havia pensado a esse respeito. Não sabia se a própria forma heteronormativa com a qual considerava as coisas, no sentido de que só uma estaria preliminarmente envolvida na atividade de alimentar os bebês. Mas, a forma talvez mais equânime de divisão de tarefas entre ela e sua companheira com

relação aos cuidados primeiros com ambos os bebês lhe soava como que uma sobrecarga menor.

Mas, seria mesmo? Muitas perguntas lhe invadiam naquele momento. Qual seria o processo? Como isso seria possível se o seu corpo não tinha passado pelo processo da gravidez? Será que as duas envolvidas na atividade da amamentação facilitaria ou dificultaria a resolução de atividades fora da casa, que talvez se fizessem necessárias? Como isso influenciaria no desenvolvimento dos bebês? Eles prefeririam mamar na mãe que pariu ou na que não pariu? No final das contas, as profissionais da clínica especializada não sabiam responder.

A psicóloga do local afirmava que, na verdade, os estudos sobre desenvolvimento infantil eram sempre feitos a partir de um modelo de família dito como tradicional, composto por mãe, pai e criança. O que não refletia o modelo ao qual elas faziam parte. As próprias nomenclaturas eram inapropriadas, como função materna em contraponto com a função paterna, completamente inapropriado ao modelo de família no qual as duas mães amamentavam. Mas, que oportunidade! (...). Ocupavam um lugar onde as identificações não eram assim tão pré-estabelecidas. Poderiam criar. Criar seus vínculos, espaços. Criar as formas com as quais se desenvolvem com seus filhos de maneira original. Pensar sobre isso dessa forma, inspirava Ana Júlia. Quem seriam seus filhos? Como seria a relação dela com eles? Que possibilidades eles lhe trariam em suas formas de existir? Mal via a hora de descobrir.

6.4 MARIA

Maria tinha saído de casa cedo. Quinta era dia de feira na baixada. Levava uma *ecobag*¹¹ no braço, com um moedeiro dentro e seus documentos: Não dá para ser preta e sair sem documentos, né? Na outra mão, um carrinho de compras ainda vazio. Os meninos, Kauã e Kael, estavam começando a introdução alimentar e ela adorava comprar comida fresca para as crianças. Lembrou que o Kayo, seu filho mais velho, adora manga. Fez uma nota mental de adicionar a fruta à lista de compras. Quando pequena, a comida sempre foi uma questão na sua casa, achava ser, por causa disso, que sentia em nutrir os filhos toda uma satisfação a mais. Ela e Laura leram tudo a esse respeito, do método tradicional à introdução alimentar

¹¹Bolsa de tecido reutilizável.

participativa. É tudo tão acessível hoje em dia (...). Para quem sabe ler e tem internet (...). E sabe como usar. Tá, talvez não tão acessível (...).

Chegou na feira, cumprimentou o Seu Zé, comprou e pechinhou o que lhe interessava. Voltou com mangas, maçãs, melancia, bananas e macaxeira. Achava que dessa vez ia tentar ofertar a melancia para ver o que os meninos achavam. Não demorou muito até Kauã acordar e, em seguida, o Kauê. Ajustou as cadeirinhas, cortou os pedaços da fruta, colocou em potinhos, no capricho (...). Dessa vez ia ser para o café da manhã. Kauã olhou para o potinho com curiosidade, pegou o primeiro pedaço e tentou meio desconfiado. Ficou por ali, brincando com os pedaços, sem querer muito comê-los. Já Kauê, como sempre, devorou tudo em apenas alguns minutos. Eram mesmo muito diferentes.

Pensava nisso com frequência. Os filhos tinham temperamentos completamente contrários. Um era mais calmo, sociável e risonho. O outro era mais tímido, sério, introvertido e de choro fácil. Isso a preocupava bastante, principalmente por causa dos comentários que ouvia de terceiros. Ouvia comparações constantes das pessoas que tendiam a preterir o primeiro e até criticar o segundo por causa de seu modo de ser. Isso a irritava muito. Ela e sua esposa tentavam ao máximo cuidar e educar os filhos de uma maneira que se sentissem aceitos pelo que são e como são, e a imposição externa a magoava. Sabia que não podia os proteger de tudo e todos, no entanto, acreditava que aos seus menininhos pretos, com tantas prerrogativas negativas lá fora, o mínimo que poderia ofertar era um ambiente doméstico o mais respeitoso e acolhedor possível.

Isso lhe doía o coração, pensar nessas imposições de gênero. Tinha receio do que elas poderiam causar nos filhos posteriormente. Via o que se esperava de homens pretos na baixada, sempre o mínimo possível, que fossem homens duros, violentos, insensíveis, de baixa autoestima e sem propensão a lidar com os próprios sentimentos de uma maneira saudável. Partia o seu coração achar que seus filhos pudessem um dia não se sentirem seguros o suficiente para compartilhar suas angústias consigo ou com sua outra mãe. Então, acolhia mais do que brigava. Legislava sem agredir com palavras. E nunca, em hipótese alguma, os batia.

Essa decisão rendia muitas críticas ao casal. Elas eram acusadas de mimar as crianças, de permitir que tudo fizessem e de que, um dia, um policial iria bater neles, pois elas não o faziam. Diziam não ligar (...), mas no fundo, isso as angustiava um pouco. Sabiam que todos e qualquer erro que os filhos fizessem no futuro seria creditado a configuração familiar das duas. Também encarava a questão de criar três meninos como um ato revolucionário, uma oportunidade única de oferecer a sociedade uma contribuição feminista de tudo o que

acreditavam. Mas, e se estivessem erradas com relação a abordagem? E se não fosse o melhor? E se... E se... No final das contas, criar uma criança é um livro aberto de possibilidades. Conformava-se, então. Não há garantias para além de uma aposta. Achavam, no entanto, que no Kayo, Kauê e Kauã valia a pena investir todas as moedas.

6.5 LUANA

Estavam todos empolgados: Era dia de parque aquático. Acordaram os gêmeos, vestiram os dois em roupa de banho, trocaram-se, cataram as mochilas arrumadas no dia anterior e ‘tíbum’ no carro. Todo um álbum da Moana¹² depois, chegaram ao famigerado local. Logo na recepção, compravam os tickets, as duas a frente, como o Léo resolveu sentar-se no sofazinho em frente. Batendo as perninhas no assento, imitando um menininho comportado, esperava as mães. Ao seu lado, sentou-se um senhor, lá para os seus setenta anos. Olá, rapazinho! Você sabia que tenho um netinho da sua idade? Está aproveitando o fim de semana com o papai e a mamãe? ao que o Léo prontamente respondeu: “Eu não ter papai, eu ter duas mamães!” De repente, a feição do senhor mudou e ele passou a ignorar o garotinho. O Léo, confuso, começou a lhe encher de cutucões: ei, ei, ei! Aos quais apenas silêncio tinha como resposta. Começou a ficar frustrado, os cutucões viraram dedinhos cerrados, a feição alegre virou uma careta e os olhinhos começaram a se encher de água. Estava magoado. Foi em busca de suas mães.

Luana, que discutia com Fernanda sobre o valor promocional dos tickets familiares, olhou surpresa para o filho, que vinha em sua direção com a feição de que havia algo de muito errado. Preocupada, abaixou-se e indagou o que tinha acontecido. Ao ouvir o relato, seu coração se encheu de mágoa pelo filho, que se transformou em raiva e depois em revolta. Tinha vontade de ir até o senhor, pedir satisfação, dizer-lhe umas boas verdades. Como pode tratar uma criança dessa forma? Não tem vergonha? Mas, que bem isso traria? Os filhos tinham, desde cedo, também, de se habituar e criar suas próprias repostas para as incongruências do mundo. Não podia protegê-los para sempre, não podia estar com eles em todas as situações que possam vir a surgir nesse sentido. Então, se encheu de culpa por um centésimo de segundo. E depois a raiva lhe tomou novamente. O mundo não é deles! É nosso também! O mundo deles é produzido, e é produzido por nós também. E, de repente, a raiva se transformou em luta.

¹²Personagem de desenho animado produzido pela *Walt Disney Productions*, cujas músicas no filme servem de entretenimento em também em áudio voltado para o público infantil.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 QUEM SÃO AS MÃES SOBRE AS QUAIS FALAMOS?

Dos 13 perfis analisados para a obtenção das postagens utilizadas nesta pesquisa, oito eram gerenciados exclusivamente por mulheres brancas e dois tinham pelo menos uma mulher branca compondo o casal. Somente um era composto por duas mulheres negras, dois por duas pardas e um por uma negra e uma parda. Esclareço que, em alguns, fica explícito o gerenciamento do perfil pelas duas mulheres que compõem o casal, como em outros fica evidente o gerenciamento apenas por uma delas. Por isso, a diferenciação na tabela abaixo.

Tabela 4 - composição dos perfis por raça/cor¹³

RAÇA, COR E ETNIA	Nº DE PERFIS
Branca	4
Branca e Branca	4
Parda e Parda	2
Preta e Preta	1
Parda e Branca	1
Parda e Preta	1

Fonte: A Autora (2023).

Esclarece-se aqui que apenas um perfil composto por mulheres negras (@maternidadesapatao) foi encontrado através do sistema de postagens mostradas como relevantes no *Instagram*. Além disso, grande parte dos perfis públicos cuja composição existem mulheres negras e pardas foram encontrados a partir de uma postagem realizada por esse perfil, ao enaltecer uma deficiência de perfis chamados de não “instagramáveis” em torno da discussão da dupla maternidade homoafetiva.

Ademais, nenhum perfil oriundo do Nordeste ou Norte pôde ser encontrado a partir da busca realizada, seja pela não popularidade desse tipo de conteúdo na região, pelas limitações colocadas pela ferramenta de busca ou forma com a qual essa foi utilizada para realização desta pesquisa. As mulheres, são majoritariamente oriundas da região Sudeste e de áreas metropolitanas do país, estando São Paulo – capital - na frente, com 8 perfis. Outras capitais,

¹³Classificação desempenhada por heteroatribuição, de acordo com os critérios elencados por Monique Miranda (2010).

como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba também tiveram uma representação. Dois perfis não puderam ter seu lugar de origem identificado pelas postagens analisadas. Faço um adendo aqui para o fato de que São Paulo também foi uma das principais regiões a partir das quais se obteve produções a respeito da dupla maternidade homoafetiva no país, como ilustrado acima, na revisão bibliográfica realizada.

Tabela 5 - Estados de origem dos perfis

Estado	Contagem
São Paulo	8
Não especificado	2
Rio de Janeiro	1
Paraná	1
Minas Gerais	1

Fonte: Autora (2023).

Em sua maioria, as mulheres moram juntas (12 perfis, no total). Metade dessas são civilmente casadas e a outra metade não foi possível identificar qual vínculo civil estabelecem. Em dois dos perfis, as usuárias eram divorciadas.

Os assuntos tratados nas postagens tinham como foco principal assuntos vinculados à parentalidade, mas também a viagens, relacionamentos, amamentação e LGBTfobia. Parte dos perfis tinha a última questão – a saber a LGBTfobia - como um grande foco do conteúdo compartilhado das redes. Outros focavam mais no cotidiano vivenciado em família a partir das temáticas anteriormente citadas, sem necessariamente postar a respeito de uma vivência LGBTQIA+ ou especificidades oriundas dessa realidade. O número de seguidores variava à época da busca entre 3.8 Milhões (Obtidos pela @nandacosta, perfil de uma atriz brasileira cuja popularidade em Telenovelas pode também explicar tamanho quantitativo) e 990 seguidores (obtidos à época da pesquisa pelo perfil @duasmaesaqui), de acordo com a tabela a seguir.

Tabela 6 - Quantitativo de seguidores

Perfil	Número de Seguidores
@nandacosta	3.7M
@lanlanhoficial	496K
@duasmamaesdotheoebe	38.6K
@wtflau	62.2K
@thewinteriscami	35.2K
@marcelatiboni	27.7K
@maternidadesapatao/	20.4K
@duasmaeseummundo	12.7K
@gael.t21	8.6K
@xododasmaes	5.1K
@mamaesdojoaquim	3.1K
@duasmaesdorhael	1.7K
@duasmaesaqui	1.4K

Fonte: A Autora (2023).

Faz-se importante salientar, entretanto, o caráter volátil do ambiente digital. Os dados aqui expostos foram coletados no período de agosto de 2022, sendo essas informações suscetíveis a variações constantes devido ao caráter extremamente volátil do ambiente digital, podendo ser quantitativamente mutáveis a qualquer momento.

Com relação a forma com a qual as mulheres acessaram a maternidade, 10 dos 14 perfis citam a Fertilização *in vitro* e a Inseminação artificial como forma de acesso, dois citam a adoção e um não possui especificação a esse respeito. Esse achado é coerente com a revisão da literatura que já expõe a reprodução assistida como a principal forma de acesso à maternidade por famílias formadas por duas mães (Pontes, 2019). Em seis dos perfis, a mãe que engravidou foi também a que amamentou e em três deles houve dupla amamentação: onde as duas mães amamentam. Nos demais, não houve especificações a esse respeito.

Por fim, com relação a orientação sexual, faz sentido aqui deixar um adendo sobre o fato de que todas aquelas que declararam uma orientação sexual, identificavam-se como lésbicas (quatro dos 14 perfis). Nenhuma outra orientação foi citada nos perfis analisados. Adiante, versaremos um pouco sobre os resultados obtidos através da análise de discurso, na qual se traçaram alguns repertórios interpretativos.

7.2 A AMAMENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DAS MATERNIDADES

A amamentação foi um aspecto extremamente presente nos posts analisados, especialmente quando essa se deu dentro de um contexto no qual a mãe não-gestante exerceu a prática conjuntamente com a que passou pela gestação. Esse é um tema que surge atrelado à maternidade de maneira geral, principalmente em decorrência das últimas políticas públicas lançadas pelo Sistema Único de Saúde, na tentativa de trazer para o Brasil a recomendação da Organização Mundial de Saúde, que recomenda a amamentação exclusiva até os 6 meses de idade.

No caso de famílias em que há duas mães, o fato de os corpos serem, em sua maioria, ambos passíveis de passar pelo processo da amamentação, torna a temática presente no campo virtual e foi, por isso, escolhida enquanto primeira temática a ser tratada: pelo seu protagonismo tanto no que tange ao desenvolvimento infantil atrelado às teorias em Psicologia, quanto na particularidade de uma família onde duas amamentam as crianças que parentam.

Dessa forma, nas postagens, as mulheres expõem sua vivência junto aos seus filhos, normalmente gêmeos, quando a demanda de leite materno é maior. Elaboram sobre o quanto esse elemento facilitou o desenvolvimento de vínculos, ao mesmo tempo que trazem o fato de que a amamentação faz parte da maternidade e não é prerrogativa para a existência dessa. Expõem sobre a diminuição da sobrecarga de uma das mães a partir do mecanismo não da ajuda, mas da divisão equânime da tarefa.

Assim, grande parte das mulheres que exerceram essa função junto da mãe que gestou, passou pelo processo de indução a lactação. Esse protocolo médico consiste em um processo de estímulo hormonal e comportamental (estímulo mamário) para induzir a produção de leite no corpo feminino e inicia-se normalmente alguns meses antes da data planejada para o nascimento. No entanto, um dos perfis compartilha uma vivência na qual a mulher não passou

por um processo como esse e mesmo assim se viu em uma situação em que ofertar o seio para seu filho foi uma possibilidade para a díade (P1)¹⁴.

Em situações em que essa questão não foi compartilhada, elaboram sobre o quanto a amamentação seria o primeiro desafio da maternidade, expõem sobre a importância do apoio ofertado pela mãe, cujo exercício da amamentação não se encontrava em curso, no sentido de tornar esse aleitamento possível e mais confortável para a que exerce a atividade. Além disso, em muitos momentos, propõem a importância da singularidade da história de cada família a esse respeito e o quanto essa questão precisa ser respeitada dentro de um contexto no qual é posto um conjunto cada vez mais rígido de regras a respeito de como uma maternidade ideal deveria ser exercida. É presente uma cobrança por parte dessas mães a respeito da qualidade dos cuidados atribuídos aos filhos.

Essa cobrança parece estar ligada a noção de maternidade enquanto hegemônica e autorrealizadora, constituinte de uma noção generificada do que seria ser mãe (Sousa, 2018). Essas mulheres não estão imunes a isso, e sim, imersas na questão. Ao mesmo tempo, descrevem-se, em alguns momentos, como mais sujeitas à questionamentos e julgamentos por sua orientação sexual, o que é coerente com os achados por Azeredo (2018), que citou a tripla vulnerabilidade desse grupo específico: Por serem mulheres, por terem orientação sexual dissidente e por serem mães. Como se a qualquer momento pudessem ter sua configuração familiar usada como justificativa para algum desvio no desenvolvimento dos filhos¹⁵.

Dessa maneira, tentam utilizar-se do contexto virtual para, também, exporem dificuldades a esse respeito, na tentativa de desromantizar a questão (P33, P36 e P52). A postagem do perfil @marcelatiboni pode resumir um pouco os aspectos trazidos por esse perfil nesse sentido:

Acho importante frisar que a minha história é só minha. Toda vez que falo sobre a dupla amamentação recebo relatos de casais, ou mulheres, que não conseguiram amamentar ou que não tiveram sucesso como nós duas. Esses relatos, por algum tempo, me deixavam angustiada, culpada, como se minha história pautasse todas as outras ou fosse responsável por fazer dar certo para todos os outros. O que desejo, sempre, é contar o que vivemos, e fazer pensar nas muitas variantes. Aqui foram 2 bebês, 4 peitos, pouca produção e vazão de leite, relactação com fórmula, livre demanda e 2 anos partilhando amamentação em nossos peitos, em parceria. Cada história é uma, cada história é única, cada expectativa ou frustração pertence a um só ser. E talvez ressignificar o termo sucesso, porque eu insisto, olho o que vivemos e

¹⁴Para a facilitação do entendimento, foi feita uma codificação das postagens e categorias cuja discriminação pode ser encontrada no Apêndice I e II.

¹⁵A discussão sobre lgbtfobia pode ser encontrada no tópico seguinte.

defino: foi um sucesso! Porque é assim que eu entendo o sucesso, algo que foi tentado, partilhado, vivido, construído e realizado.

Além disso, a gravidez também aparece como um marcador importante como subentendido supracitadamente. Seja no sentido de determinar a pessoa que pode passar pelo processo hormonal posterior de indução a lactação, seja no de delimitar espaços que serão ocupados na vida da criança em um primeiro momento. Essas mulheres, que não passaram pela gravidez, são aqui chamadas de mães não-gestantes. Elas expressam, em várias circunstâncias, suas angústias no sentido de terem sua maternidade questionada socialmente, como se a mãe que gestou ocupasse uma posição de mais mãe do que elas (mesmo quando há uma gravidez cruzada, onde os embriões são, na verdade, geneticamente seus) (P20). Essa questão é vastamente exposta na literatura, como colocado anteriormente (Silva, 2012; Côrrea, 2012; Gerent, 2016; Ril, 2020).

Isso se põe coerente com a tendência ocidental que enaltece o vínculo da parentalidade através de meios biologizantes, sendo o próprio exercício da prática colocada como algo fundamentalmente posto sob o viés da continuidade da vida conjugal. O fato de preferirem um doador anônimo ao exercício da co-parentalidade, por exemplo, corrobora com essa ideia. A relação da dupla conjugal é, assim, um eixo de sustentação para as famílias aqui postas, como discutido na revisão da literatura acima (Pontes, 2019; Azeredo, 2018). Os filhos, dessa forma, nascem em um contexto de grande planejamento e preparo, movido por forte desejo de exercício da maternidade. Desejo esse envolto em considerações históricas do que a maternidade representa para uma identificação com a feminilidade. Assim, esse modelo não foge a norma euro-americana de família, cuja sustentação é a conjugalidade. A referência do exercício é normativa, mas o exercício em si foge à norma dado a configuração familiar formada por duas mães, criando ao mesmo tempo que reproduzindo (Pontes, 2019).

Em uma das postagens, uma delas esclarece o quanto as parentalidades são também sociais, sendo algumas impossibilitadas parcialmente de ser pela falta desse reconhecimento. Como uma constante luta, as mães que não gestam afirmam terem de reivindicar constantemente seu lugar na vida de seus filhos perante o meio, apesar de o vínculo entre elas e as crianças ser claro e algo dado, natural. (P11), esclarecendo que gestar não é o mesmo que parentar e expondo a diversidade familiar como um argumento que corrobora com essa premissa (P20). O sentimento de invisibilidade, minimização do sofrimento e das angústias causadas por essa questão na própria construção da maternidade da mãe que não gesta também aparece como uma realidade latente (P64 e P77).

Em um outro momento, as deslegitimações ganham um outro caráter, principalmente com relação às mulheres que não performam feminilidade, onde a lesbofobia intensifica questionamentos com relação a capacidade materna de uma determinada mulher, qual seja, a capacidade de cuidar, no caso de uma mulher masculinizada (P48). Ademais, muitas postagens remetem a descontentamentos com relação às comparações familiares de famílias compostas por duas mães e aquelas constituídas dentro dos moldes heteronormativos, esclarecendo a importância da marcação da diferença entre mãe que não gesta e um pai, mesmo quando este possa ser considerado como um cuidador equânime perante a mãe frente aos filhos (P60). Seja na própria confusão de seus papéis com aquele que seria o papel de um pai ou com a credibilidade institucional atribuída pelo Estado a não lhes permitir uma licença maternidade da mesma forma que mães gestantes (P7).

A afirmação é a de que não há um reconhecimento das infinitas variações possíveis de família, mas sim a identificação de uma falta em famílias compostas por duas mães, como se imediatamente se questionasse sobre o faltante: o pai. Ao mesmo tempo, é como se essas mulheres que não gestassem se sentissem incomodadas em terem o seu papel comparado com o papel paterno tradicional. É como se este não denotasse um cuidado tão qualificado e profundo quanto seria o papel de uma mãe. Isso se dá dentro de um contexto em que a paternidade, apesar de já ter passado por diversos processos de discussão, principalmente nos últimos anos, ainda é denotada como opcional para muitos homens, no que tange a esfera do cuidado e da responsabilidade para com a criança. Dessa forma, a comparação desse lugar enquanto um “lugar de pai” não é bem-vinda por essas mulheres.

Por outro lado, a própria concepção de cuidado na paternidade também é posta em pauta quando elas têm, por exemplo, seu direito a licença maternidade negado pela justiça ao serem colocadas nesse papel análogo, como se um homem na posição paterna também não tivesse a necessidade de ter uma licença para cuidar junto à mãe de seu filho recém-nascido.

Todas essas questões citadas acima aparecem como aspectos importantes para a construção do que seria a maternidade para essas mulheres ao, por exemplo, colocar-lhes em uma posição mais desnaturalizada perante o fenômeno, questionando, dado a constante invalidação do social, suas posições e papéis como mães, casais e famílias (P54, P12, P39, P40). Um perfil, no entanto, acaba por apontar para pequenas conquistas nos reconhecimentos das especificidades familiares. Um exemplo dessa questão pode ser encontrado na postagem a seguir, feita pelo perfil @marcelatiboni:

A pergunta que mais escutei em entrevistas e palestras é: quais os maiores desafios de ser mãe? E eu sinceramente me pergunto: “mas eu sou mesmo mãe dos meus filhos?” As parentalidades sempre trazem desafios, expectativas não cumpridas, medos e incapacidades. Mas, algumas parentalidades trazem a impossibilidade de ser. Aqui eu luto, desde o dia que eles chegaram ao mundo, para que me vejam como mãe. Eu? Eu sei que sou mãe. Mel? Sempre soube que éramos duas mães. Nossos filhos? Sabem desde o dia 1 que têm duas mães. Mas, nossa família também é do social, do externo, do outro. Não, isso não me cansa nem me frustra. Isso me deixa na certeza de que a luta segue, de que a luta será longa, mas me alegra perceber que ela já começou e, portanto, faltam menos dias para ela terminar do que quando ela começou! Por exemplo, a DNV (caso n2), já mudou no Ministério da Saúde e hoje cabem duas mães lá. *Vamo que vamo!*

7.3 A LGBTFOBIA NA VIVÊNCIA DAS FAMÍLIAS E O DOADOR

A questão da LGBTfobia aparece de várias formas nas postagens aqui analisadas. A própria deslegitimação anteriormente citada, tem uma influência forte dessa questão que aparece com um cunho moral relevante. Especificamente com relação às mulheres, o machismo surge como pauta para os perfis, com um embasamento cristão presente. São muitos os ataques descritos por elas, sofridos nas redes sociais e vindos de grupos cristãos (que vão do ataque direto em suas redes sociais aos boicotes em publicidades das quais fazem parte¹⁶ - P5, P9, P25). Isso é coerente com o fato de que esse ambiente virtual, como descrito acima, é uma constante frente de batalha de discursos, o que enaltece a importância da existência desses perfis enquanto frentes de disputas progressistas.

Constantemente apontam, entretanto, para a importância da sociedade de uma maneira geral, e não de um grupo específico que divirja de uma suposta família tradicional, atentar com relação ao cuidado prestado às crianças de uma sociedade específica, o que nada tem a ver com a configuração familiar que lhes presta cuidados. Sobre isso, o perfil @marcelatiboni expõe, ao responder um ataque homofóbico em sua rede social, que defende ser egoísta uma família de duas mães compor uma família devido ao sofrimento que essas crianças supostamente sofreriam em meio social:

¹⁶Diversas marcas utilizam as redes sociais para se divulgarem devido ao amplo alcance de perfis famosos dentro desse espaço. Muitos dos perfis aqui analisados realizam propagandas monetizadas e se utilizam desse espaço também como fonte de renda.

Mas dona Nilceia, egoísta, eu? O que seria egoísmo? Entregar aos nossos filhos amor, cuidado, afeto, atenção e aconchego? Por que estaríamos nós brincando com a vida de inocentes? E sim, cada família escolhe como ela será formada. Acredito que a senhora tenha escolhido a formação de sua família, correto? Nós também escolhemos a nossa. E quando não se escolhe a formação da família, como no caso de uma criança de 11 anos grávida, ela deve ter o direito de dizer basta! A preocupação, dona Nilceia, deveria ser com o cuidado que nós e todos aqueles que assumem a parentalidade dão aos seus filhos, e não como as famílias são formadas.

Além disso, em alguns momentos denunciam a postura da própria rede social frente a pautas relacionadas a dupla maternidade homoafetiva, no sentido de que o *Instagram* boicotaria postagens que contivessem a palavra lésbica, ou seja, não engajaria, mostraria esse post para poucas pessoas (P15) e prejudicaria a disseminação da visibilidade dessas famílias. Descrevem também situações cotidianas fora do mundo virtual, onde são expostas a situações que visam forçar uma invisibilização de si mesmas como família, qual seja, o não expor suas famílias em público, mantendo-se no mundo privado (P23).

Paralelamente, unanimemente, as famílias cujas postagens foram aqui analisadas e se utilizaram de FIV/IA para o exercício da reprodução assistida, utilizaram-se de doador anônimo para a fertilização, sendo a co-parentalidade com esse sujeito inexistente. O exercício dessas parentalidades foi assim posto dentro da conjugalidade dual, e a afirmação da não necessidade de um pai para a consideração dessas famílias como legítimas foi colocada em vários momentos.

Vivências em que a diversidade familiar não é reconhecida dentro de ambientes de saúde, assim, também é algo encontrado em muitas das postagens. As mulheres, principalmente as não gestantes, enxergam preconceito e falta de representatividade na assistência à saúde por elas prestadas, e a falta de preparo dos profissionais diante de suas particularidades. Afirmam, por exemplo, terem recebido a pulseirinha do “parabéns, papai”, em um dos hospitais, encarando essa questão como uma violência. Em um outro momento também colocam sobre terem decidido por um parto doméstico, com medo de que a dupla amamentação dos bebês, na hora ouro (primeira hora do bebê, considerada muito importante para regulação hormonal, amamentação de sucesso, dentre outras variáveis), não fosse respeitada para ambas as mães, mas sim somente para aquela que acabou de parir. Essa questão é coerente com o posto por Firley Poliana Lúcio (2016), quando esta afirma sobre a falta de preparo dos profissionais de saúde para lidar com a diversidade familiar, de modo que o treinamento e a própria constituição protocolar dos hospitais não abarcam situações específicas, ficando estas a depender do posicionamento pessoal do profissional de saúde, que

nem sempre é favorável a abarcar os direitos de famílias de duas mães, dada a perspectiva heteronormativa para a qual os processos são pensados.

Em algumas publicações, aspectos acerca do questionamento a respeito da ausência de cobrança para com os pais de famílias cujos moldes estão dentro do padrão heterossexual é colocada. Ao mesmo tempo, há uma supervalorização da cobrança para famílias de duas mães a respeito de uma suposta importância da existência do pai da criança. Ou seja, falam sobre a contradição contida no fato de que em situações nas quais a responsabilidade de um pai merecesse cobrança, essa cobrança falha socialmente. Mas, quando há somente duas mulheres, essa aparece muito mais fortemente, como mais uma tentativa de deslegitimar tal configuração familiar.

Em alguns outros momentos, no entanto, essa figura aparece no discurso como alguém cuja importância genética merece reconhecimento na constituição dos filhos dessas mulheres e no que torna eles sujeitos biológicos completos, por mais que anônima, não participante e não existindo a possibilidade de identificação por essas crianças do doador no futuro. Em outros, há uma postura defensiva com relação a alguns casais a essa pergunta, como se essa questão fosse para algumas famílias um tabu. Algo enxergado como desrespeitoso quando é questionado, no sentido de que a doação do chamado material genético teria um caráter de tratamento médico para uma condição de infertilidade, e não de propriamente um exercício parental quaisquer que fosse, sendo uma invasão da privacidade do casal exercer questionamentos a esse respeito. A postagem de @maternidadesapatao resume um pouco das perspectivas obtidas através do levantamento proposto, em postagem na qual o perfil enfatiza quatro questionamentos que não devem ser feitos a um casal que exerce dupla maternidade homoafetiva:

Além de quatro existem várias coisas que não se deve falar para uma família de duas mães. Aqui a gente separou essas quatro perguntas bem uó, que deve passar pela cabeça das pessoas quando se trata de dupla maternidade. A ideia (sic) da maternidade a princípio era bem heteronormativa. (sic) Tudo bem se a mulher for hétero e falar que ela tem o (sic) desejo de ser mãe, ninguém vê problema nenhum nisso. Foi colocado como mais normal ainda, essa mina engravidar de um mano que não queira assumir suas responsabilidades paternas, o tal do pai ir embora e *deixar a mina pra trás*. Existem milhares de mães solas, e tudo bem também se essas mulheres se tornarem as mães guerreiras, que batalham todos os dias para criar os filhos sozinha (contém ironia), mas aí quando se trata de duas mulheres querendo dividir juntas o desejo da maternidade, rapidinho até o padeiro sai lá da padaria, pra vir até a sua casa questionar se a sua cria vai ter pai ou não. Nossa dupla maternidade existe! E está aqui para quebrar preconceitos (sic), tabus e fobias, nós duas mães já cansamos de mostrar que damos um show quando o assunto é criação, a cada dia mais que se passa nossas famílias vem se formando e

trazendo ao mundo seres incríveis, criados com muito amor, carinho e a presença paterna. Nossos filhos não precisam de um pai! Sortudas são as crianças que são crias de duas mães.

7.4 TIPOS FAMILIARES, PARENTALIDADES E ESTILOS PARENTAIS

Ademais, um ponto marcante nessas postagens foi a questão da perspectiva com a qual a questão do cuidado é percebida por essas famílias. As mulheres expõem com frequência como cuidam de seus filhos, quais são as questões relevantes para elas ao lhes passarem valores, o lugar dado à figura paterna nessas famílias e a própria questão da parentalidade conjunta exercida por elas.

Diferentemente de casais em que o gênero é um motivo de disparidade perante o desempenho do cuidado infantil, essa questão é colocada pelas usuárias das Redes como algo que favorece a divisão de tarefas. Isso é dito dentro de um contexto no qual o casal envolvido foi subjetivado em uma realidade que denota ao feminino posições de cuidado, estando ambas, por consequência, propensas a se colocarem em uma posição de responsabilidade perante esse. Ao mesmo tempo, observa-se, muitas vezes, um posicionamento romântico perante o que seria essa dupla maternidade homoafetiva. Uma atribuição de um privilégio infantil pela criança ter duas mães é defendido no sentido de argumentar em favor dessas famílias.

Essa questão é problemática, por expor o risco de essencializar a maternidade, podendo implicar que somente uma pessoa em um papel de mãe (e mulher) estaria apta para o cuidado exemplar de um infante. Como se a criança, ao ter duas mães, fosse privilegiada com relação às outras nesse sentido, o que não necessariamente é verdade, pois, como exposto pela revisão da literatura acima, nenhuma configuração familiar é garantia de um desenvolvimento infantil saudável (Pontes, 2019; Zambrano, 2006). Ao mesmo tempo, a desnaturalização da maternidade diz também da desconstrução do que seria a paternidade, qual seja, essa posição na qual o pai não poderia se envolver igualmente nos cuidados infantis. De modo geral, no entanto, as postagens apontam para a normalização da diferença dentro de uma perspectiva equânime, que não ignora as especificidades.

Nessa via, a questão de gênero aparece como um elemento importante nas discussões trazidas por alguns perfis. Neles, as mulheres se mostram abertas a oferecerem aos seus filhos a liberdade de agirem, vestirem e sentirem independentemente de modelos atribuídos a um ou outro tipo de generificação (P2, P4, P46, P73, P75, P76). Em uma das postagens, um dos perfis chega a comentar sobre o quanto em algum momento o fato de um dos filhos (menino)

ter o cabelo grande e ser por isso confundido com uma menina gerava ao início incômodo, o que, após muita reflexão, passou a ser considerado como algo positivo (P2), no sentido de que estariam indo no caminho certo em não dispor possibilidades a partir de uma prerrogativa generificada.

O incômodo inicial também é digno de nota, visto serem ambas mulheres LGBTQIA+, é como se a sensibilidade dos olhares para as crianças de forma a tentar enquadrá-las em um grupo dissidente por consequência da questão da implicação do “contágio da orientação sexual” fosse evidente, o que no início gerava incômodo e atualmente não.

As cores, o cumprimento dos cabelos e a própria disponibilidade dos brinquedos aparece mais uma vez no sentido de quebrar esses padrões binários que as rodeiam (P46, P73). Em outra oportunidade, a própria percepção de que, às vezes, estão elas próprias a preconceitos de gênero aparecem, e são postas em questão (P4). Um dos perfis chega a colocar que serem mães de dois meninos seria uma resistência (P46), no sentido de que existiria pelo meio social uma prerrogativa de que as crianças seriam criadas para serem homens, obedecendo a padrões abusivos. Em um contexto brasileiro onde discursos de que “meninos usam azul e meninas rosa” ganha cada vez mais força, esse posicionamento acaba sendo ainda mais politicamente relevante¹⁷.

Com relação a essa resistência, há também várias postagens vinculadas ao cuidado prestado às crianças. Essa forma de educar e de cuidar é vista por algumas como uma atitude revolucionária que implantaria mudanças para uma sociedade melhor para todos (P43). O acolhimento, diálogo e educação emocional são questões constantes nas postagens encontradas, assim como a pauta da diversidade familiar, que entra nas famílias como algo ativo em termos de discussão, não no sentido de pôr a configuração familiar de duas mães como diferente, mas no sentido de expor as diversas composições possíveis de famílias igualmente legítimas entre si (P8, P13, P14, P22, P35, P41, P43). Para algumas, a ancestralidade vinda das religiões de matriz africana é algo marcante (P44), assim como a pauta de raça. Para outras, o preparo ativo das crianças para lidarem com o mundo externo e terem repertório é uma questão, no sentido de desenvolverem seus próprios significados e respostas sobre sua família para o mundo que constantemente questiona e deslegitima, dada a lgbtfobia (P13, P14, P15).

¹⁷Frase dita pela ex-Ministra Damare Alves, ao defender o binarismo de gênero <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>.

É interessante observar que a normalidade dessas famílias dentro de si e para si mesmas é algo dado, os vínculos e afeto e cuidado também. O alheio, o fora da curva, é posto como algo que vem do olhar externo, a partir da deslegitimação a qual estão elas sujeitas devido a lgbtfobia constante. Nesse sentido, as famílias não acentuam faltas, ou ausências, são completas como são. Respondem sempre aos questionamentos sociais, assim, reafirmando que seus filhos não precisam de um pai para serem educados, cuidados e criados de uma maneira saudável, enaltecendo que o lugar do doador, não é o mesmo que o de uma figura paterna e ficando, muitas vezes, ofendidas quando questionadas a esse respeito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral identificar os sentidos produzidos na rede social *Instagram* a respeito da dupla maternidade homoafetiva por mulheres que se relacionam com mulheres. Para alcançar tal objetivo, foram utilizados textos contidos nas legendas dessas postagens nos perfis de tais mulheres na rede social supracitada. Foram coletados ao todo 119 postagens cujo conteúdo foi organizado a partir de três Repertórios Interpretativos (C1 Amamentação e a construção da maternidade, C2 LGBTFOBIA e C3 Tipos familiares, parentalidade e estilos parentais) na tentativa de concatená-las por temática e, assim, possibilitar a Análise do Discurso. Tais postagens também foram organizadas em personas criadas com o intuito de democratizar o conhecimento e possibilitar o acesso dessas realidades a partir de pequenas histórias mais acessíveis.

Nos perfis aqui analisados, grande parte das mulheres exerceram a dupla maternidade homoafetiva através da reprodução assistida. A gestação surgiu enquanto um marcador importante para essas famílias que, em várias ocasiões, denunciam o lugar da mãe não gestante como deslegitimado pelo meio social, sendo o vínculo dessa mãe com as crianças frequentemente questionado. A amamentação também surgiu enquanto fator extremamente relevante nessas famílias, sendo essa, principalmente quando há a ocorrência de gêmeos, uma realidade para ambas as mulheres ao mesmo tempo. Em um espaço onde ambas as cuidadoras possuem a capacidade fisiológica de ofertar leite materno, os modelos de desenvolvimento propostos por teorias psicológicas são postos em questão, no sentido em que tomam o processo do aleitamento enquanto central na divisão de papéis constituintes à psique.

A comparação e tentativa do meio em colocar essas famílias dentro de moldes heteronormativos apareceu de forma constante nos posts e até mesmo as mulheres em várias ocasiões se utilizam desse modelo para falarem sobre si mesmas. Muitas denúncias são feitas no sentido de expor situações nas quais as mães que não gestaram são socialmente desqualificadas em seu vínculo junto aos seus filhos, tendo essas que frequentemente reafirmarem suas posições enquanto mães das crianças. A essas famílias é posta frequentemente a tentativa de enquadrá-las nos moldes das famílias tradicionais. Ataques, principalmente oriundos de perfis de origem cristã, dentro da rede social *Instagram* são também colocados nas postagens.

O questionamento do suposto papel de pai desse doador, por algumas pessoas e em diversos ambientes, também aparece no discurso enquanto um fator que funciona como mais

um artifício homofóbico para tentar desqualificar essas famílias e a qualidade de sua parentalidade junto aos seus filhos.

A presença da lgbtfobia enquanto problema a respeito do qual essas famílias precisam lidar parece ser uma realidade sobre a qual não há dúvida. Entretanto, o foco das postagens a respeito da potência que a união de corpos semelhantes pode trazer dentro de uma família formada por esses parece ser presente na perspectiva sobre a qual essas mulheres escolhem visar a própria maternidade. Enquanto socializadas para o cuidado, dado a própria construção machista da sociedade brasileira que subjetiva mulheres, visando a execução de tais atividades, os relatos desenvolvem sobre uma maternidade compartilhada de forma mais democrática.

Faz-se importante salientar, entretanto, que uma das limitações aqui presentes foi o fato de todas as famílias serem alfabetizadas, grande parte oriundas de centros urbanos de grande porte (onde a variação cultural e a ebulição de discussões mais progressistas se faz mais presente) e imersas em meio digital (onde as narrativas podem ser filtradas e se escolhe e constrói uma imagem a ser passada ao usuário que tem acesso ao conteúdo ali produzido), além dos limites impostos pelo próprio algoritmo do *Instagram*, que mostra perfis específicos de acordo com critérios arbitrários que mudam constantemente e não são claramente divulgados para o público. Essas questões precisam servir de balizadores para as informações aqui coletadas.

Além disso, destacar o fato de que grande parte dos perfis são oriundos do eixo sul-centro-oeste-sudeste do país centram a discussão e a produção de perspectivas a respeito da dupla maternidade homoafetiva dentro de uma ótica que obedece aos padrões de realidade dessas regiões em detrimento de outras. Isso acaba por levantar-se a questão sobre o que está sendo produzido em termos de discurso sobre esses fenômenos no polo norte-nordeste do país, polo sobre o qual não se pôde acessar a partir das buscas aqui realizadas.

Ademais, esperamos que a atual pesquisa possa ter feito um apanhado interessante a respeito dos discursos dessas mães e contribuído de alguma forma para a disseminação da discussão a respeito da diversidade familiar dentro da Academia. A Psicologia ainda se encontra envolta a concepções heteronormativas, principalmente nas produções voltadas para o desenvolvimento infantil, ainda imersas a termos limitantes a respeito dos papéis desenvolvimentais de cada parte na subjetivação infantil. Essa questão é posta em flagrante pelas mães que amamentam a mesma criança em conjunto e serve de sugestão para a execução de trabalhos posteriores. Além disso, questionamentos a respeito do que seria ser pai e a construção de uma paternidade mais participativa acabam por ser resultantes de tal debate.

À medida que as mães não gestantes são constantemente comparadas e colocadas pelo meio nesse papel pelos outros, como se esse fosse subalterno perante o papel de uma mãe.

Entende-se aqui que a homossexualidade das mães é um fator que qualifica a parentalidade, assim como outros tipos de qualificadores, como a maternidade atípica, a solo etc. e que a diversidade é a norma da sociedade brasileira e não a exceção, sendo essas famílias e sua exposição em um meio tão significativo quanto o digital fundamental para a heterogeneização dos discursos e a construção de um debate mais rico.

REFERÊNCIAS

ABIA. **Ofensivas Antigênero no Brasil**: Políticas De Estado, Legislação, Mobilização Social. Brasil, 2020. 50 p.

ADJUTO, Graça. LGBTQIA+ celebram avanços em 10 anos de uniões homoafetivas no Brasil. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<http://tiny.cc/tkrruz>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

AHLGREN, Matt; EQUIPE WSR. *Instagram Statistics 2022*: Estatísticas, dados demográficos e fatos interessantes do usuário. **Websiterating**, 2022. Disponível em: <<https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/#:~:text=Estat%C3%ADsticas%20demogr%C3%A1ficas%20do%20Instagram,-Esta%20%C3%A9%20uma&text=Principais%20t%C3%B3picos%3A-Mais%20de%2070%25%20dos%20usu%C3%A1rios%20do%20Instagram%20em%20todo%20o,Instagram%20vivem%20fora%20dos%20EUA>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

AIRES, Lídia Marcelle Arnaud. **Gestando afetos, concebendo famílias**: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju-SE. 2012. 93f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2012.

AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Dupla maternidade no *Instagram*: entre fotos, ativismo e parentesco. **Revista Movimentação**, Dourados, v. 6, n. 10, p. 170-184, jun. 2019.

ARAÚJO, Willian Fernandes; MONTARDO, Sandra Portella. Cyberativismo em sites de redes sociais: Uma análise da apropriação das páginas do *Facebook* pela WikiLeaks. **Redes.Com**, [S. L.], n. 8, p. 71-84, 2013.

ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública** [S.L.], v. 19, n. 2, p. 465-469, 2003.

AZEREDO, Renata Ferreira de. **Maternidade Lésbica no Brasil**: Uma revisão de teses e dissertações nas Ciências Sociais, Humanas e da Saúde. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. **Maternidades lésbicas**: clivagem entre as tensões sociais e políticas do tornar-se mãe na contemporaneidade. 2017. 244 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 372 p.

BERTHO, Helena. **Nova regra dificulta registro de filhos por mães lésbicas**. Azmina, 2014. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/nova-regra-dificulta-registro-de-filhos->

maeslesbicas/#:~:text=At%C3%A9%20que%20em%2014%20de,da%20crian%C3%A7a%20completar%2012%20anos.>. Acesso em: 05 mai. 2022.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma**: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. Orientador: Maria Juracy Filgueiras Toneli. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BORGES, Lenise Santana; SPINK, Mary Jane Paris. Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 442-452, 2009.

BRAGA, Adriana. Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais. **Revistara Zon Y Palavra**, v. 24, n. 108, p. 37-62, 2020.

BRASIL. Constituição (1996). **Lei nº 9263, de 12 de janeiro de 1996**. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Brasília, 1996.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, v. 10, n. 21, p. 219-260, 2003.

CAFÉ FILOSÓFICO. **Novas famílias e novas parentalidades**. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (50 min). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6V4inHTpl88>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CARVALHO, Paula Galdino Cardin de; CABRAL, Cristiane da Silva; Diniz, Carmen Simone Grilo. O lugar da parceira que não gesta: elementos para discussão sobre homoparentalidade feminina. **Entrecruzando Saberes: Gênero, Sexualidade, Memória e Violência**, p. 105–116, 2020.

CORRÊA, M. E. C. **Duas mães?** Mulheres lésbicas e maternidade. 2012. 218f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

COITINHO FILHO, Ricardo Andrade. O lugar do afeto na produção do “Homoafetivo”: sobre aproximações ao familismo e à aceitabilidade moral. **Revista Ártemis**. v. 19, p. 168-178. Disponível em: <10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p168-178>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas**. Brasil: Civilização Brasileira, 2017. 316 p.

FONSECA, Claudia. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Estudos Feminista**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 16, p. 769-783, set. 2008.

GERENT, Luciana Caroline. **Experiências de maternidades lésbicas na escola: o (não) lugar de duas mães**. 2016. 44f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização EAD Gênero e Diversidade na Escola, Instituto de Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORGA, Claudia. Violências e Instituição Maternidade: uma reflexão feminista decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 39, n. 2, p. 59-73, 14 nov. 2019. FapUNIFESP (SciELO).

GRAÇAS, Suzielen Taiane. **Resistência: Ativismo e articulação de mulheres negras através de redes sociais**. 2018. 101f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais e Ciência Políticas, Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue, Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Cyborgue: As vertigens do pós-humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz A invenção da ideologia de gênero: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2023.

LIRA, Aline Nogueira; MORAIS, Normanda Araújo; BORIS, George Daniel Janja Bloc. (In)visibilidade da vivência homoparental feminina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 20-33, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

LÚCIO, Firley Poliana da Silva. Representações sociais sobre a maternidade no contexto social heteronormativo construídas por mães lésbicas. 2016. 87f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LYRA-DA-FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**. 2008. 262f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

MARTÍNEZ, E. I. Pensando sobre maternidades lesbianas: Relato de la evolución de un objeto de estudio. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 294-308, 2015.

MEDRADO, Benedito; LYRA-DA-FONSECA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840, dez. 2008.

MENDONÇA, Maria Collier (Org.). **Maternidade nas mídias**. Santa Maria: Facos - Ufsm, 2020.

MIRANDA, Monique. **Classificação de raça/cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil**. Orientador: Alberto Lopes Naja. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/24243/monique_miranda_ensp_mest_2010.pdf;jsessionid=45C55B1A27DC2DB4B95096FC1B018E23?sequence=1. Acesso em: 6 mar. 2023.

PALMA, Y. A.; STREY, M. N. Homoparentalidade? A homomaternidade e suas vicissitudes. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS. **Anais**. In: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS. Rio Grande do Sul: 2019.

PONTES, Mônica Fortuna. **Desejo por filhos em casais de mulheres**: percursos e desafios na homoparentalidade. 2011. 184f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PONTES, Mônica Fortuna. **Filhas e filhos de mães lésbicas**: caminhos e margens no Brasil e na França. 2019. 273f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

REIS, D. A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e36709, 2020.

RIL, Stephany Yolanda. **Experiências de gestação e parto de mulheres lésbicas e bissexuais**. 2020. 66f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais e Saúde Coletiva, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 137–150, 2001.

SCHWABER, Ken; SUTHERLAND, Jenn. **The scrum guide the definitive guide to scrum: the rules of the game**. Ken Schwaber and Jeff Sutherland: 2020.

SCOTT, Joan. Gênero como uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 2, n. 1, p. 71–99, 1995.

SILVA, Daniele Andrade. **Enfim mães! Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Marina Maria Teixeira da. **A identidade e a vivência da maternidade lésbica negra em Recife-PE**. 2017. 148f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Pernambuco, 2017.

SILVEIRA, S. A. da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, [S. l.], n. 86, p. 28-39, 2010.

SILVEIRA, S. A. O conceito de Commons na cibercultura. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. **Anais**. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, p. 1-15.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Tensionamentos maternos na contemporaneidade: articulações com o cenário brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 47–68, 1 dez. 2020.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!:** narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. 2018. 216f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Niterói. Rio de Janeiro, 2018.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. **Produção de sentidos no cotidiano:** uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2004. p. 1-20.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. **Práticas discursivas e produção de sentido**. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2004. p.1-21.

VOTE LGBT. **Diagnóstico LGBT na pandemia**. S.l. 2020.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades impensáveis: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123-147, 2006.

APÊNDICE A – POSTAGENS

Código	Postagem	Perfil	Repertório Interpretativo secundário	Repertório Interpretativo secundário
P1	Nessa foto eu quis registrar a primeira vez que eu ofereci o peito pra ela! Foi uma experiência nova pra mim, oferecer o peito sem ter gestado, sem passar por um processo de estímulo da amamentação (...) foi uma tentativa de acalmar um bebê em meio ao caos de uma primeira viagem com ela ainda tão pequenininha. Eu apenas ofereci (...) nem sabia o que ia acontecer através disso e pra minha surpresa, ela aceitou! Daí em diante oferecer o peito virou pra mim um lugar seguro, me sentia por alguns instantes tendo este recurso a mais como uma carta na manga, apesar de nem sempre funcionar (...) e, então, junto com isso vieram as reações de surpresa e também muitas perguntas: Mas sai leite? Ela mama mesmo? Não está fazendo você de chupeta? Nenhuma dessas perguntas representaram algum sentimento meu em momento algum! Eu só estava ali, disponível pra ela e ela suprimindo quaisquer que fossem suas necessidades naqueles momentos também através de mim! E foi uma experiência linda pra nós duas (...) Mas, hoje eu escrevo aqui porque assim como em foto registrei a primeira vez, escrevo agora para registrar em texto o final dessa jornada nossa um ano depois! Hoje eu já não dou mais o peito pra ela! Sigo oferecendo a minha disponibilidade aqui como escrevo com ela dormindo em meu colo e ela segue aceitando o	@duasmaeseomundo	C3.9 Atitude com relação a gênero	C3 Tipos familiares, parentalidade e estilos parentais

	melhor que eu tenho a oferecer de agora em diante! Seguimos rumo ao novo (...) de novo! Juntas! Te amo filhinha 💖 Com amor, Mamãe Mari 🥰			
P2	Olha Mamãe, parece um menino, mas é uma menina! - Disse a criancinha que se aproximou pra brincar com ela...rs 😊. A gente sempre recebe mensagem de pessoas que como nós tentam cotidianamente sair da caixinha e, por isso, então precisam lidar com esse tipo de comentário ou situação. Com Maitri sempre acontece de acharem que é uma menina (...) com Moana, acham que é um menino! 🧸 Já houveram tempos em que isso era um motivo pra causar incômodo por aqui (...) hoje em dia a gente só pensa (...). Bom, se as pessoas não conseguem somente olhando assim, pela roupa, cabelo ou brinquedo, ter certeza de qual gênero a criança é (...) estamos acertando! 🙌😊👏 E aí, quais pérolas vocês já ouviram? Conta pra gente!	@duasmaeseomundo	C3.9 Atitude com relação a gênero	C2 LGBTfobia
P3	Quando alguém vem com aquela frase terrível tentando deslegitimar nossa maternidade em pleno 2022 (...) 😊 Mãe podem ser duas SIM! 👩👧 Nossas famílias existem (...) aceita que dói menos!	@duasmaeseomundo	C1.6 Deslegitimação da maternidade	

P4	Ontem ele pegou a tesoura e pediu pra cortar o cabelo! No primeiro momento eu pensei: Opa, vou aproveitar essa brecha! já que normalmente ele gosta do cabelo comprido e as duas outras vezes que ele cortou nesses 5 anos foram depois de muita conversa pra que ele topasse e pudesse permitir. Era um Mullet gigante que ainda não havia sido cortado antes, apesar dos outros dois cortes terem acontecido, essa parte era ainda um cabelinho que ficou com ele desde bebê. Prendemos, torci e cortei! E exatamente no mesmo momento em que mostrei esse rabicózinho cortado ele suspirou e disse: Uffa mamãe, agora não vão mais me confundir com uma menina por causa do meu cabelo! E então meu coração se despedaçou! Num misto de dor e certa raiva, confesso, me veio tanta coisa na cabeça (...). Foi a primeira vez em seus 5 anos que eu realmente senti minha impotência em não conseguir protegê-lo do mundo. Ele finalmente foi atingido em cheio por um preconceito e eu não pude fazer nada! Perguntei quem havia dito isso pra ele, se isso o incomodava e ele respondeu: “Às vezes, sim!” É meu filho, as Mamães estão tentando (...) estamos fazendo o nosso melhor, mas às vezes a vida é também diferente do mundo que a gente pinta! A gente ainda assim vai seguir acreditando que podemos aos poucos mudar isso (...) e você vai se fortalecer no momento certo pra que possa não mais deixar isso te atingir e poder ser quem você é! Nós te amamos, e isso o mundo não muda! 💖*** Adultes, não façam isso com suas crianças (...) ajudem a gente a ter a esperança de um futuro melhor!!	@duasmaeseomundo	C3.9 Atitude com relação a gênero	C2 LGBTfobia
------------------	---	-------------------------	--	---------------------

P5	Agosto é também o mês da visibilidade lésbica! Temos aqui nesse momento um perfil abandonado em relação a quaisquer questões que exigem da gente qualquer postura ativista, rsss. Seguimos acreditando na importância disso, mas sem muita força pra levantar qualquer bandeira que não seja a da nossa própria existência (...). Mas aí agosto vem trazendo exatamente isso! É uma pauta importante falar sobre a visibilidade da mulher lésbica, não podemos deixar passar, estamos também falando da gente! Precisamos falar dos nossos espaços, dos nossos direitos (...). Precisamos falar de lesbofobia, de política para mulheres, de preconceito, misoginia e machismo! Precisamos falar sobre a feminilidade imposta, sobre quanto isso impacta nossa existência como ser lésbica, na forma como nos vemos e como somos enxergadas, na invisibilidade das nossas pluralidades. É assunto pra um mês todinho, de fato!! Então gente, vamos lá!! Vamos aproveitar esse mês né (...) porque é o mês da visibilidade (...) 😊 como a gente tenta existir na vida, na internet a gente aproveita as pautas pra tentar se fazer visível (...) 🙌 Diga aí, nesse mês, vamos falar de que?	@duasmaeseomundo	C2.3 Lesbianismo e gênero	C3.6 Diversidade familiar
P6	Hoje é dia Mundial do Aleitamento Materno! Não dá pra não postar minha foto preferida (...) minha esposa, amamentando nosso filho! ❤️ 🤱 🍼 Hoje só ficou a lembrança da luta que foi! Amamentação é sem dúvida um dos primeiros desafios da maternidade! Pra isso o apoio é parte fundamental do processo! Você teve apoio? Como foi? Conta aqui nos comentários pra gente! Compartilha também sua foto de amamentação e marca a gente! Vamos	@duasmaeseomundo	C1.4 O lugar da mãe não gestante	

	promover essa data tão importante contando um pouco dessas histórias!			
P7	Moana fez 1 ano! Passou rápido né gente, só que em alguns aspectos foi pra mim uma E-TER-NI-DA-DE! O que pouca gente sabe, é o quanto ser a mãe não gestante da Moana me trouxe de desafio junto com essa nova relação de maternidade. Moana é minha quarta filha, e posso dizer que a maternidade me trouxe vivências completamente diversas em cada momento em que ela aconteceu (...) quem acompanha a gente aqui há mais tempo sabe que eu também já fui a mãe que gestou, mas em outro momento, outro contexto, em outra relação (...). Foram experiências totalmente pautadas na heteronormatividade, que me trouxeram uma maternidade praticamente compulsória e, portanto, quase que nenhuma questão em relação à legitimação dessa maternidade, principalmente socialmente falando. Com Maitri eu experimentei pela primeira vez o que seria pra mim viver a maternidade sem ser a pessoa que iria gestar. Foi minha primeira oportunidade de rever tanta coisa (...) aprendi com o tempo que, nem gestar, nem amamentar, nem ser a doadora do material genético seria o que me faria sentir mãe. Considero isso libertador!! Sou grata a nosso menino Maitri e a minha esposa, Liz, por tanta parceria e aprendizado (...) foi de-sa-fi-a-dor, sim! mas sinto que foi também tão importante pra abrir a mente em tantos outros aspectos. Para, de fato, olhar pra maternidade de uma maneira muito diferente do que antes. Então, logo decidimos ter mais um filhe (...) e Moaninha veio pra gente depois de algumas tentativas e mudanças pelo	@duasmaeseomundo	C1.4 O lugar da mãe não gestante	

	caminho. Entrei na justiça às 18 semanas de gestação da Liz. Dessa vez, eu, trabalhadora CLT, queria tentar a licença maternidade, nada mais justo, certo? Errado (...). É isso minha gente (...), Moana fez 1 ano! E a eternidade da tal Justiça, no Brasil, segue entendendo que eu não tenho pressa (...) porque como mãe não gestante, eu segui minha vida sem garantir o direito, que também é dela, de ter a mãe por perto assim que nasceu (...) e o tempo passou (...) E já fez 1 ano que pude ser sua mãe (...) que bom que você me permitiu, meu amo, minha filhinha! ♡ Seguimos na justiça sem retorno definitivo! Quem quiser/sentir/tiver alguma dúvida/carinho/ colo a acrescentar sobre isso manda um DM que estamos por aqui 🐼.			
P8	Hoje é #diainternacionaldafamília. Nós nem nos arriscamos a trazer pra vocês uma definição do que é família!! Porque as variáveis são tantas, as diferenças e diversidades são tamanhas, que nós jamais gostaríamos de não incluir alguém ou alguma constituição familiar. A nossa própria família já mudou tanto e segue mudando a todo momento! Então só queremos desejar FELIZ dia pra vocês que se consideram família!! Estamos juntas! Mostra sua família pra gente? Marca a gente no seu post e vamos compartilhar a diversidade aqui nessa rede linda! 	@duasmaeseomundo	C3.6 Diversidade familiar	

P9	A @naturabrofficial fez uma homenagem linda sobre diversidade de dia das mães e a gente comentou que foi incrível ver uma grande empresa se preocupar com representatividade! Mas, sempre tem uma pessoa desocupada que se acha importante o suficiente pra em nome de Deus vir aqui jogar 🙄 no ventilador (...). Já vi acontecer antes com a @marcelatiboni, já vi também acontecer com a @mariimaedosgemeos e a gente também já foi alvo desse tipo de comentário quando fizemos a propaganda do @facebookapp. Mas, como nossa rede é muito maior que essa pobreza de espírito, vim novamente pedir pra gente se unir e ir até lá dar umas dicas de empatia pra @angelica_cristina_ramos (...), porque já que é pra falar de Deus, não dá pra sair agredindo as pessoas gratuitamente! Isso não nos representa! 🙏❤️🔗 @naturabrofficial, obrigada por entender a importância disso!	@duasmaeseomundo	C2.2 Ataque LGBTfóbico	
P10	Todo dia tem alguém por aí tratando de questionar, deslegitimar, não reconhecer a nossa maternidade! É uma luta cotidiana para famílias como as nossas poderem existir! São duas mães e pronto gente (...). O processo é leeeento, mas a gente não vai desistir, não! Compartilha essas 5 dicas com quem você acha que tá precisando aprender mais sobre dupla maternidade! E comenta aqui quais outras situações vocês já vivenciaram ou já ouviram sobre falas como essas! ☰ .	@duasmaeseomundo	C1.6 Deslegitimação da maternidade	

P11	A pergunta que mais escutei em entrevistas e palestras é: quais os maiores desafios de ser mãe? E eu sinceramente me pergunto: “mas, eu sou mesmo mãe dos meus filhos?” As parentalidades sempre trazem desafios, expectativas não cumpridas, medos e incapacidades. Mas, algumas parentalidades trazem a impossibilidade de ser. Aqui eu luto, desde o dia que eles chegaram ao mundo, para que me vejam como mãe. Eu? Eu sei que sou mãe. Mel? Sempre soube que éramos duas mães. Nossos filhos? Sabem desde o dia 1 que têm duas mães. Mas, nossa família também é do social, do externo, do outro. Não, isso não me cansa nem me frustra. Isso me deixa na certeza de que a luta segue, de que a luta será longa, mas me alegra perceber que ela já começou e, portanto, faltam menos dias para ela terminar do que quando ela começou!!! Por exemplo, a DNV (caso n2), já mudou no Ministério da Saúde, e hoje cabem duas mães lá. Vamo que vamo!	@marcelatiboni	C1.4 O lugar da mãe não gestante	
P12	É sangue que define a família? A parentalidade? O vínculo? Aqui temos sangue: A+ A- O- O- E seguimos sendo uma família. Meus filhos seguem sendo meus filhos. E todas as centenas de pessoas as quais eu doe sangue seguem suas vidas com suas próprias famílias que não eu. São tantas frases que falamos sem pensar nos significados. Eu mesma repito várias delas sem pensar. Tenho feito este exercício, de adequar meu vocabulário ao mundo contemporâneo. Não só as minhas lutas, mas em todas as lutas, que são tantas. Bora!	@marcelatiboni	C1.4 O lugar da mãe não gestante	

P13	Anotações do que escuto ao lado dos meus filhos no dia a dia. Tenho tentado interferir menos nas respostas que eles dão a estranhos, mas sempre me mantenho por perto, a vista deles, dando segurança, ao mesmo tempo que liberdade, para eles cunharem suas próprias respostas. Não quero protegê-los do mundo, mas quero que eles se sintam protegidos de perguntas indevidas e confiantes de que podem e sabem responder a todas elas como desejarem. Fico honrada de percebê-los espertos, generosos e capazes de partilhar suas histórias com a serenidade e naturalidade que deve ser! ** Esta postagem tem exato um ano, mas acho que ela ainda faz tanto, mas tanto sentido!!!!	@marcelatiboni	C3.10 Atitude com relação a própria família	
P14	Desde sempre somos o que temos. E o que temos é o desejo e a capacidade de sermos duas mães. Mas, o que somos para muitos revela o que eles acham que nos falta. Entre o que nós achamos e o que os outros acham, há um imenso abismo. Nossa família não revela faltas, não acentua ausências, não explicita buracos. Nossa família é completa, tem mães, filha e filho. Tem tudo o que nós precisamos. Se tudo o que temos não é exatamente tudo o que alguns acham que precisamos. Aí não sou eu quem deve ser interrogada, e sim quem acha o contrário do que sabemos estar completo! Famílias, tantas e todas!!!	@marcelatiboni	C3.2 Exercício da parentalidade conjunta	

P15	Como criar conteúdo sobre maternidade lesb1c4 se cada vez que eu escrevo esta palavra aqui meu engajamento diminui cerca de 70%? Como normatizar o uso da palavra se não posso escrevê-la sob a pena de não ter o conteúdo lido por quase ninguém? Como ter orgulho de ser algo que a rede social não aceita e não valida? Como tornar visível algo que não pode ser escrito? Como?	@marcelatiboni	C2.4 Preconceito vivenciado pelos filhos	
P16	Bê e Ioiô estão crescendo. Ficando mais independentes e livres para viverem situações sem a nossa presença. Ficamos alguns dias em um hotel e presenciamos algumas cenas que envolviam nossos filhos. Algumas nos deixaram com o coração na mão, outras com o coração bem quente. Mas, entendendo cada vez mais que eles que vão enfrentar situações, perguntas, incômodos e afetos. Tentamos estar por perto quando possível, acolhê-los quando necessário, mas principalmente, tentamos prepará-los para dialogar com o mundo plural que os envolve. Entre conhecimentos, desconhecimentos, intolerâncias e curiosidades. Eles não se inibem, não encolhem, seguem contando sobre sua família, mas isso não quer dizer que, por vezes, eles não se chateiem ou se incomodem com olhares e palavras. Estar no mundo é a melhor forma de mudar o mundo. Por aqui estamos!!!!	@marcelatiboni	C3.1 O lugar do pai na família de duas mães	
P17	Famílias com pai, famílias sem pai. Meus filhos não têm pai, mas as mães deles têm pai. Não costumamos comemorar o dia das mães com efusão, tampouco o dia dos pais. Mas, comemoramos esses mesmos dias com nossos pais e mães. Aqui não escondemos nada dos nossos filhos, conversamos, explicamos,	@marcelatiboni	C3.1 O lugar do pai na família de duas mães	

	escutamos as opiniões e dúvidas deles. Hoje, vamos no vovô, que é meu pai, e não será homenageado pelos meus filhos, já que hoje não é o dia do vovô. Mas, minha filha me pediu para não esquecer que o vovô é meu papai, e eu sim preciso dar um abraço de amor e parabéns no meu pai! Eles entendem sobre amor, configurações familiares, sobre afeto e sobre o desejo de estar junto! Te amo, pai Te amo filha!			
P18	Pai pode ser uma função. Pai pode ser uma palavra. Pai pode ser um personagem. Antes de Bê e Ioiô nascerem, muitos me falaram sobre o pai, ou a ausência dele, ou a falta dele, ou a necessidade dele. Parecia impossível ter duas mães e viver diariamente com a ausência de um pai. Parecia impossível para alguns, nunca para mim ou para a Mel. Mas, óbvio que a insistência da pergunta gera medo, receio, apreensão, preocupação, angústia, enfim (...). Em mim, gerou um trauma. Mesmo sabendo que nada daquilo era verdade, lá dentro, bem escondido morava um “mas, e se for verdade?” Meus filhos começaram a descobrir pai. Não deles, porque não têm, mas descobrir a palavra pai. O personagem pai. O significado de pai. De imediato, encarei como a revelação expressa da ausência que eles sentiam. Estremeci. Me culpei. Durou minutos. Passou. Coloquei o pensamento para funcionar, eles não expressavam a ausência e sim experimentavam o significado. Quando brincavam de médica, dançarinos ou astronautas, não expressavam a falta e sim os personagens. Me libertei. Sorri. Me acolhi. Me permiti ver as cenas como elas eram, apenas crianças experimentando o mundo a sua volta. Experimentem,	@marcelatiboni	C3.1 O lugar do pai na família de duas mães	C1.2 Amamentação da mãe que gestou

	meus filhos, o quanto quiserem e puderem. Suas mães estarão sempre aqui para vê-los descobrir. E de sobra vão também se descobrir.			
P19	Semana Mundial da Amamentação. Essa data sempre me traz memórias, afetos e conquistas. Ser mãe sempre foi meu desejo, amamentar confesso que nunca nem tinha pensado. Quando soubemos que Mel estava grávida eu chorei, era a pessoa mais feliz do mundo, não pensei em amamentar. Quando soubemos que eram gêmeos as coisas mudaram. Duas mães, autônomas, sem licença maternidade, sem rede de apoio paga, sem experiência na parentalidade, decidi tentar amamentar. Eu não ajudei a Mel, eu amamentei junto da Mel. Eu não ajudei nos cuidados, eu dividi os cuidados. Foram muitas descobertas em um curto espaço de tempo. Amamentar não me fez mãe, meus filhos é que me fizeram mãe. Mas, amamentar me trouxe consciência de entrega, de cansaço, de necessidade, de transformação. Uma mulher, muitas vezes, sonha com a maternidade desde criança (alô, machismo estrutural), mas uma mulher ao se assumir lésbica, muitas vezes, tem esse sonho anulado. Eu pude sonhar em ser mãe, pude sonhar em acompanhar a gestação no corpo de outra mãe, e pude sonhar em amamentar. Duas mães e quatro peitos.	@marcelatiboni	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou	

P20	Esta pergunta, às vezes, me chega pelo direct, às vezes me é feita em meio a uma compra no supermercado, às vezes como comentário de uma postagem, outras quando balanço meu filho no parquinho. Eu não fico com raiva, nem se quer incomodada, apenas respondo com outra pergunta: “mas, estes dois aqui não são meus?”. A reação é sempre parecida, de vergonha de quem elaborou a pergunta. Obviamente uma pergunta mal formulada. O que desejam perguntar, na maioria das vezes, é se não tenho vontade de engravidar. O que sempre digo que não. Mas, veja que curioso, a pergunta mal formulada sempre relaciona o pertencimento a gestação. Isso é o que escutamos desde que saímos da barriga de alguém, que aquela gestação a tornou mãe. Mas, temos de nos lembrar (...): mães não gestantes, pais gestantes, parentalidade via adoção, útero solidário, genitora que não pretende ficar com o bebê (...). Gestar não é sinônimo de parentalidade. Entendo a pergunta, respondo com calma, faço aquele que perguntou compreender como refazer a pergunta e até mesmo entender que essa pergunta pode ser desnecessária (...). Vai no <i>storie</i> ver nosso processo de maternidade, acho que vai ficar mais claro porque essa pergunta não faz sentido!	@marcelatiboni	C1.4 O lugar da mãe não gestante	
P21	Eu me senti, algumas vezes. Mel estava grávida de alguns meses, eu via aquela barriga crescer dia a dia, dois bebês, enormes. Um dia sonhei que Mel precisava sair e me pedia para cuidar da barriga dela. Colocou os bebês na minha barriga e saiu. Eu fiquei feliz, mal acreditava que meus filhos ficariam umas horas na minha barriga. Mas, logo fiquei em pânico, e	@marcelatiboni	C1.5 Angústias da mãe não-gestante	

	se eu perdesse os bebês? Esquecesse eles em algum lugar? Dito e feito. Fui fazer xixi, tirei eles por um minuto da minha barriga, coloquei com cuidado no canto do banheiro. Mas, logo fui fazer outra coisa, e outra, e outra e quando me lembrei já fazia um tempão que eles estavam lá, perdidos, esquecidos (...), corri desesperada. Encontrei!!! Coloquei eles de volta na barriga e fiquei grávida outra vez. Mas, ansiosa esperando a Mel voltar e colocá-los de volta na barriga dela. Fiquei grávida poucas horas e para mim já foi suficiente. Às vezes, a mãe não gestante também se sente grávida (...).			
P22	Esta matéria foi escrita em 2009, ok, pouco ou nada se dizia sobre a dupla maternidade nesse período. Talvez faltasse vocabulário, talvez faltasse conhecimento (...). Mas, fato que chamar uma MULHER de HOMEM não é normal nem comum. Afirmar, mesmo com aspas, que uma MÃE é um PAI não é falta de vocabulário ou conhecimento do assunto. É MACHISMO e é HOMOFOBIA. A história da dupla maternidade não é recente!!! Muitas, mas muuuuuitas, mulheres lutaram batalhas duras e longas para que famílias como a minha pudessem hoje existir. Adriana e Munira tiveram que esperar 20 meses (sim, quase 2 anos) para terem o registro de nascimento dos filhos em nome das duas mães. Tiveram o pedido negado na justiça por 5 vezes, e só conseguiram quando o juiz pediu um exame de DNA na mãe não gestante (que era a doadora dos óvulos dos filhos). São tantas as violências, tantas as dores, tantas as lutas. Sigo na pesquisa de histórias de maternidade lésbica, bissexual e transfeminina para	@marcelatiboni	C3.5 Reconhecimento institucional	

	meu livro novo, e tenho me deparado com cada absurdo (...). Mas, seguimos!!!!			
P23	Talvez eu seja banida de um aplicativo de carros por falar sobre meu trabalho e minha família. Obviamente se eu fosse uma mulher hétero que diz coisas como “estou indo dar uma palestra sobre como uma mulher e um homem podem ter filhos ou “tenho filhos gêmeos, meu marido ficou ao meu lado quando engravidei”, tudo estaria bem. Mas, eu digo coisas como “sou escritora sobre dupla maternidade, falo como duas mulheres podem ter filhos no Brasil” ou “tenho gêmeos, minha esposa engravidou deles, e me lembro da emoção de vê-los nascer”. Eu até posso compreender na lógica: - se eu pegasse um motorista homofóbico eu denunciaria e daria nota baixa. Logo, se eu pego uma cliente assumidamente lésbica que nem tenta disfarçar? Denuncio por assuntos indevidos. Mas, claramente essa lógica não se aplica. E o que me pedem é que eu me silencie. Mas, não vai rolar, senhor aplicativo. Seguirei falando e talvez pegando caronas para trabalhar.	@marcelatiboni	C2.8 LGBTfobia (inespecífica)	
P24	A cada dia que passa eles compreendem o mundo com mais clareza. O vocabulário aumenta, os exemplos a volta auxiliam nas explicações, a memória fica mais potente, os argumentos são mais elaborados. Na semana do orgulho tenho falado muito em entrevistas e palestras sobre gênero, sexualidade, relações, lutas e afetos. Ela, quando está por perto, me escuta. E outro dia me perguntou porque eu dizia que era mulher lésbica? Eu expliquei o que significava, sobre amar outras mulheres, sobre minhas escolhas, sobre a liberdade minha e de todos.	@marcelatiboni	C3.10 Atitude com relação a própria família	

	Ela não respondeu e nem sequer ficou até o final da minha explicação, foi abrir a geladeira quando eu ainda falava. Ontem eu a perguntei se ela SABIA porque eu era uma mulher lésbica. E ela me contou isso que está postado. Aos 3 anos ela entende assim, com o tempo vai alargando seu entendimento. E espero que ela cresça sabendo que as escolhas dela são dela, não cabe a mim julgar, e que vou amá-la até o fim dos dias, ela, em todas as suas formas. Te amo, Ioio!			
P25	Mas, dona Nilceia, egoísta, eu? O que seria egoísmo? Entregar aos nossos filhos amor, cuidado, afeto, atenção e aconchego? Por que estaríamos nós brincando com a vida de inocentes? E sim, cada família escolhe como ela será formada. Acredito que a senhora tenha escolhido a formação de sua família, correto? Nós também escolhemos a nossa. E quando não se escolhe a formação da família, como no caso de uma criança de 11 anos grávida, ela deve ter o direito de dizer basta! A preocupação, dona Nilceia, deveria ser com o cuidado que nós e todos aqueles que assumem a parentalidade dão aos seus filhos, e não como as famílias são formadas 😊.	@marcelatiboni	C2.2 Ataque LGBTfóbico	

P26	Me lembro claramente. O medo e o pavor de me saber responsável por dois pequeninos seres humanos. De pensar em quem havia acreditado que eu era capaz?! Eu não me sentia capaz, me sentia impotente, incompetente e fraca. Me via como uma criança inexperiente tentando cuidar de uma família que havia dobrado de tamanho. E se eu os deixasse cair, e se eles passassem fome, o que fazer caso ficassem doentes, e se não fizessem cocô, eram milhares de medos comprimidos em um só corpo, o meu. Ser mãe, por mais que exista preparo, é repentino. Aqui, literalmente, foi da noite pro dia. Eles na barriga e de repente eles no berço, eles protegidos e de repente eles chorando, eles no útero e de repente eles em meus braços. Hoje sinto diferente e me sinto preparada, mas quando minha memória volta para esses dias o mesmo sentimento me volta: o de inaptidão!	@marcelatiboni	C1.11 Relatos sobre a construção da maternidade	C2.8 LGBTfobia (inespecífica)
P27	Diferente do que, para quem? Por aqui nossos filhos estão crescendo e observando o mundo, percebendo semelhanças e diferenças, respeitando formatos e escolhas. Be, nesta semana, percebeu que a família do amigo era diferente da dele. Para ele, que é filho de duas mães, e convive com muitas famílias com duas mães ou dois pais, o amigo com pai e mãe era diferente. Mas, o mais lindo é que o amigo não era diferente do certo, do tradicional, do correto (...), era apenas diferente da família dele e de duas amigas, ambas com duas mães. Que possamos criar uma sociedade mais plural e respeitosa de verdade.	@marcelatiboni	C3.10 Atitude com relação a própria família	
P28	Não teve um dia em que acordei e pensei: “puxa, quero ser mãe”. Ser mãe foi um desejo que nasceu	@marcelatiboni	C1.11 Relatos sobre a construção da	

	com o meu corpo. Nunca poderei dizer se por vontade própria ou se por vontade imposta pela sociedade ao corpo feminino. Mas, fato que a maternidade era uma das poucas certezas que sempre tive. Já quis engravidar. Desisti. Já quis adotar. Desisti. Já quis ter filho com um grande amigo gay. Desisti. Já pensei em ser mãe solo. Desisti. Eu e Mel tínhamos desejos de maternar parecidos. Não foi decisão difícil. Foi um papo simples, direto e curto. Tinha chegado a hora. Cada foto de nós quatro que eu vejo tenho a certeza de que maternar sempre foi meu, e dela. E estas fotos nos caem bem!!!!		maternidade	
P29	Eu me fiz estas perguntas inúmeras vezes durante o processo da fertilização. Me fiz ainda mais vezes durante a gestação da @melaniegraille. Quando eles nasceram eu chorei como nunca, e ficava olhando aqueles rostinhos com a maior concentração que me habitava. Queria memorizar cada centímetro deles. Mas, por que tanta preocupação sobre a aparência deles, sobre com quem eles iriam parecer? Obviamente não iriam se parecer comigo, será que era isso que me incomodava? Provavelmente seriam muito parecidos com a Mel, cuja biologia havia sido entregue a eles geneticamente, será que essa semelhança unilateral me incomodava? Mas, podia ser que se parecessem com o doador, figura que nunca tínhamos visto nem foto, e talvez eu não o quisesse estampado no rosto dos meus filhos, será então que era isso que me incomodava? Hoje, anos depois deles nascidos, eu posso dizer que tudo isso junto me incomodava de alguma forma. Não era desgostar, era não ter referências, eram assuntos que	@marcelatiboni	C1.11 Relatos sobre a construção da maternidade	

	nunca havia pensado antes, eram questões que nunca havia escutado debates. Hoje prefiro expor tudo que pensei, que senti, que vivi. Para que possa servir de reflexão para quem vive ou vai viver isso tudo. Mas, somos tantos e pensamos de formas tão distintas, talvez sirva para uns e não para todos. Mas, acredito que quanto mais revelarmos nossas ansiedades, medos e pensamentos, mais claro o mundo fica, mais outros temos em quem nos apoiar. Hoje tanto faz com quem eles se parecem, porque eles se parecem é com eles mesmos (...) e também com a Mel, com a avó, o avô, o doador (...) e meu amor só cresce!!!			
P30	Você tem vontade de casar? Ainda pequena eu me fazia essa pergunta, e respondia a mim mesma que sim! Casar era, para mim, o que antecedia a maternidade. Um combo. Na adolescência eu seguia respondendo que sim, mas passei a considerar morar junto antes de casar e ter filhos. O combo ainda me era óbvio. Quando me percebi lésbica decidi que não casaria. Mas, não por falta de desejo, apenas porque ainda não entendia que mulheres poderiam se casar com outras mulheres. Até porque me entendi lésbica em 2003, o casamento homoafetivo foi aprovado em 2011, ou seja, naquela época era mesmo proibido. O tempo foi passando e a falta de referência de casamento entre mulheres fez meu desejo de infância esfumçar, distanciar, quase sumir. Conheci a @melaniegraille e pensávamos de forma meio aleatória sobre casar. Fomos morar juntas, isso parecia bastar. Mas, em um determinado momento da relação decidimos que tinha chegado a hora. E foi por conta do combo, lembra do meu combo? Mas, foi o	@marcelatiboni	C3.7 Casamento LGBT	C1.2 Amamentação da mãe que gestou

	contrário, decidimos ter filhos, fomos até a clínica, começamos as pesquisas e exames. E descobrimos que para registrarmos nossos filhos com mais facilidade deveríamos estar casadas. Casamos!!! Casamos não por entender que esse ato precederia nossa maternidade, casamos porque o processo para ter filhos já havia começado. Enfim, casamos!!!!			
P31	NOSSA HISTÓRIA Acho importante frisar que a minha história é só minha. Toda vez que falo sobre a dupla amamentação recebo relatos de casais, ou mulheres, que não conseguiram amamentar ou que não tiveram sucesso como nós duas. Esses relatos, por algum tempo, me deixavam angustiada, culpada, como se minha história pautasse todas as outras ou fosse responsável por fazer dar certo para todos os outros. O que desejo, sempre, é contar o que vivemos, e fazer pensar nas muitas variantes. Aqui foram 2 bebês, 4 peitos, pouca produção e vazão de leite, relactação com fórmula, livre demanda e 2 anos partilhando amamentação em nossos peitos, em parceria. Cada história é uma, cada história é única, cada expectativa ou frustração pertence a um só ser. E talvez ressignificar o termo sucesso, porque eu insisto, olho o que vivemos e defino: foi um sucesso! Porque é assim que eu entendo o sucesso, algo que foi tentado, partilhado, vivido, construído e realizado. Da forma que deu e como deu. Quer saber mais? Bora de DM?	@marcelatiboni	C1.3 Dificuldade da amamentação	
P32	Ela engravidou, ela pariu, nós amamentamos! Indução a lactação não era nem um sonho, era um completo desconhecimento. Não sabíamos que isso era possível, nem que existia. Quando descobrimos	@marcelatiboni	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou	

	que podíamos tentar, começamos o protocolo. Mel grávida de 5 meses, e eu comecei a minha saga. Bomba, bomba e boooombaaaaaaa. Muita bomba de leite!!! Cinco vezes ao dia, todos os dias. Via meu peito aumentar, encher de leite e se preparar para a chegada dos meus filhos. À medida que a barriga da Mel aumentava, meu peito também. Dias antes deles nascerem eu consegui meu recorde pessoal, tirei 60ml de leite de uma vez só, armazenei no congelador, junto a todos os outros potinhos que já se acumulavam por lá. Foram quase 500ml de leite armazenados nas minhas ordenhas diárias. Foi legal? Não muito! Foi divertido? Não diria isso. Foi incrível? Foi! Isso foi! Ver meu corpo se tornando outro, se moldando, mudando, foi lindo e potente. Eles nasceram, chorei tanto. Bernardo saiu do colo da @melaniegraille e veio para o meu peito. Ali, toda aquela alquimia de meses de bomba se tornou realidade. Bernardo mamou. Tudo se concretizava! Teve consultora de amamentação @kelycarvalhot, teve doula @erika.parentalidadepossivel, teve pediatra @recarol.			
P33	Meu maior desejo é ser reconhecida como MÃE pelo sistema público brasileiro. Deturpar a luta e a justiça, infelizmente, é a prática de muitos políticos pelo mundo. Mas, se for preciso a gente explica, a gente desenha, a gente mostra em imagens. A ADPF (arguição de descumprimento de preceito federal) 899 liderada pelos advogados da @uerjdireitos, pelo @wallace.corbo, pelo jurista Dr. Daniel Sarmento, pela @uirapuruconsultoria, pela @abglt.oficial @antra.oficial e tantas outras instituições, pede	@marcelatiboni	C3.5 Reconhecimento institucional	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou

	apenas que o conceito de PAI e de MÃE seja ampliado junto ao STF. Que eu, que não gerei e pari meus filhos, seja mãe. Que famílias homotransafetivas possam ser pais e mães. Que famílias coparentais existam. Que possamos ser muitos e nunca mais apagados ou invalidados! PRAZER, NÓS SOMOS A ONDA!!!! #maternidadelesbica			
P34	Amamentar. De fato, este período, que foi longo - 2 anos - foi permeado de curiosidade, partilha, proximidade, afeto, aconchego, alquimia. Essas foram as sensações e sentimentos que tive ao longo do processo de me preparar para amamentar e amamentar, de fato. Mas, nunca foi prazer. Nunca senti propriamente prazer em amamentar meus filhos. Eram dois bebês, duas mães, quatro peitos, dois puerpérios, pouco sono, muita cólica, muitos despertares, muitas risadas, muito choro, muita descoberta, muita parceria. Não trocaria minha amamentação por nada na vida, mas tampouco conseguiria afirmar com certeza que amamentaria nosso terceiro filho (se ele vier mesmo). Enfim, um tempo que foi, que deixa lembranças, fotos e muuuuita reflexão!!!	@marcelatiboni	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou	
P35	Aqui a gente os estimula a pensarem em diversas composições familiares quando brincam de faz de conta. Eles normalmente começam com o lobo, tem uma mamãe e um papai. Aí eu provooco: “será que a família dele é assim?” Eles pensam, às vezes insistem “sim, é assim sim, ele me contou” e seguimos fazendo de conta que o lobo tem papai e mamãe. Às vezes, eles dizem “naooooo, ele tem duas mamães e 1	@marcelatiboni	C3.10 Atitude com relação a própria família	

	papai” ou “ele tem duas mães e 2 papais”; hoje (mais cedo) me disseram que o lobo tinha só um papai e era feliz. E assim seguimos, lembrando que existem os PCD, os cuidadores solo, as famílias estrangeiras que falam outra língua e tantas outras famílias diferentes da nossa.			
P36	Preconceitos X Possibilidades. A maioria dos jornalistas finaliza entrevistas comigo perguntando qual maior preconceito você já viveu na dupla maternidade? Verdade, foram muitos. Mas, nunca ninguém pergunta “quais as potências, privilégios ou possibilidades da parentalidade não heteronormativa?” E sim, existem muitas! A definição de pai e mãe tradicional há muito está ultrapassada. Um pai trans pode gestar, parir, amamentar. Uma mãe trans pode amamentar. Um casal de mulheres cis pode engravidar junto, usar óvulos trocados na composição do embrião, amamentar juntas. E podem também escolher não fazer nada disso. Está na hora de pensarmos também em possibilidades de escolhas, porque nossos corpos, ao lado de outros corpos ganham potência e abrem o leque de viabilidades. Como sempre eu não coloquei todas as possibilidades destes corpos e casais, por que? Porque nem eu sei de todas. Conhece outras? Escreve no comentário e vamos expandir mais e mais esta lista de potências!	@marcelatiboni	C3.3 As vantagens de uma maternidade homoafetiva	

P37	No começo da semana passada eu fiz um combinado comigo mesma de que iria tentar ser mais gentil, leve, flexível e calma com a minha versão mãe. Tive que fazer esse combinado porque o meu maternal, que sempre foi tranquilo e sereno, estava sendo atropelado pela ansiedade e dureza que venho tendo em relação a como deveriam ser x ou y situação. Me vi perdendo a paciência e gritando com a Lavínia, mais vezes do que eu gostaria. E, depois de algumas semanas refletindo e entendendo onde eu estava sendo dura demais comigo e automaticamente sendo inflexível com a Laví, consegui entender onde eu poderia melhorar o nosso dia a dia. Comecei fazendo uma rotina num papel grandão, fizemos colagens etc. depois disso eu me permiti atrasar pro almoço e levantar mais tarde se estivesse cansada. Também me permiti não sentir culpa de solicitar a ajuda da minha mãe pra ficar com a Laví pra que eu pudesse trabalhar. Não me culpei de não dar banho nela em um dia frio, fui gentil e flexível comigo mesma. E consegui concluir a semana com 1 micro perda de paciência que foi contornada e resolvida com calma. Eu não sou à prova de falhas, diria até que eu sou toda falhas, mas a verdade é que o que me motiva é o melhorar, se perceber, observar onde e como posso tornar nosso dia a dia mais tranquilo. Concluí a semana com a sensação de que fui uma mãe mais próxima do que eu almejo ser e não sem dizer o quanto isso significa pra mim.	@thewinteriscami	C1.7 Dificuldades gerais com a maternidade	
-----	---	------------------	--	--

P38	Uma das partes mais difíceis de se separar, pra mim, é que quando éramos casadas nós éramos uma dupla, nós nos complementávamos muito, tanto é que decidimos ter um filho juntas. O que quero dizer é: Eu tenho minhas questões, afinal não sou perfeita, tem situações que não vou conseguir lidar com naturalidade, serão um esforço pra mim, e muitas vezes essas questões eram tranquilas pra Laura e vice versa. Tínhamos o apoio uma da outra, a gente podia contar com a outra pra segurar a barra em situações que estávamos perto de perder a paciência, por exemplo, ou que tínhamos menos afinidade para lidar, e eu estou falando de prática mesmo. No dia a dia isso era mais fácil a dois. A logística da coisa era mais fácil! “estou perto de perder minha paciência, vou me afastar da situação e deixar que ela lide, assim a nossa filha tem sempre a nossa melhor versão sem tanto esforço da nossa parte”. Mas, quando você é separada e precisa cuidar da criança sozinha em tempo integral, vão haver lugares que são mais sensíveis pra você que simplesmente não tem como evitar, você tem que lidar com a situação porque só tem você ali de adulto e essa é uma das partes mais difíceis, perceber que você não tem com quem recorrer, e automaticamente vai ser obrigada a dar de cara com suas falhas e lugares sensíveis, de novo e de novo e de novo, até chegar num ponto em que elas vão começar a se tornar menos cansativas de lidar, ou você vai descobrir formas de evitar que elas aconteçam. É cansativo, é frustrante, seu filho não tem culpa de nada disso, é um lugar totalmente delicado e que mesmo com terapia, muitas vezes, a	@thewinteriscami	C1.7 Dificuldades gerais com a maternidade	
-----	--	------------------	--	--

	gente se pega gritando com a criança por algo que ela está fazendo simplesmente por ser criança, mas por ser algo que TE faz mal, você perde a paciência, o que resulta 10/10 das vezes em culpa. Meu ponto é: dividir a guarda é o melhor dos cenários, mas não deixa de ser extremamente desafiador ser mãe sozinha na sua vez de cuidar do teu filho. Eu tento ao máximo ser crítica comigo pra poder conseguir sempre descobrir recursos pra lidar melhor com isso, é a única forma que vejo de ser uma mãe melhor a cada dia, a consciência é a chave de tudo.			
--	--	--	--	--

P39	Dia desses quando estávamos nós três, juntas, a Lavínia falou várias vezes “mães, vêm aqui ver tal coisa”. Acho que foi a primeira vez que ela nos colocou na mesma frase sem colocar nome depois do “mamãe”. Ela descobriu que pode nos chamar no plural e isso me emocionou muito. A verdade é que, embora muitas vezes tenhamos sido indagadas pela pergunta “como vocês vão contar que ela tem duas mães?” nunca se fez nem se fará necessário essa conversa que as pessoas acham que seja necessária. A cada dia que passa a Lavínia se torna mais dona da própria história. Ela sabe que tem duas mães, ela sabe que tem outras crianças com diferentes configurações familiares, ela vive bem tendo duas mães. Aos poucos ela vai se apropriando mais e mais da própria história. A cada ida ao parquinho, quando ela conta pra outra criança que tem duas mães, a cada evento em que vamos as três juntas e ela fica feliz por estar com suas mães e não triste porque não tem um pai. A cada ano que passa construímos essa naturalidade para que ela seja bem resolvida com quem ela é. A verdade é que nós contamos todos os dias pra Lavínia que ela tem duas mães, ela nunca esquece disso e inclusive se orgulha. Filha, sua mãe me lembrou que você terá poucas ou nenhuma lembrança de quando nós três morávamos juntas e isso me entristeceu um pouco, você, que sempre pede pra voltarmos a morar as três juntinhas, mas olha! eu sei que o nosso amor transcenderá suas memórias e que as que você terá serão cheias de amor e respeito. Suas mães te amam muito.	@thewinteriscami	C1.7 Dificuldades gerais com a maternidade	
P40	Neste ano a gente aprendeu a ser família em casas	@thewinteriscami	C1.8 Dificuldades	

	diferentes. Foi um ano em que nos fortalecemos individual e como família! Eu tenho muito orgulho das mães que somos. Tenho orgulho da amizade que continuamos tendo pós casamento e do quanto a gente conseguiu manter todo o respeito à nossa história, preservá-la pro futuro quando Laví olhar pra trás e saber que é fruto de duas pessoas incríveis que se respeitaram do começo até após o fim. Quando eu tinha 15 anos e sonhava em ter uma família, eu não fazia ideia de que ela poderia ter essa configuração. E sinceramente? A cada dia que passa eu fico mais ansiosa pelo nosso futuro, que venham anos incríveis e cheios de amizade, amor e acolhimento, porque nisso nós somos ótimas!		gerais vinculadas ao divórcio	
P41	Antes de dormir sempre é uma hora que a Lavínia compartilha coisas que aconteceram na escola ou quando eu não estava por perto, e esta noite tivemos uma conversa bem legal! Ela me contou que a professora não a deixou ficar sozinha no pátio, então fui investigar o porquê. Ela soube me dizer que realmente não era hora de estar no pátio e que todas as crianças estavam na sala fazendo uma brincadeira, mas ela estava chateada e queria ficar sozinha. Importante dizer que nessas conversas eu me coloco como ouvinte curiosa, sem nenhum julgamento. Hora de entender o que a deixou chateada, dando espaço pra ela falar, sem colocar meus achismos na frente. Ela me disse que estava chateada porque queria que fosse a vez dela na brincadeira e que ela já estava esperando há muito tempo. Perguntei se ela havia dito pra professora que estava chateada e ela disse que não, que só preferiu se afastar e ficar sozinha. Com	@wtflau	C3.8 Estilo parental	

	isso, eu comecei a validar os sentimentos dela, seja o de impaciência, frustração, chateação, e disse que também me sinto assim, às vezes. É sempre tão bonito de ver o quanto ela fica aliviada quando digo que também sinto as coisas que ela sente! Juntas começamos a pensar em momentos que tínhamos que esperar a nossa vez e era chato. - Ontem a Marcella tava apertada pra ir no banheiro, mas teve que esperar você sair, né mamãe??? Incrível como ela presta atenção em tudo e absorve todas as ações! Finalizei dizendo que eu também preciso esperar uma semana pra matar a saudade dela porque eu sei que ela também precisa ficar com a mamãe Camila, porque é importante pra ela ter um tempo com as duas mães, por mais difícil que seja ficar tanto tempo longe. Ela concordou, disse que também sente saudade da Abigail quando está longe (sempre os animais kkkk) e ficou visivelmente mais tranquila. Se aproximou ainda mais na nossa conchinha, ficamos quietinhas ouvindo histórias nos podcasts e ela dormiu, e eu fiquei feliz de saber que minha filha confia em mim pra compartilhar suas angústias, porque ela sabe que sempre será acolhida ♥.			
P42	Hoje é o dia mundial da amamentação. Foi tudo tão difícil no pós parto que a coisa mais prazerosa era ofertar o peito. Difícil mesmo foi quando elas passaram a rejeitar. Ainda bem que a Lan existe, e não me deixou sentir sede nem um segundo sequer. Entre tantas outras coisas.	@nandacosta	C1.2 Amamentação da mãe que gestou	

P43	Quantos traumas, feridas e marcas da sua criança interior você não tem conseguido curar, desde que percebeu que queria um outro tipo de criação para a sua criança?! Aqui a nossa maternidade tem ajudado a enxugar várias lágrimas que escorrem há muito tempo. Educar crianças incríveis é um ato revolucionário e de resistência também, não é fácil criar as nossas crias com apego quando ao nosso redor a gente aprende que se a criança crescer mal educada a culpa vai ser nossa.	@maternidadesapatao	C3.10.1 Criação com apego	
P44	Resgatar a nossa ancestralidade faz parte da nossa educação, criamos Jamal e Jawari com uma vivência de asê, não só por acreditarmos nisso, mas para ensiná-los desde cedo que as nossas religiões de matriz africana fogem 100% desse ódio propagado através de desinformação. Asê ô	@maternidadesapatao	C3.11 Postura com relação a religiões	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou
P45	Estamos na semana mundial do aleitamento materno e a Multi Kids Baby convidou nós duas a contar um pouco sobre a nossa amamentação. Como eu já contei algumas vezes aqui, Alê gerou as nossas crias e no sétimo mês de gestação eu iniciei o processo de introdução a lactação, pra dividir com ela essa tarefa importante e cansativa que é amamentar. O processo de introdução a lactação pode ser feito de forma farmacológica ou não, através do estímulo da mama. Pra mim foi bem tranquilo, rápido e não senti dor, com apenas dois meses de estímulo meu corpo já estava produzindo leite. O leite contém todos os nutrientes e sais minerais que a criança precisa, garantindo a ela crescimento e desenvolvimento saudável. Sortudos são Jamal e Jawari, que têm dois ‘tetês’ à disposição deles para poder desfrutar de tudo	@maternidadesapatao	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou	

	que o leite materno pode oferecer.			
P46	Pra mim existe uma enorme cobrança em cima de nós, pessoas que criamos crianças (isso não é novidade pra ninguém), principalmente quando fugimos de padrões abusivos, rótulos e caixinhas. Ser duas mães de dois meninos é uma resistência! Todo mundo já espera que os nossos filhos sejam criados para ser homens, e vocês sabem do que eu estou falando. Só que aqui a banda toca de outra forma, criamos nossos filhos para serem pessoas saudáveis e felizes, nada de viver só de azul ou de comportamentos héteromasculinis. Imagine a cara de espanto das pessoas, todas as vezes que levamos os nossos filhos na rua usando rosa e com um cabelinho grande e crespo. Sempre vem alguém perguntar o nome das meninas, sempre corrigimos e dizemos que os nossos filhos são meninos, não porque queremos afirmar que eles são meninos, mas tá na hora das pessoas normalizar que crianças podem usar todos os tipos de cores e que tá tudo bem. No <i>reels</i> acima contém cenas de uma deliciosa tarde no parque, com as nossas crias usando roupas da @mater_originalis, uma marca que não se preocupa se meninos estão de azul ou se meninas estão de rosa.	@maternidadesapatao	C3.9 Atitude com relação a gênero	
P47	Hoje é dia de falar de orgulho e não tem como não se orgulhar da nossa família e da nossa maternidade. Este fim de semana que passou deve ter sido um dos momentos mais intensos das nossas vidas como mães. Nossos filhos ficaram doentes, tiveram uma febre altíssima com o risco até de ter uma convulsão. Que momento difícil! Mas, ao mesmo tempo foi o momento em que eu mais senti orgulho de nós, por	@maternidadesapatao	C3.2 Exercício da parentalidade conjunta	

	que fomos muito parceiras, mas do que o de costume. Choramos juntas, sofremos juntas e depois comemoramos juntas quando vimos que os nossos Ibejis estavam bem e fora de risco. Pra mim esse é um dos maiores sinônimos do que é ser uma família, estar juntas e no corre para o que der e vier. Que os nossos filhos possam crescer, olhar para trás e sentir muito orgulho do que estamos construindo juntas, e vamos continuar indo juntas até o final por um mundo melhor e mais tranquilo para a nossa existência. Feliz dia do orgulho! Se orgulhe do que e de quem você é 🏳️ 🙌 ❤️.			
P48	Mãe s4patão não gestante, quantas vezes você já ouviu que não era mãe da criança? E você, mãe s4patão que gestou, quantas vezes já te perguntaram quem era o pai da sua cria? A dupla maternidade é constantemente vista como não legítima pelo fato de rompermos com o mito da família tradicional. Quantas mães s4patonas passaram por alguma situação em que tiveram que provar a existência da sua maternidade? A própria existência? Estamos vivendo uma nova era e, a convite da Theia, que nasceu para humanizar os atendimentos de concepção, gestação, parto, pós-parto e pediatria, nós do @@maternidadesapatao te convidamos pra conversar sobre desmistificação da dupla maternidade. Bora?	@maternidadesapatao	C1.4 O lugar da mãe não gestante	
P49	Maternidade Sapatão. Estamos na semana das mães e eu quero aproveitar pra deixar escurecido que sapatão também é mãe! Eu sempre quis ser mãe e a minha 'sapatonice' nunca foi um limite pra isso, não é à toa que hoje em dia eu sou de dois pretinhos lindos. E	@maternidadesapatao	C3.6 Diversidade familiar	

	posso falar pra vocês? Além de amar a minha existência como mãe, eu também amo ser essa mãe sapatão que eu venho me tornando durante esses 1 ano e 6 meses. Eu sou uma pessoa que adora quebrar padrões e estereótipos, e quebrar os estereótipos da maternidade se tornou um grande prazer pra mim. Existem vários tipos e várias configurações de mães, desde a mãe hétero top padrão kkk até a mãe chavosa e sapatão, e essa mãe que eu sou, e essa mãe que eu vou ser para os meus filhos, uma mãe sapatão!			
P50	Estamos há 19 meses amamentando Jamal e Jawari, posso falar pra vocês? Está valendo muito a pena, com certeza essa foi a melhor opção que escolhemos para os nossos filhos. Mas, na real família, o bagulho é louco! Estamos bem cansadas! Mesmo dividindo essa carga, estamos bem cansadas! Alê é quem tem sofrido ainda mais, porque, às vezes, os meninos dão preferência em mamar só nela, principalmente o Jamal. Nossas noites continuam bem cansativas, vamos ter que comprar um colchão maior, seguimos na cama semi compartilhada, mas os Ibejis não são mais dois bebezinhos de 45 e 43 cm, agora eles são enormes e ocupam um bom espaço na cama. Além de passar boa parte da noite amamentando, tem o desconforto e o pouco espaço que sobra na cama pra nós duas. E, de verdade, nós duas estamos de parabéns! Outro dia os levamos na pediatra, até a médica que deveria passar um apoio ou uma motivação para nossa amamentação, perguntou como a gente ainda estava aguentando amamentar os dois até hoje, sendo que eles nem tem o tempo mínimo de amamentação recomendado pela Organização	@maternidadesapatao	C1.3 Dificuldade da amamentação	

	Mundial de Saúde. Com a cultura do desmame que exala na quebrada e no mundo, estar cansada de amamentar se torna algo solitário, porque, às vezes, dependendo pra quem você correr pra desabafar e falar que está cansada de amamentar, é o suficiente pra alguém te falar: “Mas, nossa! Por que você não dá uma mamadeira e uma chupeta pra você começar a ter um pouco de paz?!” Não vamos desmamar os nossos filhos, porque amamentação não dura a nossa vida inteira e respeitar o tempo dos nossos filhos durante esse processo é mais que importante. Ainda bem que temos nós duas pra se apoiar e desabafar quando estamos cansadas, mas na real, meu povo, nós estamos exaustas! Dupla amamentação não é esse mar de beleza que todo mundo pensa. Eu nem consigo imaginar o quanto deve ser cansativo para as mães que amamentam gêmeos sozinhas.			
P51	Se tornar uma mulher sapatão é uma conquista pra nós, se libertar do vestido, da saia, do cabelo comprido e tudo isso que é dito feminino é verdadeira conquista pra toda sapatão. Eu não sou natural de São Paulo, sou nascida e criada em Santos, e lá na baixada santista tem muita sapatão, entre outras pessoas da comunidade LGBTQIA+. Eu cresci vendo na quebrada várias mulheres sapatonas, daquelas bem caminhoneira mesmo, com bermudão, camiseta larga, boné, óculos de sol na testa, chinelão ou sandália de couro e a sua mina de fé do lado. Sei lá, aquelas mulheres me remetiam força e empoderamento, eu sentia que eu queria ser como elas. Inclusive, muito obrigada a todas as sapatonas que vieram antes de mim, vocês são minhas verdadeiras ídolas. E aí,	@maternidadesapatao	C2.3 Lesbianismo e gênero	

	enquanto na minha época as meninas estavam ligadas no Justin Bieber ou no Restart, eu já estava ligada em outra parada, eu estava ligada em ser sapatao. Quando eu finalmente tive a oportunidade de me libertar daquele sufocamento interno foi avassalador pra mim, era como se eu fosse um pássaro que estava engaiolado desde o dia que nasceu. Essa foto minha com Jamal e Jawari me deixa feliz e tranquila, em saber que eu vou ser essa mãe que vai fazer de tudo para os filhos crescerem livres e não engaiolados.			
P52	Aqui a gente não acredita que os nossos filhos atrapalham a nossa relação. Se eu falar que o cansaço materno nunca deixou o nosso relacionamento ‘embaralhado’ eu vou estar mentindo. Antes de sermos mães nossa vida amorosa era muito tranquila, a gente vivia em paz, não tinha tempo ruim pra nada. Depois dos meninos e da pandemia as coisas mudaram, e os ânimos ficaram mais aflorados no quesito desentendimentos. Lógico, a culpa não é deles e nunca será, afinal de contas Jamal e Jawari são frutos do nosso amor. O que tem mexido muito conosco é o cansaço. Saber diferenciar o cansaço e o stress da maternidade é fundamental pra entender que as crias não têm nada a ver com desavenças conjugais. Logo nos primeiros meses de vida dos meninos a gente começou a se desentender, e isso se repetiu algumas vezes, até que tivemos uma briga séria, quando a gente até cogitou o fim do nosso relacionamento. A gente se tocou que o problema não era nós duas e sim o cansaço, e todo esse isolamento que obriga a gente a conviver juntas o tempo todo, isso não faz bem pra nenhum casal, principalmente	@maternidadesapatao	C1.7 Dificuldades gerais com a maternidade	

	quando somos mulheres com algumas questões. Hoje em dia com os meninos maiores tem sido bem mais fácil, estamos conseguindo nos movimentar de outras formas e fazer outras atividades, além de sermos mães. Acho que passar por essa turbulência tem sido ótimo para a construção e fortalecimento do nosso relacionamento, a meta é envelhecer juntas e ver os nossos netinhos correndo pela casa. Eu só sei que a gente não vê a hora do nosso primeiro date sem as crias e com direito a banheira de hidromassagem			
P53	Infelizmente a vida fez de mim uma pessoa não muito carinhosa, chorar e colocar pra fora o que eu sinto era raridade. Ser sapatão que não performa feminilidade é sinônimo de ser colocada dentro de um conceito masculino e heteronormativo. Muitas vezes, a gente acaba reproduzindo um machismo que não é saudável para nós e nem para as nossas companheiras. Independentemente de não performar feminilidade a gente continua sendo mulher, e o machismo não é saudável para nenhum ser da Terra. Ano que vem nós vamos completar 4 anos de amor, pra ser sincera esse é o relacionamento mais saudável que eu já tive, através da @iyaibeji_ eu aprendi a quebrar várias barreiras machistas e ser uma pessoa mais afetuosa, que hoje em dia não tem mais problema pra chorar e externar o que sente. Ser mãe só veio acrescentar na minha vida no quesito afeto, somos mães de dois meninos; infelizmente homens e meninos pretos aprendem desde cedo a serem pessoas não carinhosas, o negão que, muitas vezes, cresce e vira um segurança violento, ou um marido abusivo e agressor.	@maternidadesapatao	C2.3 Lesbianismo e gênero	
P54	Além de quatro existem várias coisas que não se deve	@maternidadesapatao	C1.6 Deslegitimação da	

	falar para uma família de duas mães. Aqui a gente separou essas quatro perguntas bem uó, que deve passar pela cabeça das pessoas quando se trata de dupla maternidade. A ideia da maternidade, a princípio, era bem heteronormativa. Tudo bem se a mulher for hétero e falar que ela tem o desejo de ser mãe, ninguém vê problema nenhum nisso. Foi colocado como mais normal ainda, essa mina engravidar de um mano que não queira assumir suas responsabilidades paternas, o tal do pai ir embora e deixar a mina pra trás. Existem milhares de mães solas, e tudo bem também se essas mulheres se tornarem as mães guerreiras, que batalham todos os dias para criar os filhos sozinhas (contém ironia), mas aí quando se trata de duas mulheres querendo dividir juntas o desejo da maternidade, rapidinho até o padeiro sai lá da padaria, pra vir até a sua casa questionar se a sua cria vai ter pai ou não. Nossa dupla maternidade existe! E está aqui para quebrar preconceitos, tabus e fobias, nós duas mães já cansamos de mostrar que damos um show quando o assunto é criação, a cada dia mais que se passa nossas famílias vêm se formando e trazendo ao mundo seres incríveis, criados com muito amor, carinho e 0 presença paterna. Nossos filhos não precisam de um pai! Sortudas são as crianças que são crias de duas mães.		maternidade	
P55	Hoje eu queria falar dessas duas pessoas aqui. Eles não são meus pais, mas são pais das minhas mães. Foram eles que criaram as pessoas que me deram uma família, que me cuida, me ama, me protege. Meus vovôs são lindos, né? Como eu gosto de fazer	@gael.t21	C3.6 Diversidade familiar	

	carinho nessa pele marrom, nesses cabelinhos cor de nuvem do céu. Amo meus vovôs. Muita gente hoje tá comemorando o dia dos pais, e que bom que muita gente tem pai vivo, presente, gente boa, pra comemorar junto. Mas, não é assim pra todo mundo. Muita gente nem tem esse nome na certidão de nascimento. Muitas famílias não são feitas de mãe e pai. Família é quem cuida, ama, protege, isso é família e precisa ser festejada também. Espero de verdade que as pessoas, um dia, possam incluir todos nessa festa de amor e respeito. Que possamos ter um dia de quem cuida da gente, dia da nossa família, seja ela como for. Feliz dia pra todos aqueles ou aquelas que fazem parte da nossa família, viu minha gente? Feliz dia, vovôs! que todos os dias sejam felizes (...). AMO VOCÊS 💕💕💕 A gente pintou um copinho juntos e eu amei 💕💕💕.			
P56	Eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer. Como é grande o meu amor por você (...). Nem sei se o nome disso é sorte, só sei que tenho quatro avós. Se eu tivesse que dizer como cada momento junto com eles é importante, com certeza faltaria número, palavra, jeito (...). Avós fazem da nossa vida mais doce, são as melhores recordações, as melhores histórias, os melhores sorrisos, a melhor comida. Avós têm cheiro, tem sabor, tem aconchego e o melhor lugar do mundo. Nada, mais nada se compara a amor de avós. Gratidão a vida, ao papai do céu, a todos os amigos de luz, por terem me dado quatro avós. Feliz dia dos maiores amores do mundo. Feliz dia dos avós 👴👵👴👵💕💕🌈 AMO VOCES ATÉ O INFINITO.	@gael.t21	C3.6 Diversidade familiar	

P57	Nosso primeiro dia das mães (...). Só lembrando lá no início quando nem imaginávamos como seria, e hoje olhando pra gente, nossos pensamentos, ideias e perspectivas são TOTALMENTE diferentes (...). A maternidade é um desafio, mas em dupla ficou um pouquiiiiiiinho mais leve. Feliz dia das mães pra gente 🥰.	@xododasmaes	C3.3 As vantagens de uma maternidade homoafetiva	
P58	E nessas eleições muito se falou sobre família, proteger as famílias, pela segurança das famílias, pelo bem delas (...). Mas, consigo falar com total certeza que talvez nem 1% desses discursos foram sobre a nossa família. Na verdade, para muitos nem devíamos existir, incluo familiares nessa, não só políticos, infelizmente. Para estarmos aqui hoje, Vitória, Marcela, Mauí, Maria Joana e Socorro tivemos que ser perseverantes. Tentaram nos esconder a todo custo, nos apagar, fingir que não éramos assim ou pior nos culpar por sermos motivo de desgosto e tristeza, nos fazer sentir vergonha de ser. Só pelo simples fato de amarmos. Talvez faltou amor, falta amor às pessoas e provavelmente por isso, enxergar tamanha coragem de amar gere tanta conturbação. Mas, não é querendo justificar não. E sim lamentar. Lamentar aqui por viver no país que mais mata LGBT no mundo e não encontrar esse tema em debates presidenciais, e não encontrar tal acolhimento na base da sociedade, nas famílias (...). Quem sabe as famílias estão em perigo mesmo, mas não as tradicionais, não as dos políticos e dos seus. Mas, as nossas, que vivem à margem lutando por direitos e segurança, por visibilidade e dignidade. Se um dia as famílias souberem acolher e respeitar seus filhos	@duasmaesaqui	C3.5 Reconhecimento institucional	

	LGBTQIAP+, consigamos sonhar mais alto e esperar que terceiros olhem por nós.			
P59	Nasce um bebê e nasce uma mãe? Ou nasce um bebê e vai nascendo uma mãe junto? Hoje estávamos conversando sobre como é ser mãe, quais referências temos e quais queremos que Mauí tenha (...). Quais referências temos de duas mães? De mães com mãe? Ser duas mães de nada tem a ver com ser pai e mãe. É uma jornada intensa, é dia após dia construindo nossa bolha, entendendo sobre limites e limitações uma da outra, aprendendo sobre as necessidades do serzinho que acaba de nascer. E seguimos nessa intensa jornada cheia de amor. Até hoje sabemos que Mauí ama nosso cabelo, ama tetê, não gosta de charutinho nem nada que contenha ele, ama o chão, adora dançar no colo da mãe Tchela, e ama histórias com dedoches da mãe Vi. Aprendemos que dormir no <i>sling</i> é uma delícia, mas tem que ser lá fora porque dentro de casa irrita ele, banho no chuveiro é tudo de bom e no ofurô pode ser às vezes só, a Mãe vi usa o trocador à direita e a mãe Tchela põe o bebê à esquerda, os reflexos de moro estão acabando e o ganho de peso dele nos espanta a cada vez que o pesamos, já usamos roupas M, compramos vários pacotes de fralda P e seguimos espantadas achando que não vamos usar todos (Socorro, Deus!). As noites são difíceis, por conta das dores abdominais (temos um bebê que não faz cocô) e a cada chorinho doído as mamães lamentam e tentam de um tudo para aliviar o desconforto do nenê (...). E seguimos ansiosas pra saber mais sobre como ser mãe do Mauí, sobre como ser mãe e mãe (...).	@duasmaesaqui	C1.11 Relatos sobre a construção da maternidade	

P60	Não, não é por sermos o alecrim dourado, mas simplesmente porque são configurações familiares diferentes. E acho péssima a premissa que alguns usam: “pra mim são todos iguais, eu não vejo diferença”. Não somos todos iguais, tem muita diferença e tá tudo bem!!! Não vivemos em uma sociedade uniforme e a pluralidade nos torna rico, falando como um todo. A mãe não gestante não equivale ao pai, são dinâmicas distintas, e tentar validar nossa família usando esse achismo de que seremos como uma família heteronormativa não é legal porque parte do ponto que o ideal, o correto, o que todos querem é pai e mãe. Então, partindo desse ponto, toda família que não é composta por pai e mãe as pessoas tentam consolar ou afirmar que sim, essa família será ótima, essa família será sim como pai e mãe. Entende onde está o problema? Embora acreditemos muito no princípio de uma parentalidade com maior equidade possível, é inviável comparar um pai a uma mãe (seja ela gestante ou não gestante). Uma mãe não gestante não precisa amamentar para ser mãe, criar vínculo depende muito mais do dia a dia, um bebê requer muita atenção e disposição, e nessa troca diária é construído amor, vínculo e afetividade. Uma mãe não gestante não tem que 'nada', ela é mãe e ponto, quer você aceite ou não, quer você tenha dúvidas quanto a isso ou não. Porém, o que a sociedade em geral tem obrigação é de não ser homofóbico - não é à toa que temos leis que nos protegem de tal. O ser mãe DE LONGE tem relação com material genético e o dia que as pessoas aprenderem a desassociar essas coisas será muito	@duasmaesaqui	C1.4 O lugar da mãe não gestante	
-----	--	---------------	----------------------------------	--

	mais simples de entender o amor, o vínculo, e o que é realmente um lar, uma família. Não existe mais menos ou mais mãe, não existe a mãe de verdade e a mãe do coração, só não! O que existe são pessoas com dificuldade de entender nossa dinâmica familiar e que tentam projetar em nós suas inseguranças. Digo isso pois somos uma família muito bem estabelecida e esclarecida quanto ao nosso papel de mãe. Cada uma com sua personalidade, porém as duas muito bem alinhadas sobre o caminho que queremos percorrer como família.			
--	--	--	--	--

P61	Já falamos sobre isso no começo do processo da Fiv, mas sempre precisamos retomar no assunto. Se um casal hétero fala: “estamos grávidos!”, você presume que eles tiveram relação sexual, certo?! Embora existam outros métodos que casais héteros possam recorrer também para engravidar. Logo, quando um casal de lésbicas verbaliza que está gestante POR QUE as pessoas precisam dos detalhes, de quem são os óvulos, foi Fiv? Como é o doador? Ele é anônimo? Você pergunta para o casal hétero a posição? Qual peça íntima estavam usando, se estavam usando? Não, né!? É invasivo. “Ah, mas eu só queria saber!” Não nos importa! Vamos lá, recorremos a reprodução assistida e no Google tem muita informação sobre como é todo o processo e sabemos de toda parte técnica e biológica. Porém, contudo, entretanto, quem está fazendo essa criança somos nós! Nós nos doamos inteiramente, dia e noite para a gestação acontecer da melhor forma possível, nós a planejamos, nós somos as mães e só existe duas mães na nossa configuração familiar. Nós, duas mães, estamos fazendo uma criança linda! E como o doador é? Com quem Mauí vai parecer. Parem, somente não! Não existe na nossa configuração familiar essa terceira pessoa, e não é nada delicado a essa altura de toda situação ficarmos recebendo indagações sobre o doador. Se me derem um motivo pertinente para tal, juro que falamos! E lembre-se, curiosidade não é motivo, curiosidade soa mais como comportamento invasivo, desrespeitoso (...). Imaginem como é cansativo ter que validar nossa maternidade perante a tantas perguntas e julgamentos e ainda ter que ver as	@duasmaesaqui	C2.5 E o doador?	
-------------------	--	----------------------	-------------------------	--

	peessoas tentando colocar o doador em um papel que não é dele! Não existe. Ainda bem sim, que tivemos esse recurso do doador, porém o papel dele ficou lá no início, na formação dos embriões, hoje só existe nós três, Maui, mamãe Tchela e mamãe Vi! Não é tabu para nós falar sobre o doador, Maui sempre saberá como foi todo o processo, porém é REVOLTANTE ouvir perguntas e comentários sobre o doador sendo que não é pertinente para nada no atual momento e só soa como invasão e invalidação do nosso maternar.			
--	---	--	--	--

P62	Hoje vi um vídeo do @vitordicastro e me identifiquei muito - o compartilhei nos <i>storys</i>, inclusive. Recebi alguns comentários carinhosos até falando como minha 'companheira' é carinhosa, atenciosa e afins, sobre como minha 'parceira' estava sempre presente e fazendo de um tudo (...). Tenho ESPOSA, não tenho namorada, não tenho uma parceira, nem companheira, tenho uma esposa reconhecida civilmente como tal! E embora, talvez, com boas intenções, não usar a tratativa correta é sim uma agressão e uma forma de deslegitimar nossa família. Vou explicar. Vamos do começo, geralmente você vê casais que tem dois filhos falando o quê? Nosso casal de gêmeos, nosso casal de filhos. Sendo que são irmãos, duas crianças, porém MENINO e MENINA. Então, percebe-se que encontramos facilidade na nossa dialética para chamar crianças que são irmãos de casal, mas na hora de nos chamar, duas mulheres casadas, de casal existe desconforto?! (não vou aqui me alongar na extrema problemática que é chamar crianças/irmãos de casal, mas que fique registrado que não rola, viu?!). E também vai ter quem me diga que trata casais héteros como companheiros/parceiros também e ok, porém vamos entender em que sociedade vivemos, onde casais LGBTs só foram reconhecidos como casais e tiveram direito de casar no civil a alguns anos atrás, que somos expulsos de casa e negados por nossos familiares, como casais héteros desde sempre tem essa legitimação e aceitação. E não sejamos ingênuos, as pessoas sentem sim desconforto em usar as tratativas corretas, afinal ser hétero é o certo e o restante nada à margem,	@duasmaesaqui	C2.6 Deslegitimação do relacionamento	
-----	---	---------------	---------------------------------------	--

	tentando conquistar direitos mínimos e respeito de quem sempre o teve. Então, não é possível comparar não. Se você se sente desconfortável em chamar um casal de casal, ou pior, se você acha que existem casais que não são tão casais e não entende que o que configura uma família é o amor e nada mais além disso, sinto lhe avisar, mas precisa rever seu conceito. Duas pessoas que se amam, independente de orientação sexual e identidade de gênero, são um casal e se assim se entenderem também são uma família. Aqui somos um casal, esposa e esposa! Obrigada!			
P63	Vamos lá, não seja rude! Custa responder minhas dúvidas? Queria saber como funciona (...). Gente, vamos lá! Uma família LGBT não é uma central de	@duasmaesaqui	C2.5 E o doador?	C2.7 Violências sofridas na maternidade

	informações, não é o Google e é impossível que consigamos suprir todas as dúvidas alheias. Entendam que somos uma família igual a sua em termos civis, com os mesmos direitos e deveres (...). E é cansativo parecer uma atração, uma novidade em um palco, cercadas de perguntas invasivas que não vemos serem feitas para casais heterossexuais. Vamos lá, se você é LGBT e busca ajuda, informações, representatividade é uma situação que cabe perguntas e aproximação, porém, contudo, entretanto, se é uma pergunta somente para suprir suas curiosidades, de forma invasiva e insistente, tente buscar no Google! Pra dividir aqui com vocês o top 3 de perguntas desagradáveis: * Quem é o doador? * De quem é o óvulo? * Como vão explicar pra criança que ela tem duas mães?			
P64	Somos duas mães. Talvez para você que esteja lendo seja óbvio ou talvez seja indiferente, mas vou tentar explicar o que significa para nós! Ontem a Marcela me contava como se sentia apagada, começamos a conversar e nem reduzida a pai ela se sente pelas pessoas, ela se sente invisível. Lhe é negado seu papel de mãe, fingem que ele não existe e ponto. E ainda acham que é pedir demais, já ouvimos coisas como: “tá, vocês sabem que são duas mães, precisam de confete?” “Tem que tá escrito em todo lugar?” “Qual o problema de estar escrito papai ali no papel, você sabe o que vocês são (...)”. Vou tentar explicar melhor, você heterossexual, lê em diversos formulários e documentos - marido e mulher, papai e mamãe (...). Você existe, é representado com todas as letras. Nós? Temos formulários rasurados para que a	@duasmaesaqui	C1.4 O lugar da mãe não gestante	

	gente possa caber, temos crachás que não nos representam e temos que usar. Se hoje temos palavras que conseguem contemplar a todos, qual o problema de usar? No lugar de marido/esposa que tal cônjuge? Papai e mamãe, que tal responsáveis legais? É tão simples você contemplar as diversas configurações familiares, e não você não precisa ser LGBT, querer ser nem nada do tipo. Acontece que civilmente são reconhecidas e válidas inúmeras formas de ser família e as instituições deveriam ter obrigação de não fingir que existe apenas homem/mulher cis hetero e criar formulários respeitosos e inclusivos. Porque somos duas mães, somos diversas e não cabemos em campos nem espaços que nos negam o direito de ser. #duplamaternidade			
P65	Eu queria me sentir incluída na sociedade que vivemos e acho que isso não é pedir muito. Hoje fomos visitar a maternidade Curitiba @maternidadecuritiba e nem sei por onde começar. Na entrada recebemos um folheto com o que levar, e não sei porque me surpreende ainda, “mala do papai”. Só existe pai e mãe? É tão fora de sério pedir para ao invés de pai constar acompanhante?! E durante a visita, ouvir centenas de vezes frases como: e quando o bebê nasce ele vai com o papai (...). E quase instantaneamente os olhares viam ao nosso encontro (...). Nosso bebê não tem pai, nunca terá pai, tem duas mães e merecemos ser reconhecidas como tal, somos clientes pagantes tão quão família de papai e mamãe. Por que somos apagadas? nos é negado um espaço, nos é negado um pertencimento. Olha, não estou pedindo uma bandeira LGBT no folheto nem nada	@duasmaesaqui	C1.1 Amamentação da mãe que não gestou	C3.1 O lugar do pai na família de duas mães

	assim, uma simples mudança para acompanhante já seria de bom tom. Fica a sugestão maternidade Curitiba, pronomes mais inclusivos e um treinamento pra equipe saber lidar de forma respeitosa com a diversidade da configuração familiar das pessoas. Tenho certeza que não fomos nem somos o primeiro casal de mães que vocês atendem e não seremos as últimas (...).			
P66	O post de hoje é em tom de desabafo. Quando jovens é só começar a se assumir que geralmente ouvimos de familiares e pessoas próximas para não nos expormos - ao falar isso se referem a não postar fotos de namoradas nas redes sociais, não andar de mão dada na rua, não assumir a identidade de gênero que você se sente bem e com isso usar as roupas que a sociedade dita como padrão para você (entende-se por não se expor, por se preservar: voltar para o armário) rsrs, se você não for homossexual e achar que é melhor mesmo, mais seguro ser LGBT só em casa, só entre amigos, por favor, reflita, como é possível viver bem, feliz e estável se escondendo? Mas, vamos lá! que o foco do desabafo não é bem esse. Pois bem, nos pedem, imploram e, às vezes, nos batem e nos obrigam a ficar no armário. Muita luta, muita terapia, muita conversa depois nos reestabelecemos, encontramos amigos e pessoas semelhantes a nós, finalmente pertencemos e encontramos força pra resistir, pra viver. Formamos família, temos filhos, podemos engravidar e?! Ao foco do desabafo, o que te move, o que move alguém a dar uma opinião não solicitada a um desconhecido. Preste atenção, não falei dar uma opinião a um	@duasmaesaqui	C1.6 Deslegitimação da maternidade	

	amigo, irmão, filho, hoje ‘tô’ falando de um desconhecido mesmo. E piora, piora porque homofobia não é opinião, né? Ah, mas eu não sabia, não tem como mais hoje alegar desconhecimento, não cola mais, se por uma fração de segundos antes de abrir a boca você pensar que o que vai falar pode ser inconveniente, no mesmo momento a feche, respira, sorria e saia andando. Mas, não me venha invalidar maternidade alheia pra suprir sua curiosidade, sua vontade de entender a dinâmica familiar alheia. Vou explicar melhor a relação dos pontos que eu trouxe. Por mais que a gente não abra a boca em um determinado ambiente, chegamos nós, duas mulheres, de mãos dadas, uma de nós barriguda parecendo grávida e a pessoa, as pessoas não sabem lidar em silêncio. Tem que perguntar: “filho de quem?”, tem que achar que PODE afirmar de que o filho é apenas de uma, nunca de outra (...). E aí, cadê as pessoas que falaram pra gente não se expor? Independente de falar ou não, hoje só o fato de a gente existir gera todo um espaço para rolar homofobia.			
P67	Alô, alô!!! Ainda sobre dia das mães (...). Porque ainda enfrentemos inúmeros tabus, ainda temos que ouvir pessoas desconhecidas perguntando de quem é o óvulo, como se fosse informação de domínio público. Já tivemos que ouvir a infeliz pergunta sobre quando a mãe não gestante teria o filho dela (?????). Porque ainda as pessoas relacionam o maternar a gestar e amamentar, ou também relacionam a mãe não gestante a colocando em um papel de pai e não aceitam que são mães. Que mãe não gestante é mãe (desculpa me soa ridículo ter que falar o óbvio), de	@duasmaesaqui	C1.4 O lugar da mãe não gestante	C2.5 E o doador?

	que ela não será pai, pãe, e que o ser mãe é tão plural e além da biologia, do gestar e amamentar (...).			
P68	Hoje completamos 23 semanas de gestação e já conseguimos fazer uma estimativa das barbaridades que ouvimos, mas separamos 4 para dividir por aqui: 1° a campeã de todas as falas/e ou perguntas: como assim não vão saber o sexo? – e tem suas variações: como vão comprar roupa? (Como se roupa dependesse de genitália). Que radicalismo não saber o sexo, né? E a mais bizarra pra gente: (leia-se antes que essa frase em 100% das vezes foi dita por alguém com zero intimidade e convívio conosco): “Eu não vou aguentar não saber o sexo” (que???). 2° é sobre parto e via de parto, temos as pessoas maravilhosas que têm uma história de terror mais ou menos assim: “vixi! A filha da prima da vizinha do colega de serviço do marido da cunhada da menina que entrega pão lá na Jane, na hora de parir pegou fogo e o nenê nasceu com 2 cabeças (...) Parto normal é perigoso viu! Ou seja, sempre me aparece alguém pra contar uma história de óbito materno/infantil ou alguma tragédia. 3° alguma frase com a palavra pai. Embora eu não consiga entender o quão difícil é olhar para duas mães e ainda questionar sobre existência de um pai, acontece muito. Seja pra validar nossa família – não precisamos da sua aprovação, seja sem querer. Como, por exemplo: “que barriga linda! Esse bebê tem muita sorte, né? Vai deixar papai e mamãe muito felizes” Frase dita por pessoa que nos conhece e sabe da nossa configuração familiar (que???) Ou “serão uma bela família, como pai e mãe dessa criança!” Como se a criança precisasse desse formato, como se	@duasmaesaqui	C1.10 Encaixe aos moldes heteronormativos	

	esse formato pai e mãe é o ideal de família a ser alcançado por todos (...). Somos e sempre quisemos ser mães, como mãe e mãe, como duas mães! 4º bem invasiva, não que as últimas não sejam, mas essa tá de parabéns: “De quem é o óvulo? As duas vão amamentar? Tem a genética das duas? Quando vão engravidar novamente? Pra cada uma ter seu filho, né?! Pode parecer bizarro, e é. Mas, ouvimos mais de uma vez cada frase dessa (...). E o pior que vem com tom de voz gentil, são pessoas banhadas na sua ignorância e heteronormatividade, quem nem fazem questão de se questionar ou sair da sua bolha antes de abordar uma família para fazer perguntas tão íntimas. #duplamaternidade			
--	--	--	--	--

P69	Doador de esperma é pai? De novo esse assunto, eu sei, é tão óbvio pra você quanto é pra gente? Somos duas mães! E do nada surgem pessoas preocupadas com a criação e desenvolvimento do nosso bebê. “Como será na cabecinha quando crescer?” Toda criança precisa de pai e mãe. Escolham padrinhos para a criança ter uma figura masculina! “E se a criança quiser conhecer o pai?” E por aí vai só piorando (...). Não vou fingir que não entendo, eu sei, eu sei! Fomos criados em uma sociedade heteronormativa, onde qualquer caminho que não a heterossexualidade (compulsória), é errado. Vivemos em uma sociedade patriarcal e machista, onde o homem (de forma muito arcaica) é o pilar, o varão da família. Então, sei que o processo de desassociar a imagem de família composta por pai, mãe e filhos como a correta, como a definição de família, como a tradicional pode ser longo e ter algumas dúvidas e dificuldades. Porém, o que não se pode de forma alguma é desrespeitar, é disseminar ódio, e ser intolerante, tentar impor sua religião e crença para pessoas que não a compartilham. É mais simples do que parece! Se eu te falar que somos duas mães, que crianças não precisam de pai e nem mãe, mas sim de pessoas dispostas a amar e cuidar delas, que sim compramos sêmen para nosso tratamento de fertilidade e que pai é bem diferente de doador de material genético, afinal quando você doa seu sangue não está criando laços nem vínculos com os receptores, né? E qualquer outra pergunta que possa soar invasiva ou que seja alguma dúvida, lembre-se que existe o Google, abre lá, digita sua dúvida e tenho	@duasmaesaqui	C2.5 E o doador?	C3.6 Diversidade familiar
-----	---	---------------	------------------	---------------------------

	certeza que terá respostas, não precisa chatear nem fazer perguntas descabidas para casais homoafetivos. Para finalizar, somos duas mães, pães só no café da manhã, pai? Nós duas temos, nosso filho nunca terá e tá tudo ótimo! Amor? Tem de sobra, tanto que não tem espaço pra intolerância e ódio.			
P70	Nem precisa de legenda, mas vamos lá! Depois de receber as primeiras mensagens intolerantes no perfil, nos inspiramos a reunir algumas fotos nossas pra ficar	@duasmaesaqui	C1.6 Deslegitimação da maternidade	C3.6 Diversidade familiar

	bem claro algumas coisas: Tem muito amor em nosso lar, amor é o pilar fundamental aqui de casa! Somos uma família, sim! E não precisa de nenhum líder religioso nem nenhum deus reconhecer, somos casadas no civil e nos pertencemos da forma mais linda que sabemos! Somos duas mães! O sêmen? Compramos e o relacionamento com o doador é nulo, Além do fato de não o conhecer, é indiferente! Se somos minorias? Não sei, mas sei que vivemos no país que MAIS mata a população LGBTQIAP+ no mundo inteiro, isso diz muito, né?!			
P71	Nem precisa de legenda, mas vamos lá! Depois de receber as primeiras mensagens intolerantes no perfil, nos inspiramos a reunir algumas fotos nossas pra ficar bem claro algumas coisas: Tem muito amor em nosso lar, amor é o pilar fundamental aqui de casa! Somos uma família, sim! E não precisa de nenhum líder religioso nem nenhum deus reconhecer, somos casadas no civil e nos pertencemos da forma mais linda que sabemos! Somos duas mães! O sêmen? Compramos e o relacionamento com o doador é nulo, Além do fato de não o conhecer, é indiferente! Se somos minorias? Não sei, mas sei que vivemos no país que MAIS mata a população LGBTQIAP+ no mundo inteiro, isso diz muito, né? Nem precisa de legenda, mas vamos lá! Depois de receber as primeiras mensagens intolerantes no perfil, nos inspiramos a reunir algumas fotos nossas pra ficar bem claro algumas coisas: Tem muito amor em nosso lar, amor é o pilar fundamental aqui de casa! Somos uma família sim! E não precisa de nenhum líder religioso nem nenhum deus reconhecer, somos	@duasmaesaqui	C1.6 Deslegitimação da maternidade	

	casadas no civil e nos pertencemos da forma mais linda que sabemos! Somos duas mães! O sêmen? Compramos e o relacionamento com o doador é nulo, além do fato de não o conhecer, é indiferente! Se somos minorias? Não sei, mas sei que vivemos no país que MAIS mata a população LGBTQIAP+ no mundo inteiro, isso diz muito, né?!			
P72	E lá vamos nós desabafar (...). Já escrevemos aqui sobre heteronormatividade, explicamos que não precisamos nos empurrar moldes heteronormativos para validarem nossa família. Não, obrigada! Não queremos ser nem copiar, nem nos espelhar em famílias héteros. E não porque os odiamos, mas nós existimos, somos tão família quanto, no nosso formato! Sabemos também que a sociedade tem como base/certo o papai e a mamãe, daí vem a saudosa frase: “você será a família das crianças, claro, serão como pai e mãe!”. Não, pare de tentar nos validar com base no que é certo para você! Seremos mães, seremos como mães, como duas mães e não precisamos de nada além disso. “Ah, mas as crianças precisam de figura paterna, toda criança quer e precisa de um pai e uma mãe, bom que vai ter os vovôs e <i>dindos</i>, né?!”. De novo, não! Não, não, não! Crianças precisam de pessoas que as amem e cuidem delas, apenas! Sei que pode parecer difícil de entender, mas respeitar tenho certeza que não é! Fomos sim criados em uma sociedade patriarcal, heteronormativa, homofóbica (...). Logo, estruturalmente acabamos por reproduzir o que nos foi empurrado, mas com esforço, empatia e com uma escuta ativa as pessoas podem sim aprender e juntos	@duasmaesaqui	C1.10 Encaixe aos moldes heteronormativos	

	vamos mudando o rumo da nossa querida sociedade. Esse desabafo não é só pra você, heterossexual, muitas pessoas LGBTQIAP+ acabam também, de forma compulsória, repetindo alguns comportamentos. E pra você LGBTQIAP + fica uma dica, não precisamos caber em forma nenhuma para sermos validad@s!!!!			
P73	No princípio da criação Deus os fez homem e mulher. Vamos lá, que estamos polêmicas hoje! Não vamos aqui entrar no mérito do que é real, da diferença de constatações científicas para as religiosas, mas sim na questão social. Começaremos esclarecendo alguns pontos, que à essa altura já deviam ser de conhecimento geral, mas (...)*. Vivemos em um país laico, ok? De forma bem simples - nenhuma religião pode intervir nas decisões políticas da nossa nação. (Kkkk) *Sua religião não me proíbe de nada, ela te proíbe. *Abordar pessoas na rua para oferecer a salvação, além de várias problemáticas, soa meio arrogante, não? Então vamos lá! Percebemos preconceitos travestidos de resistência e incompreensão por parte da sociedade em lidar com pessoas trans, não binárias, intersexo (...). Nasceu com pênis é homem! Veio com vulva é mulher! Sendo que o mundo é muito mais do que essas caixas que sempre nos empurram. “Ah, então você quer que eu ensine pro meu menino que ele pode ser uma menina? Que ele pode ser gay?” Reffitam, fomos ensinadas todos os dias da nossa infância a sermos héteros, doutrinadas basicamente, nunca foi nos apresentada NENHUMA opção diferente da de ser heterossexual, histórias com príncipe e princesas, em	@duasmaesaqui	C3.9 Atitude com relação a gênero	

	junho nas quadrilhas as danças eram sempre de casal, mas que casal? (CASAL NÃO É SOMENTE HOMEM E MULHER, OK?) Sempre sendo ensinadas a sermos femininas, não falar assim ou assado porque homem nenhum iria nos querer, e olha a gente aqui!!! Quando você mostra pra sua criança que o mundo é plural e existem inúmeras formas de ser e se expressar, você não a está incentivando nem doutrinando a nada, mas sim ensinando a ser respeitosa com todas as pessoas, a ter consciência de si e de seus quereres e oferecendo um lar seguro para que ela possa se conhecer sem medo da rejeição. Aqui em casa buscamos sim nomes que não remetessem a nenhum gênero, teremos vestidos, roupas rosas, azuis, coloridas para a criança que vier - buscaremos da melhor forma possível não impor nenhum padrão de gênero, nenhuma cobrança sobre a forma de se expressar para o mundo e muito acolhimento, muita informação (...). E com isso tentamos não contribuir com essa imposição binária que nos rodeia.			
P74	(C) “A quem será que os nenéns vão puxar (fisicamente)?” A bem da verdade, é que isso pouco importa para nós :). Quando escolhemos o material genético masculino (esperma) para nossa Fertilização <i>in vitro</i>, de início optamos por perfis que se assemelhassem ao da Sílvia em características. Quando nos pediram mais opções dentro o que poderíamos escolher, entendemos que não faria diferença se fosse um doador indígena, ruivo, preto, branco, alto, gordo, atleta ou nerd - só nos importava a saúde e o histórico médico. E foi com esses dois	@amordemaesapatao	C2.5 E o doador?	

	critérios que escolhemos 5 amostras no banco de sêmen nacional, numa planilha de Excel, não dando poder ou peso a essa escolha, porque, de fato, tanto faz. Temos curiosidade de saber como eles são? Claro! Sempre!!! Mas, para nós, os bebês são nossos filhos, independentemente da genética e da característica física: se têm o nariz assim ou assado, se serão baixos, ou negres, ou cabeludos ou como for - e nós os amamos do jeito que são!!!!			
P75	Um menino e uma menina. Teremos os dois gêneros dentro de casa. Seremos homens feministas e mulheres feministas dentro de uma família LGBTQIA+. Escolhemos nomes fortes e demos histórias a eles. Estamos criando os nossos laços, para que sejamos fortes a qualquer luta que trilhar. E estejamos juntos. Teremos crianças ativistas. Filhos de duas mães. Essa é a história da família. Veríssimo Guesa. A história de uma mãe gestante, branca, lésbica e a rainha de casa. E a história de uma mãe não gestante. Que também é não binária. E que se reconhece como pai. E que vai aumentar “as cria” Negra e bissexual. Casal interracial. Existimos. E nossos filhos serão pessoas incríveis. Podem apostar!	@amordemaesapatao	C3.9 Atitude com relação a gênero	
P76	Para você, o que é um casal? (S) duas pessoas que se pegam (C) Duas pessoas que estão juntas, seja por qual motivo for, independente do gênero delus. E por que a provocação? Estamos grávidas de dois bebês dos quais ainda não sabemos o sexo/gênero biológico, mas muitas pessoas nos abordam e torcem para que seja um casal. Entendo o amor e absorvo a torcida genuína, mas cá pra nós, essa expressão me incomoda num tanto. Porque, pense comigo: eu e a Silvia somos	@amordemaesapatao	C3.9 Atitude com relação a gênero	

	um casal, mas temos o sexo/gênero biológico iguais. Então, fico com uma sensação de estranhamento 🤔 Duas mulheres é um casal. Dois homens é um casal. Um homem e uma mulher é um casal (...), certo? Talvez porque estejamos estudando muito sobre cisgeneralidade e heteronormatividade, certas expressões e padrões não têm nos caído ou definido mais. Que tal, ao invés de esperar e desejar um casal, referindo-se a bebês de sexos diferentes, não desejemos isso: que sejam bebês de sexos opostos (biológicos) para que tenhamos experiências distintas? 😊 A mudança começa por nós.			
P77	(S) Ser mãe não gestante é sentir diferente. É estar no lugar de torcida a cada ultrassom, exames e contagem folicular. O processo de fertilização <i>in vitro</i> nos pede (exige) MUITA paciência. São meses de espera, e nesse meio tempo, cada um/a sente de um jeito diferente. Eu me sinto virando mãe, saca? MÃE - aquela que a gente mais ama no mundo.	@amordemaesapatao	C1.4 O lugar da mãe não gestante	

APÊNDICE B – LISTA DETALHADA DE REPERTÓRIOS

C1 Amamentação e a construção da maternidade
C1.1 Amamentação da mãe que não gestou
C1.2 Amamentação da mãe que gestou
C1.3 Dificuldade da amamentação
C1.4 O lugar da mãe não gestante
C1.5 Angústias da mãe não-gestante
C1.6 Deslegitimação da maternidade
C1.7 Dificuldades gerais com a maternidade
C1.8 Dificuldades gerais vinculadas ao divórcio
C1.9 Dificuldades gerais da dupla maternidade
C1.10 Encaixe aos moldes heteronormativos
C1.11 Relatos sobre a construção da maternidade
C2 LGBTFOBIA
C2.1 Lesbofobia
C2.2 Ataque LGBTfóbico
C2.3 Lesbianismo e gênero
C2.4 Preconceito vivenciado pelos filhos
C2.5 E o doador?
C2.6 Deslegitimação do relacionamento
C2.7 Violências sofridas na maternidade
C2.8 LGBTfobia (inespecífica)
C3 Tipos familiares, parentalidade e estilos parentais
C3.1 O lugar do pai na família de duas mães
C3.2 Exercício da parentalidade conjunta
C3.3 As vantagens de uma maternidade homoafetiva
C3.4 Atitude com relação a homofobia e os filhos
C3.5 Reconhecimento institucional
C3.6 Diversidade familiar
C3.7 Casamento LGBT
C3.8 Estilo parental
C3.9 Atitude com relação a gênero
C3.10 Atitude com relação a própria família
C3.10.1 Criação com apego
C3.11 Postura com relação à Religiões

APÊNDICE C – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: LISTA DE TEXTOS

Tabela 6 – Tabela de textos obtidos com a Revisão Bibliográfica

						(continua)
	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO
1	Salário-Maternidade - da duplicidade a casais homoafetivos compostos por uma mãe gestante e outra não.	Artigo	Direito	São Paulo	Homem	2020
2	Amor à primeira vista: o desafio da licença maternidade dupla.	Artigo	Direito	São Paulo	Mulher	2015
3	O lugar da parceira que não gesta: elementos para discussão sobre homoparentalidade feminina.	Artigo	Saúde Pública	Minas Gerais	Mulher	2020
4	Famílias Homoparentais: tão diferentes assim?	Artigo	Psicanálise	Belo Horizonte	Mulher	2013
5	(In)Visibilidade da vivência homoparental feminina: entre preconceitos e superações.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2016
6	A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina.	Artigo	Psicologia	Campinas	Mulher	2011
7	Homoparentalidade em questão: a voz de gays e lésbicas com filhos.	Artigo	Psicologia	Goiânia	Mulher	2007
8	Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: Revisão Integrativa da Literatura.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2020
9	Homoparentalidade feminina: laço biológico e laço afetivo na dinâmica familiar.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2017
10	As famílias que habitam A Família.	Artigo	Ciências Sociais	Goiânia	Mulher	2012
	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO

(continua)

11	Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres.	Artigo	Saúde Pública	São Paulo	Mulher	2012
12	Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco.	Artigo	Ciências Sociais	Florianópolis	Mulher	2008
13	Uma família de mulheres: um ensaio etnográfico sobre a Homoparentalidade na periferia de São Paulo.	Artigo	Antropologia	São Paulo	Mulher	2006
14	Representações de Homoparentalidade na mídia: configurações familiares contemporâneas.	Artigo	Psicologia	Florianópolis	Mulher	2013
15	Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay.	Artigo	Ciências Sociais	São Paulo	Homem	2007
16	Homoparentalidade feminina e a adoção conjunta de irmãos: expectativas e impasses.	Artigo	Psicologia	França	Mulher	2020
17	Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual.	Artigo	Direito	Rio de Janeiro	Mulher	2004
18	Preconceito e parentalidade? experiências de casais homoafetivos.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2021
19	Qual o lugar da maternidade lésbica e bissexual na escola?	Artigo	Educação	Londrina	Mulher	2021

	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO (continua)
20	O parentesco é sempre tido como heterossexual?	Artigo	Ciências Sociais	São Paulo	Mulher	2003
21	Uma família de mulheres: ensaio etnográfico sobre Homoparentalidade na periferia de São Paulo.	Artigo	Antropologia	Florianópolis	Mulher	2006
22	Sentidos e práticas da maternidade lésbica: um caso ímpar na mídia brasileira.	Artigo	Antropologia	São Paulo	Mulher	2007
23	Maternidade e lesbianidade: a perspectiva de um casal lésbico adotante.	Artigo	Psicologia	Niterói	Homem	2011
24	Dupla maternidade no Instagram: entre fotos, ativismos e parentesco.	Artigo	Psicologia	Dourados	Mulher	2009
25	Família Homoparental: enfrentando a vitalidade do patriarcado.	Artigo	Direito	Santa Catarina	Homem	2019
26	Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à Homoparentalidade.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2012
27	Homoparentalidade: um diálogo com a produção acadêmica no Brasil.	Artigo	Psicologia	Rio Grande do Sul	Mulher	2018
28	Ampliação do conceito de entidade familiar e o estado de filiação: a reprodução humana assistida contribuindo para o reconhecimento da dupla maternidade.	Artigo	Direito	Brasília	Homem	2013
29	Concepções e modos de viver em família: a perspectiva de mulheres lésbicas que têm filhos.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2016

	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO (continua)
32	Homoparentalidade feminina: nuances da assistência à saúde durante concepção, gravidez, parto e pós-parto.	Artigo	Psicologia	São Paulo	Mulher	2018
33	Representações sociais sobre a maternidade no contexto social heteronormativo construídas por mães lésbicas.	Dissertação	Enfermagem	Pernambuco	Mulher	2016
34	Gays e lésbicas: percursos, interações conjugais e projetos de parentalidade.	Dissertação	Ciências Sociais	Porto Alegre	Homem	2018
35	Discursos docentes sobre crianças cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetiva.	Dissertação	Educação	João Pessoa	Mulher	2016
36	Maternidade lésbica no Brasil: uma revisão de teses e dissertações nas ciências sociais, humanas e da saúde.	Dissertação	Saúde Coletiva	Rio de Janeiro	Mulher	2018
37	A identidade e a vivência da maternidade lésbica negra em Recife.	Dissertação	Direitos humanos	Pernambuco	Mulher	2017
38	Afinal, do que é feita uma família? famílias homoafetivas femininas: da (in)visibilidade às percepções hétero/naturalizadas de profissionais da educação básica.	Dissertação	Ciências Sociais	Maringá	Mulher	2016
39	Significados de consumo de lazer e o bem-estar subjetivo de mulheres lésbicas.	Dissertação	Administração	Paraíba	Mulher	2021
40	Experiências de gestação e parto de mulheres lésbicas e bissexuais.	Dissertação	Saúde Coletiva	Florianópolis	Mulher	2020

	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO (continua)
41	A possibilidade jurídica da dupla maternidade: as técnicas de reprodução assistida e a ampliação do conceito de entidade familiar.	Dissertação	Direito	Santa Catarina	Mulher	2016
42	Gestando afetos, concebendo famílias: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju- Selídia Marcelle Arnaud Aires. São Cristóvão (Se) 2012.	Dissertação	Antropologia	João Pessoa	Mulher	2016
43	Desejo por filhos em casais de mulheres: percursos e desafios na Homoparentalidade.	Dissertação	Psicologia	Rio de Janeiro	Mulher	2011
44	Nós já somos uma família, só faltam os filhos: maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas no Brasil.	Dissertação	Antropologia	Santa Catarina	Mulher	2013
45	Maternidades lésbicas: clivagem entre as tensões sociais e políticas do tornar-se mãe na contemporaneidade.	Dissertação	Ciências Sociais	São Paulo	Mulher	2017
46	Homoparentalidade e gênero: vivência cotidiana e relações familiares.	Dissertação	Psicologia	São Paulo	Mulher	2017
47	Os princípios constitucionais como fundamentos para a concessão de licença maternidade na adoção homoafetiva: possibilidade no ordenamento jurídico brasileiro.	Dissertação	Educação	Santa Catarina	Mulher	2016

	TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LOCAL DA PRODUÇÃO	Gênero do (a) autor (a)	ANO (conclusão)
48	Os princípios constitucionais como fundamentos para a concessão de licença maternidade na adoção Homoafetiva: possibilidade no ordenamento jurídico brasileiro. Fundamentos para a concessão de licença maternidade na adoção homoafetiva: possibilidade no ordenamento jurídico brasileiro.	Dissertação	Direito	Itajaí	Homem	2012
49	Enfim mães! da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica.	Dissertação	Psicologia	Rio de Janeiro	Mulher	2013
50	Duas mães? mulheres lésbicas e maternidade. Maternidade, paternidade,	Dissertação	Saúde Coletiva	São Paulo	Mulher	2012
51	homoparentalidade – reflexões sobre o exercício da parentalidade e as questões de gênero.	Resumo expandido	Psicologia	Rio de Janeiro	Mulher	2021
52	Homoparentalidade? A homomaternidade e suas vicissitudes.	Resumo expandido	Psicologia	Rio Grande do Sul	Mulher	2009
53	Famílias camaleão: adaptações, mudanças e desafios da Homoparentalidade.	Tese	Psicologia	São Paulo	Homem	2018
54	maternidades lésbicas: clivagem entre as tensões sociais e políticas do tornar-se mãe na contemporaneidade.	Tese	Ciências Sociais	São Paulo	Mulher	2007